O MAIS ANTIGO DOS ÉPICOS

EPOPÉIA DE GUILGAMECH

A BUSCA DA IMORTALIDADE

HEMUS

A BUSCA DA IMORTALIDADE

EPOPÉIA DE GUILGAMECH

EPOPÉIA DE GUILGAMECH

EPOPEYA DE
GUILGAMECH

A BUSCA DA IMORTALIDADE

EPOPÉIA DE GUILGAMECH

hemus

Tradução e introdução:
Norberto de Paula Lima

Revisão:
Deborah Schranck Peleias

Composição e arte:
Estúdio Behar

Título original:
THE EPIC OF GILGAMESH

© Copyright by Hemus Editora Ltda.

Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa e reservada a propriedade literária desta publicação pela

hemus editora limitada
01510 rua da gloria 312 liberdade caixa postal 9686
fone 2799911 pabx telex (011) 32005 edil br
endereço telegrafico hetec sao paulo sp brasil

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. Mitologia: História Esotérica 11
2. Mito e Culto ao Herói. A Sociedade Tradicional ... 33
3. O Drama. Cenário. Personagens 55
4. História Exotérica 69

EPOPÉIA DE GUILGAMECH

Guilgamech, Rei de Uruc 93
1. Surge Enkidu 95
2. A Jornada da Floresta 105
3. Ichtar e Guilgamech, e a Morte de Enkidu 125
4. A Busca da Vida Eterna 139
5. A Narrativa do Dilúvio 155
6. O Retorno 163
7. A Morte de Guilgamech 169

Tradução e introdução
Jacyntho de Paula Lima

Revisão
Octanny Schunck Peixoto

Composição e arte
Ramão Bittar

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. Mitologia: História Esotérica 11
2. Mito e Culto ao Herói. A Sociedade Tradicional ... 33
3. O Drama. Cenário. Personagens 55
4. História Exotérica 69

EPOPEIA DE GUILGAMECH

Guilgamech, Rei de Uruc 93
1. Surge Enkidu 95
2. A Jornada de Floresta 105
3. Ishtar e Guilgamech, e a Morte de Enkidu 125
4. A Busca da Vida Eterna 139
5. A Narrativa do Dilúvio 155
6. O Retorno 163
7. A Morte de Guilgamech 169

Título original:
THE EPIC OF GILGAMESH
© Copyright by Hemus Editora Ltda.
Todos os direitos autorais são reservados por Hemus
É proibida a reprodução total ou parcial por qualquer
meio sem autorização escrita da Editora.
hemus editora limitada
Impresso no Brasil/Printed in Brazil

INTRODUÇÃO

1. Mitologia: História Esotérica

Em nossos dias o mito é visto como todo pensamento oposto ao pensamento científico e lógico. Na Antigüidade, porém, e nas sociedades que entre nós são chamadas de "primitivas" o mito é a única realidade concreta e importante, numa verdadeira inversão dos nossos valores ocidentais.

Torna-se necessário dar ao leitor pouco familiarizado com o esoterismo o referencial mitológico enquanto origem de todas as coisas, e não como uma interpretação quimérica e aproximativa do universo, característica da infância da civilização que o racionalismo estreito do século XIX tentou impor.

Não é só a tradição judaico-cristã que traz o "mito" da expulsão do Paraíso: todos os povos têm lendas praticamente nas mesmas palavras. Todos trazem a nostalgia dos tempos anteriores à decadência da condição humana original "primitiva", no sentido de tempo primordial, tida como padrão da perfeição.

Todos os mitos das origens, quer do universo, dos deuses, ou da humanidade, referem-se a uma realidade figurada, por analogia ou comparação, como "superior" a esta que conhecemos através dos cinco sentidos. São feitas referências, analogias e comparações a um outro mundo, ao "Céu", ao Olimpo, ao mundo dos deuses, ou a uma misteriosa realidade além da origem do tempo contado por dias e noites, transcendendo mesmo aos deuses primordiais.

Não vamos julgar o mérito das interpretações psicologistas tão em voga em nossos dias. Sejam os mitos referentes à realidade subjetiva da infância de povos e indivíduos ou a uma realidade espiritual transcendente, primeiramente fica subentendido que representam a realidade da origem tal como a humanidade a percebeu; no início da história, tanto quanto no início da infância. Para confusão e desespero dos psicólogos que não estudam a alma e dos humanistas que estudam o humano sem sua natureza espiritual (que não separa a realidade em dualidades, tais como: concreto/abstrato; tese/antítese; tempo/espaço; relativo/absoluto), persiste ao longo da história, tão cultuada pela Academia, especialmente desde o Iluminismo, a predominância do religioso, do espiritual, da referência a uma realidade permanente e transcendente. O que "vem de cima" vem de fora do tempo, de uma realidade em que não há dialética nem separação, nem dualidade alguma, e onde qualquer forma de separatividade entre o humano e o divino é apenas convencional.

A própria renascença das obras de divulgação do esoterismo, a difusão da religiosidade oriental (uma lufada de ar fresco e regenerador vinda do Oriente para renovar a espiritualidade cristã; queiram ou não os letrados do Ocidente, a tradição espiritual oriental é a referência básica de tudo o que sabemos e estudamos), é evidência de que o humano sadio, não desvinculado da realidade maior a que chamamos espírito, ainda luta por se manter em nosso mundo tentando não sucumbir à lei da entropia, à lei do caos, tão defendida pela física moderna.

Pois a persistência incômoda de toda tradição espiritual, que "graças aos Céus" nos foi conservada em boa parte pelo museu representado pelas sociedades ditas primitivas, afirma e reafirma que a nossa realidade é apenas derivada, secundária. É emanação de um nível além do universo criado, é emanação de um mundo de imagens cheias de um dinamismo a que chamamos "vida", e recorrendo à pobreza de nosso vocabulário limitado pelo tempo... uma vida "eterna".

Em poucas palavras: há uma tradição espiritualista que sobrevive a todas as épocas da história e afirma que esta realidade é derivada, é efeito e não causa. Tudo o que acontece em nosso mundo é imagem grosseira e deturpada, em maior ou menor grau, daquilo que acontece numa realidade acima de qualquer dualidade ou destruição que seja definitiva. A narração destas origens é que constitui o *mito*.

Para as sociedades primitivas o mito é a verdadeira história, a raiz e a explicação de toda a história cronológica tal como o Ocidente conhece. A mitologia refere-se ao molde arquetipal de onde tudo deriva: a matéria; o espaço; o tempo; o humano e suas construções. Quanto à verificabilidade "científica" do mito, é algo que causaria risos a um "primitivo" pois o espiritual está além de qualquer experiência imediata do racional consciente. Está no nível *supraconsciente*, acima do alcance da psicologia mutilada de nosso tempo. O numinoso está além da intelecção fenomênica, que é só o que o cientista moderno entende e atinge.

Vamos passar a chamar as sociedades primitivas de "tradicionais", que será para nós um conceito mais amplo. Não só englobará sociedades tais como as que estão em nível de desenvolvimento material comparável à pré-história, como toda sociedade que se baseia na conservação *tradicional* do mito como referencial para a preservação de seus valores e como estabilizador de mudanças que poderiam causar confusão e desagregação da sociedade (como a sociedade ocidental moderna é afetada enquanto não faz referência à sua tradição, no caso, cristã).

Não estamos negando o valor da pesquisa histórico-científica. Mas só interessa saber a história na medida que se pode *interpretá-la*, isto é, atribuir-lhe *significado*. Ora, o significado só é estabelecido em relação a um referencial-causa, primordial e absoluto (sim, por que não regenerar o conceito de "absoluto" em pleno reinado da

1 – Figura neolítica de Tel Chagar Bazar, Mesopotâmia. Nesta estatueta, de uma fase em que o matriarcado parece ter imperado em todo o mundo, notamos pela proporção entre a possível cabeça e o corpo que deve ter pertencido a uma mulher titânica, de três metros de altura. Note-se também sua posição, lembrando uma postura de ioga.

Relatividade?). Assim a pesquisa histórica positivista vem enriquecer o quadro da tradição mitológica, para quem sabe ver, ou entrever, a ponte entre este mundo e o outro, e como este derivou daquele.

Esta interpretação numinosa da história tem nome: é a *tradição esotérica.* Enquanto este mundo e esta humanidade não se transformarem num "inferno", ou seja, num mundo de ordem inferior, essa tradição não será perdida. Sua conservação se dá por vários caminhos, redundantes ou não, denotando que nem tudo está perdido. O primeiro recurso que a humanidade decaída utilizou foi a memória da sua condição espiritual recém-perdida: aqui, a mitologia enquanto história, mas uma história não-cronológica, não referida ao tempo, mas aos modelos eternos. A meditação sobre os eventos que afastaram a natureza humana da divina levou as pessoas redimidas a elaborarem o comportamento no qual deveriam se concentrar e que deveria lhes servir de norma, como uma reversão das etapas que as afastou do "Céu". A este conjunto de normas e comportamentos, bem como às crenças "mitológicas", deu-se o nome de *religião,* ou religação da natureza humana com a divina. As normas de comportamento chamaram-se *ritual* (aquilo que é "reto", ou remetendo a uma raiz sânscrita, aquilo que é verdadeiro, de *hrtam,* a verdade) e a mitologia fixou-se em *dogma.*

A aceitação ingênua e literal do mito e a repetição do rito como uma fé cega (fé: aceitação *a priori* de re-

2 – Pequena cabeça em marfim, do período aurignaciano, Brassempoury, França. Outra escultura do neolítico, revelando um trabalho delicado e estilizado, com feições finas características das sociedades cultas. O cabelo chega ao requinte de um penteado encaracolado, e as dimensões do corpo indicam uma giganta.

sultados e raciocínios por impossibilidade de verificação, ou por se julgar desnecessária uma explicação; para quem não crê, nenhuma explicação é possível; para quem crê, nenhuma explicação é necessária) constitui o que, por exemplo, na Antigüidade Clássica era conhecido como os "pequenos mistérios". A interpretação da tradição esotérica como ponte entre este mundo e o mundo não-dual do espírito, onde cessa toda dialética, era chamada de "grandes mistérios": o que dá ao estudioso alguma autonomia de ação no mundo intermediário entre as duas realidades (o "astral", o ambiente do "médium", ou intermediário). É disso que tratamos neste livro.

A iniciação propriamente dita é o estágio onde se dá a transferência da consciência racional, verbalizável, "normal", para o plano supraconsciente onde há a morte ritual da pessoa e o "início" da verdadeira vida: a consciência transcendendo as limitações da matéria, espaço/tempo, e compartilhando concretamente, objetivamente, da natureza divina (à imagem e semelhança de Deus). Não é o fim, mas o início efetivo do caminho de volta à nossa pátria celeste. O conformismo com este mundo é um dos grandes perigos que o homem moderno incorre ao aceitá-lo como um estado definitivo de onde não há saída (*lasciate ogni speranza, voi ch'entrate...*). A negação da ressurreição como realidade concreta ao alcance de qualquer um que queira, resolutamente, negar a natureza do fenômeno como absoluta, deixa para trás a matéria e suas limitações e aceita a solidez do espírito, que

entre outras realidades superiores dá o poder mágico de influenciar a matéria sem o intermédio do corpo, como a magia, o milagre e outras coisas inaceitáveis pelo raciocínio dito "científico".

Estamos interessados na interpretação esotérica de um aspecto da nossa história, especificamente da civilização que ocupou a fértil Mesopotâmia, mais fértil em civilização que na agricultura. Não nos percamos na narrativa estéril que se pode encontrar em qualquer texto didático de história. Concentremo-nos na descrição das metamorfoses particulares da Alma do Mundo que resultaram nos povos, heróis, deuses mesopotâmicos e no ensinamento espiritual centrado no mito do herói Guilgamech.

A interpretação esotérica da história não se limita a definições estreitas daquilo que hoje é conhecido como "materialismo histórico"; de fato, não nega o que a ciência de nossos dias descobriu, mas superpõe à vista curta do materialista toda a memória do espírito, fora do próprio tempo, uma de suas criações, e toda uma seqüência de eventos, como os quadros de um filme cinematográfico que nossas almas delimitam entre a criação *deste* universo e o próximo fim da versão atual da humanidade. Assim sendo, aquele que aceita a visão esotérica do mundo vê superposto ao ensinamento exotérico, e transparecendo por este seu suporte material, toda uma outra realidade e uma "verdadeira vida" onde o ego fechado na

matéria se reabsorve em plenitude, também chamada de espírito.

Para o esoterista o mito é a história da Alma do Mundo, a memória da vida espiritual da criação conservada por todos os povos até nossos dias sob o véu da alegoria, da analogia. Aqui a cabala em seu sentido mais geral, mais elevado é a linguagem dos anjos, ou espíritos elevados, a "ciência exata" da intuição.

A "alegoria" se refere mais precisamente a *arquétipo*. Este termo significa precisamente "tipo primordial, arcaico, original". Os tipos primordiais com que Deus escreveu a Criação baseiam-se nos modos fundamentais de dividir o espaço, referente a um espaço não-dualista que é, portanto, conceitual, lógico tanto quanto geométrico e "físico", concreto. Estes modos fundamentais são *sete;* derivam a estrutura e o fascínio da música, reflexo bastante fiel dos tijolos com que o universo está construído. Estes sete modos básicos de dividir o espaço indiferenciado (Caos dos Sábios) quando afetados pela dualidade que caracterizará o *tempo*, se desdobram em 21 configurações lógico-geométricas. Acrescendo a configuração do espaço que gera a dualidade do tempo, temos 22 configurações básicas a partir das quais pode-se "escrever" tudo aquilo que *é*. Portanto, segundo nossa definição, só há 22 arquétipos. Toda outra utilização da palavra "arquétipo" se referiria a um conceito amplo, por exemplo, de composição de alguns dentre esses 22

para formar um novo "tipo psicológico". De uma civilização para outra, os mantenedores da tradição ainda ininterrupta, de geração para geração, de mestre para discípulo, recorreram a artifícios materiais como o baralho das 22 cartas do Tarô; ou os cabalistas hebreus, com as 22 letras de seu alfabeto. Há também 22 aminoácidos essenciais à transmissão da informação genética no núcleo de nossas células, reflexo em nossa própria constituição orgânica do alfabeto celestial.

Para quem aceita o espírito não é possível aceitar qualquer forma de dualismo, senão como definição inferior, subordinada: o concreto e o abstrato são dois aspectos convencionais, que só servem à nossa mente sujeita a toda espécie de limitação, de uma realidade indivisa. Nem mesmo pensamos em chamá-la "monista", para, por uma limitação de nossa própria linguagem, não recairmos num novo e pernicioso dualismo, o de distinguir entre "monismo" e "pluralismo". Isto serve para concluirmos que, em matéria de história esotérica, não falamos da matéria e espírito como realidade esquizofrênica, dividida e contraposta contra si mesma (toda casa dividida contra si mesma perecerá). Se a ciência nos apresenta uma cosmogonia, em nenhum momento a consideramos como negação de uma vontade divina, mas como a "inscrição" do sensível em um texto idealizado no espírito e que lemos com os instrumentos de nossa ciência, ou mesmo, com os cinco sentidos. Ora, num cientista encontra-se um espírito (malgrado o materialismo dos próprios...). Da cria-

Eixo da entropia (ou "grau de organização dos mundos)		Chacras	Número de dimensões de cada mundo
Alfa (entropia tendendo a *zero*)	7A	O corpo transmutado; o corpo do Buda; Corpo da Ressurreição; o "sahu" dos egípcios.	0
	7º	Supramental; intuição transcendental; nível mais alto da magia.	1
	6º	Raciocínio não-verbal; meditação.	2
	5º	Raciocínio verbal e expressão psicológica.	3
	4º	Coração; ponto de encontro e conflito dos sentimentos egoístas e altruístas.	4
	3º	Sistema nervoso; os sentimentos; o psicossomático.	5
	2º	Sistema nervoso; os sentidos.	6
	1º	A matéria	7
Ômega (entropia tendendo a *infinito*)	0º	Submatéria; matéria-prima do inferno.	8

O quadro acima é profundamente esclarecedor para o estudante de esoterismo. Mostra um modelo do universo em nove "patamares", uma imagem que encontramos não só na mitologia germânica, cultura referencial deste modelo em particular, mas também na mitologia chinesa, que se refere ao universo como um "pagode de nove patamares". O número nove se refere aqui ao número de dimensões de cada "patamar de entropia" da criação. Curioso notar que foi demonstrado, na matemática, que não se pode formular números imaginários além dos complexos com mais de *oito* componentes (chamados "octônions"). O nível em que se encontra unicamente a consciência divina *não* tem dimensão; é "zero-dimensional", sendo o potencial de todas as outras dimensões. O nosso mundo, Midgard, é o de 4 dimensões (número mediador de 9, daí ser a "Terra do Meio"). A estrutura psico-física humana que conhecemos através da tradição hindu, com 7 chacras, se superpõe a este esquema *provavelmente* como indicado. Os níveis mais alto e mais baixo só seriam superados por outra estrutura psico-física (a da Árvore da Vida, da Cabala). Neste sen-

GERMÂNICA

Nome do mundo ou nível do universo	Habitantes de cada mundo, nível ou patamar do universo
MOSSPELHEIM (o Empíreo; o Céu)	O Pai Universal, o *Allvader* (literalmente, Tudo-Pai) os anjos superiores, que servem diretamente ao Senhor.
LIDSFAHEIM (ou GIMLE, o Éter)	Espíritos de luz e fogo, anjos em geral.
GODHEIM (ou AS-GARD)	Os deuses maiores, o Olimpo.
VANNAHEIM (ou VINDHEIM)	Os *Vanir*, deuses do ar; deuses menores; semi-deuses; heróis; espíritos humanos superiores.
MANNHEIM (ou MIDGARD, a "Terra do Meio")	Os humanos.
JOTUNHEIM (ou UTGARD, um lugar "além do oceano")	Terra dos *JÔTNAN*, ou gigantes. Elementais, gênios, duendes, fadas, elfos.
SVARTALFHEIM (um lugar "no interior da terra")	Anões, ou gnomos.
HELHEIM	O domínio de Hela, a rainha do inferno, e das sombras dos mortos condenados — o Hades dos gregos.
NIFLHEIM (o lugar mais profundo do universo)	O espaço frio, além de Helheim, onde se encontram o lago das serpentes (HVERGELMIR) e o rio dos mortos (NASTRÖND), o Styx, ou Estige, dos gregos. Quem for "além" só poderá retornar ao *Allvader*, fechando o ciclo do universo, e retornando à Origem de todas as coisas.

tido queremos dizer que, para fins kármicos (isto é, de reencarnação), o espírito de um indivíduo pode ter vidas paralelas em um ou mais universos (do tridimensional, ou octodimensional) até atingir a Libertação definitiva, ou extinção do karma que o obriga a reencarnações sucessivas. As noções de "céu" e "inferno" referem-se ao *grau de organização* da estrutura da matéria e do espaço de cada patamar (noção de "entropia", em física). A nossa "Terra do Meio", ou "Terra dos Homens", está a meio caminho entre céu e inferno, ponto de encontro e de conflito das tendências entropizantes e neguentropizantes. Para quem está encarnado aqui, devido ao vaivém das marés egoístas e altruístas, que podem impedir uma evolução linear para mundos mais elevados, a saída "menos difícil" é procurar realizar o Unitário ("Mosspelheim", ou "Allvader") aqui mesmo. Podem existir mundos com dimensão superior a 9, mas serão sempre *combinações* dos que são dados neste quadro (é o conceito de "combinação linear", da álgebra).

ção até a descoberta científica, temos um só espírito que consegue "brincar de esconde-esconde" consigo mesmo e ainda achar graça...

No mito-história esotérica de Guilgamech, vamos encontrar restos de ensinamento espiritual tão antigo quanto muitos aspectos geológicos de nosso planeta, por isso recuamos tanto em nossas considerações iniciais.

Diremos que a civilização mesopotâmica foi o que restou, dentre uns poucos outros exemplares análogos, da antiga civilização dos gigantes, convencionalmente chamada "Lemúria" que teve seu início quando da divisão da Pangea em Hiperbórea e Gonduana (há 135 milhões de anos, pela avaliação da geologia contemporânea). Encontram-se outros restos da herança espiritual do arquétipo dos gigantes da Gonduana, como na Índia e sudeste da Ásia e América Central; mas das civilizações estudadas pela história exotérica, herdeiras da Gonduana que influenciaram diretamente a tradição cultural européia, temos a Mesopotâmia através de seu papel fundamental para o povo hebreu, a Bíblia e a tradição judaico-cristã, em geral.

Vivemos no nível do Universo que chamaremos de quaternário, pois é o nível de organização onde todas as forças e interações podem ser reduzidas a quatro forças básicas, que os esoteristas chamam tradicionalmente de terra, água, ar e fogo (v. esquema da mitologia germânica). Como vemos no esquema, num universo de nove patamares, o qual coincide com o pagode de nove andares,

imagem do universo na mitologia chinesa, o nosso universo particular está no meio (a "Terra do Meio" dos chineses). Os gigantes, enquanto filhos de anjos caídos, não mereciam ir para o inferno pois não tinham culpa dos erros dos pais, nem mereciam ser estabelecidos no Céu, no lugar dos anjos, pois eram criaturas da imperfeição. Pertenciam ao mundo do meio, suspenso entre o Céu e o Inferno. A humanidade é relativamente recém-chegada ao universo do quaternário. A expulsão do Paraíso, a Terra celestial a que a humanidade efetivamente pertence, só se deu no que determinou o período geológico do terciário, o oligoceno da geologia: há 30 milhões de anos, quando da eclosão das plantas com flores e frutos e dos animais mamíferos (sinais, em meio à natureza da matéria grosseira, da aproximação de uma nova alma no planeta e da condensação de novos corpos de matéria nele sutil; um novo elemento psíquico causando alterações).

Nos dois continentes primevos, tínhamos segundo a tradição: a Hiperbórea: o espírito, a mente, a lógica, a abstração, a hierarquia angelical, o Pai, o Sol. Na Lemúria, ou Gonduana: a matéria, o corpo, a sensualidade, construção concreta, a técnica, a Mãe, a Lua.

A lenda de Guilgamech tem como um de seus elementos notáveis, e talvez aquele pelo qual é mais conhecida, a lenda do dilúvio, onde o sobrevivente patriarca humano é Utnapichtim, no lugar de Noé. Supõe-se que a lenda da Bíblia seja herdada diretamente desta tradi-

ção mesopotâmica mais antiga, já que os hebreus descendem diretamente deste povo. Ora, o dilúvio se refere a um passado glorioso deste mundo demasiado cansado e envelhecido para sequer lembrar-se de seu passado não-imediato: a Atlântida. Esta foi a última civilização titânica e o último rebento da Lemúria. Os povos mesopotâmicos primitivos eram sobreviventes do afundamento dos remanescentes emersos da Lemúria. Daí o fio que une todas as estórias.

Caberia insistir na dissipação do que consideramos um engano de videntes que podem ter entrevisto algo do passado remoto, através de disciplinas mentais e espirituais tais como a ioga, ou outras. Alguns insistem em ver o dilúvio de Noé por volta de 10000 a 15000 anos a.C. Talvez porque o condicionamento cultural que receberam só lhes permita aceitar a tese do passado que a ciência apresenta, sem o menor sinal de vida inteligente, ou de civilização de hominídeos aparentados ao senhor Darwin. Há uma conhecida interpretação teosofista de visões falando sobre as ilhas atlantes de Ruta e Daitya. Pensamos ser mais coerente atribuir estas ilhas às últimas terras emersas da Gonduana, por volta de 80000 a.C., em pleno Oceano Pacífico. Outra tese que acreditamos misturar restos da Lemúria com a Atlântida é a da vidente francessa Crystia Sylf, em seu livro "Markosamo, Le Sage" [1]. O ambiente descrito pode muito bem ter correspondido à

1 — SYLF, Crystia, *Markosamo, Le Sage*, Ed. Laffont, Paris.

Atlântida, mas refere-se às ilhas Ruta e Daitya, remanescente da Lemúria.

É preciso refrear o excesso de entusiasmo por tais teses. Já é bastante difícil para uma pessoa orientar-se nesta enxurrada de literatura atlantológica: além do conhecimento de muitas línguas, antigas e modernas, requer-se uma ampla familiaridade com a história, arqueologia, etnologia, mitologia, e mesmo geologia e astronomia. Relembrando a opinião do coronel Alexander Braghine [2], autor de diversas obras sobre a Atlântida e que viveu muitos anos no Brasil, onde também publicou suas obras pela extinta editora Pongetti:

"...Gostaria de tocar uma fonte de informação bem diferente concernente à Atlântida, isto é, as assim chamadas 'revelações' de teósofos, antropósofos, etc. Pessoalmente não estou do lado dos materialistas que consideram todas essas revelações como meramente imagens de mentes desarranjadas: ao contrário, acho que os métodos ocultos de obter conhecimento, assim como por clarividência, podem permitir-nos por vezes perceber algo que ordinariamente escapa de nossos cinco mui elementares sentidos. Mas desgraçadamente esses métodos fracassaram, até o presente, em produzir conhecimento científico novo sobre qualquer assunto, seja um fenômeno da natureza ou sobre a história da humanidade, e até ago-

2 — BRAGHINE, Alexander. *The Shadow of Atlantis* — 1940.

ra tais fontes não proporcionaram mais do que informação bastante ordinária e trivial. Uma descrição veraz de eventos que tenham ocorrido há alguns milênios seria um feito totalmente além do alcance das possibilidades ocultas, ao menos presentemente... Portanto, não posso associar grande importância à informação recebida por hipotéticas 'Lojas Brancas', ou por clarividentes, místicos, médiuns, etc. Por este ponto de vista, considero as obras concernentes à Atlântida por autores tais como H. P. Blavatsky, Scott Elliot, Leadbeater, e outros escritores similares como ficções mais ou menos bem-sucedidas, pois que não fornecem qualquer informação capaz de controle científico. Baseio minhas teorias só sobre fatos a respeito dos quais é permitido fazer um certo número de conjecturas mais ou menos plausíveis. Ademais, é de se lamentar que diversos visionários e novelistas tenham explorado o assunto da Atlântida e suas atividades tenham alienado a atenção de muitos pesquisadores sérios da verdade, criando em torno dela uma atmosfera de fantasia e ficção. Portanto, o público ficou incapaz de separar o fato da ficção e permanece ignorante das conquistas de um verdadeiro conhecimento que são dolorosamente coligidas por investigadores sérios como, por exemplo, Lewis Spence, a sra. Whishaw e outros. Uma solução do problema da Atlântida, quer positiva, quer negativa, seria imensamente útil para a ciência, em geral: acarreta numerosas excursões nos reinos de diversas ciências, e a pesquisa dos prós e contras já trouxe uma rica colheita. Graças a estas tentativas, nosso conhecimento das épocas

4 – Colossal Estela em Copan, Honduras, representando a deusa maia Ixchel da água, do nascimento e da tecelagem, séc. VII d.C. Tanto na arquitetura quanto na estatuária de povos relativamente recentes encontramos a permanência dos arquétipos de Gonduana-Lemúria-Mu. Note-se a pompa trabalhada e a fisionomia característica lemuriana.

5 – Na página seguinte: imagem guardiã da porta oeste do santuário de Ta Som, Angkor, Camboja.

mais remotas é agora incomparavelmente maior do que era há dois séculos".

Sem sermos tão radicais quanto à impossibilidade de se obter conhecimento científico exato, verificável e reprodutível a partir de planos de consciência superiores aos estado comum de vigília, devemos reconhecer as recriminações do coronel Braghine contra os excessos de entusiasmo, geralmente infundado, causado por visionários. Consideramos, não obstante, correto nosso paralelo entre a história da geologia e a das forças espirituais que nele habitaram, até a forma humana condensada de hoje.

Chegamos ao ponto crucial do mito do dilúvio: a cisão total entre a civilização dos gigantes, que foi violentamente encerrada e seu conhecimento praticamente apagado, e a nova civilização, que tinha sido conspurcada e deteriorada pelo contato com os gigantes (mesmo quando involuntário) e agora reelaborada dentro da matéria densa do quaternário com o espírito humano habitando os corpos dos hominídeos, antes considerados por gigantes e humanos como meros "macacos". Temos um verdadeiro abismo entre uma natureza anterior, de uma humanidade com corpos de energia sutil correspondente ao ternário (o nível do universo em que tudo pode ser descrito em termos de apenas três energias), e a passagem catastrófica para o quaternário. A mistura entre a linhagem titânica e a linhagem humana nos corpos do ternário já tinha introduzido elementos espúrios na herança genética; a descida ao nível dos antropóides, ou hominídeos, cau-

sou incomensuráveis perturbações nos sentimentos, na natureza psicológica da humanidade e na sua maneira de raciocinar. Salvo uns poucos focos de civilização que sobreviveram ao desastre (como o Egito, a Índia e alguns focos na América, por exemplo), a maior parte da humanidade anterior ao dilúvio passou a habitar os corpos dos hominídeos que, depois desta violentíssima involução, passaram à duvidosa evolução postulada por Darwin, cuja culminação somos nós.

2. Mito e Culto ao Herói. A Sociedade Tradicional

O herói, por definição, não pode ser o homem comum. Há pessoas que nascem para ocupar o mundo: nascer, aprender, formar família, criar raízes e dar continuidade à ocupação humana deste mundo. Morrem e continuam junto com a grande massa humana trilhando a larga estrada principal do aperfeiçoamento espiritual. Aceitam, respeitam e defendem ingenuamente os valores e instituições recebidos de seus antepassados, constituindo-se em massas estabilizadoras da permanência das tradições, impedindo salutarmente os choques e abalos violentos da introdução do novo no mundo. É a multidão da esperança. Em circunstância nenhuma o letrado, por orgulho, deve desprezá-los. "Onde está, pois, o raio que consuma a sua língua? Onde o delírio que é necessário incutir-lhes? Vede: eu vos anuncio o super-homem. É ele o raio! É ele o delírio" [1].

Entretanto, não é destes que falaremos, mas daqueles cuja matéria-prima resulta num Guilgamech: o he-

1 — NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falava Zaratustra* — Introdução III, Hemus Editora Ltda., SP, 1979.

rói em busca da imortalidade. A matéria-prima dos heróis é aquela fatia da humanidade que deseja intensa e sinceramente *compreender* o mundo. E sendo a história cronológica entremeada de conformismo e acomodação a um estado de coisas cada vez pior, os grandes vultos da história são sempre os inconformistas. Para desgraça nossa, como são sempre inadaptados a seu meio ambiente e raramente recebem educação de altos ideais espirituais, passam a usar seu talento para a dominação do mundo. Quando bem orientados, porém, têm dois caminhos: o da fé, transformando-se em santo, visionário, profeta, milagreiro, pregador, filantropo exaltado. O outro, o da caridade, ou nos termos da ioga, o da Carma-Ioga. É o caminho da ação como oração, como dádiva do seu trabalho, e ao fim de si mesmo, ao Absoluto. É o caminho daquele que se atira, apaixonado pelo conhecimento e com o conhecimento, à causa do espírito. É a porta mais estreita e perigosa, exigente, para a iniciação. É o caminho oculto do mago, do herói mítico, do cavaleiro medieval, do alquimista, de alguns profetas, como Henoc e Elias, e do avatar, como Cristo.

Dificílimo caminho, diria o leitor, para uns poucos escolhidos pelo destino (*Si te fata vocant...*). Servirá de norma para os que queimam com o anseio da iniciação, como estímulo pelo caminho apenas pedregoso no início. Servirá para o conhecimento e meditação dos que, entregando-se totalmente à fé, sentem que nada precisam buscar; aos que se entregam ao cuidado maternal da di-

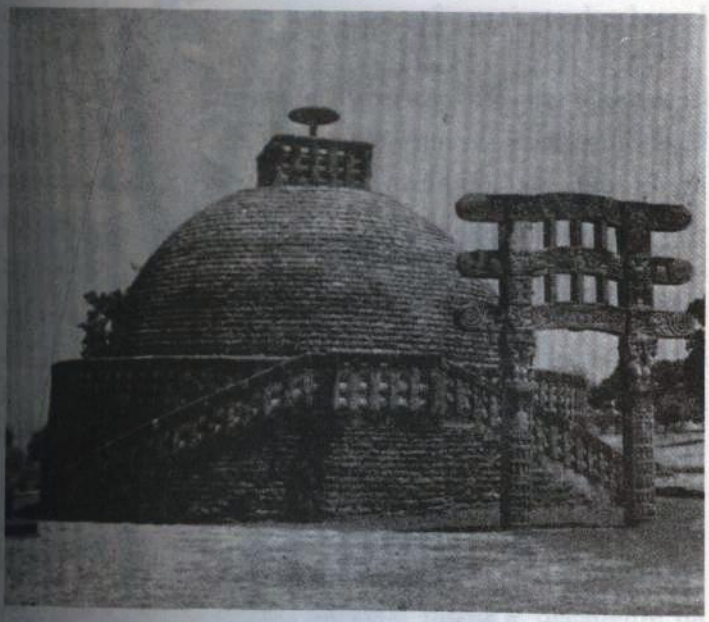
vindade que tudo lhes provê; aos que não precisam mais de explicações, senão evitar o novo e aguardar o cumprimento de seu destino. Para os curiosos e amantes do conhecimento, do caminho da esperança, para lhes suscitar dentre seus filhos, heróis, tanto quanto quiserem e lhes for possível almejar...

Na sociedade tradicional, naquela em que só o mito é a doutrina religiosa, ainda é muito viva a lembrança e a experiência cotidiana de uma ordem, de um Cosmos. A ordem do universo é mantida e repetida em escala humana pelo ritual religioso. Se o ritual for desrespeitado, algo horrível poderá acontecer para o mundo. Tudo está cheio de espíritos: espíritos da natureza, demônios, sombras dos falecidos (pais, parentes, guerreiros, sábios, almas condenadas e vingativas); tudo está cheio de agouros: o raiar do Sol, as nuvens, o clima, o vôo das aves. Qualquer evento anormal, qualquer sincronia que chame a atenção, é um agouro dos deuses, bom ou mau. O homem comum nem sempre percebe os sinais das divindades, e recorre aos sacerdotes, aos visionários, aos eremitas, aos feiticeiros, aos caminhos da fé, para ser elucidado sobre o caminho a tomar, indicado pelos auspícios.

Cada pessoa sabe o lugar que lhe cabe e o que deve fazer: foi totalmente instruída sobre a organização dos interesses humanos comuns e está em paz. Seu trabalho é sua diversão, pois tem consciência da importância de seu papel neste Cosmos, o que lhe dá uma feliz sensação de

harmonia eliminando todo *stress*. O homem religioso raramente constitui família, ficando imerso, como que camuflado, em meio à sociedade dos comuns. Geralmente na adolescência é encaminhado pelos deuses para as mãos que o dirigirão à plenitude da fé. Na Antigüidade, os templos e colégios sacerdotais; na Idade Média, os conventos. Na modernidade, salvo as poucas vocações sacerdotais legítimas, não há paralelo por não constituirmos majoritariamente, no Ocidente, uma sociedade tradicional. No Oriente, os mosteiros budistas, os *ashrams*.

Há ainda uns poucos que almejam algo grande, nobre, amplo; almejam voar pelas alturas do espírito e vagar livres, como o leão, pelas montanhas (como se diz na Índia). É o que se lançará à ação política ou militar e à investigação científica, no caso das mentes mais fortes. É o lugar dos que não têm lugar em meio às tradições. Na ânsia de fazerem o novo, de fazerem história, intensificam o seu ser espiritual até entrarem em reverberação com os arquétipos que correspondem aos seus impulsos mais básicos (o carma, o destino, a hereditariedade, a casta...). Só nas sociedades em que a tradição começa a morrer e cristalizar é que estes elementos são negativos. Sentem-se sufocados ou sem opção, revoltam-se, tomam o que a sociedade não lhes deu: uma chance de desdobrar seu potencial espiritual. Os rebeldes, bem ou mal-sucedidos, os tiranos, e os grandes e geniais criminosos saem dentre estes.



6 – Templo ou *stupa* em Sanchi, Índia. Origens lemurianas comuns em todo o mundo: a representação esquemática nos templos da estrutura do universo, organizado em níveis. Aqui o dono simboliza o céu que envolve a terra, a plataforma no topo é a morada dos deuses, o mastro no centro o eixo do céu e da terra, e a cobertura mais alta o paraíso de Brahma.

7 — Templo de Meroé, Bali, Indonésia.

Guilgamech fartou-se de ter tudo o que poderia imaginar ao alcance de sua imperial vontade. Não havendo desafio à sua capacidade neste mundo, partiu para o mundo do espírito, dos mortos, dos deuses, e mesmo dos infernos. Desafio aos demônios, desafio ao antepassado: Dêem-me o que é meu direito: o estabelecimento entre os deuses, já que entre os humanos não mais tenho lugar!

Nos tempos em que o discernimento e a visão espiritual da humanidade ainda não estavam obstruídos pela matéria grosseira, os espíritos evoluídos se impunham naturalmente: a autoridade espiritual é o princípio natural de autoridade. Estes eram os reis-sacerdotes do antigo mundo, tanto titânico quanto humano. Com a difusão das tendências involutivas e da magia negra é que foi inaugurada a rebelião contra a autoridade paterna (em última análise, a do Deus-Pai). Esta foi a origem da monarquia (relembrando a etimologia: governo de um só), e o rei era o pai do povo, assim como Deus é o Pai de todos. A coroa, objeto que depois veio a ser símbolo da realeza, foi uma imitação material tardia e decadente da aura do sétimo chacra, que antes era visível a todos, e sinal do homem superior que atingira a plena liberdade espiritual perante Deus, um verdadeiro rei (lembramos a Raja-Ioga, modalidade máxima e mais abrangente da ioga, a disciplina total de corpo-mente-alma que faz o espírito de um *raj*, ou rei, em sânscrito, termo que deu o moderno rajá hindu). A única lei possível era reflexo

da ordem arquetipal do universo, e não um conjunto arbitrário de normas supostamente morais. Assim, não era e não é possível respeitar uma lei cuja contravenção não for um pecado, no sentido de ser um afastamento da ordem absoluta, da natureza de Deus.

Outra característica da civilização tradicional, ou mágica, era o sistema de castas. Com a fixação progressiva e a imobilização da energia espiritual, o processo que transforma a energia livre do espírito em matéria, as etapas arquetipais da evolução espiritual foram fixadas também na organização social. Cada vida era gasta na aquisição do potencial psíquico de cada casta até a libertação de qualquer necessidade de reencarnação.

Outro valor antigo perdido nos nossos dias: o valor mágico da arte. Recorria ao princípio da analogia, ou magia simpática: o simulacro de uma coisa e a coisa propriamente dita são uma só coisa (dependendo, é claro, da força da vontade que for aplicada ao simulacro). Todas as recordações do mundo dos espíritos, visões, músicas, gestos (ou dança) tornam-se centros emissores de ondas de energia mental ou psíquica para propiciar e iniciar a transmutação e o caminho de volta a Deus; são como que lembretes da natureza divina.

A tese ou visão do mundo enquanto terra plana, também é reminiscência das almas do binário, em que o espaço não é tão deformado quanto nos mundos inferiores. Se aquilo a que chamamos ciência moderna nunca se

8 – Santuário budista de Karli, Bhaja, Índia, construído dentro de uma caverna. Arquitetura em estilo ciclópico, com colunas de 12 faces sobre jarros d'água estilizados, encimados por elefantes montados por homens e mulheres. Ao fundo, um stupa.

9 – Na página seguinte: Nalanda, cidade no nordeste da Índia, um dos últimos grandes centros do budismo.

consolidasse, as almas sempre acreditariam na terra plana que é o binário, tendendo a voltar para lá. Como acabamos reconhecendo e aceitando o quaternário tal como realmente é, criou-se um conformismo até certo ponto perigoso, por fazer este mundo parecer agradável, aceitável, ou até mesmo, o único que temos; e, portanto, é melhor estimá-lo, quando há uma infinidade de mundos superiores e inferiores.

Os arquétipos mais concernentes ao caminho do herói, tais como nos são apresentados pelos arcanos do Tarô: Imperador (IV); Enamorado (VI); Morte (XIII); Carro (VII); Força (XI); Estrela (XVII).

O Enamorado representa o dilema deste mundo, o quaternário, que coincide com o quarto chacra: o amor e a morte, o drama do cavaleiro andante. A escolha entre a paixão pelo divino e as paixões egoístas, a desmedida e o abuso do poder dos titãs.

O Carro representa o triunfo e a paz do que domina a si mesmo e ao mundo.

A Força, física e moral na unidade de corpo e alma que só o espírito pode dar.

A Estrela, símbolo do Destino (*Si te fata vocant* - Se o destino te chama...), e a expressão popular: nascer com a estrela.

A excursão de Guilgamech aos infernos, para se defrontar com o demônio Humbaba, ou Huwawa: o arcano XV do Tarô, ou o Demônio. O famoso "Guardião do Umbral" da magia, o teste de coragem para enfrentar o mundo do astral, porta para os outros planos de existência.

Sempre aparece também o Hierofante (o arcano V do Tarô, ou "O Papa"), o guia espiritual ou guru que orienta o espírito superior ainda como embrião. Realmente vale o seguinte princípio da tradição da magia: se você estiver preparado, o guru aparecerá em sua vida.

Remetendo-nos ao conceito de história cíclica do esoterismo, na Idade de Ouro a religião é desnecessária pois a humanidade vive na presença divina. Só quando se caracteriza o ego e a sensação de separativismo individual em relação a Deus e ao universo (aqui o pecado original), início da Idade de Prata, faz sentido falar-se em religião. O termo significa *re-ligação*. Religação do divino com o humano. A tradição religiosa conserva a memória do caminho de volta para Deus.

Neste planeta, tivemos duas linhas religiosas: a que foi sendo elaborada pelos gigantes orientados pelos anjos não-caídos, e a dos humanos, através dos anjos e profetas. Dos humanos, o amor e a devoção diretos a Deus; dos gigantes, o culto aos antepassados e a disciplina militar angelical.

Entre os gigantes, filhos dos anjos caídos, alguns ansiavam pela origem celeste de seus pais, a quem sempre odiaram por terem criado tal estado de coisas (e causa, até nossos dias, de toda revolta contra a autoridade paterna). Os que queriam voltar à origem espiritual de tudo, eram auxiliados pelos anjos do Senhor. Eventualmente morriam e se redimiam, ocupando os lugares deixados vagos pelos pais. A religião ia sendo elaborada enquanto técnica e disciplina para reabsorver o corpo de matéria de volta no espírito, e como invocação do auxílio dos ancestrais bem-sucedidos, os deuses. O ritual da religião dos gigantes aparece hoje como magia e ioga. Os templos que construíram eram câmaras de ressonância de energia psíquica e mental, fornos alquímicos em que seus corpos eram a matéria-prima a ser transmutada em corpo espiritual. Naqueles tempos remotos, o mago e o herói eram uma coisa só. Para compensar o mau carma de sua origem demoníaca, os gigantes precisavam realizar ações sempre excepcionais, se quisessem se redimir. Num mundo em que corpo material era apenas forma sutil e não a densa materialidade da físico-química de hoje, a ação material era altamente simbólica, por estar perto do mundo arquetipal e em forte ligação e ressonância com ele; o que hoje seriam o carma-ioga e a magia, na época eram um só ritual religioso.

Da parte dos humanos, o carma a ser compensado sempre foi muito menor e mais fácil. Não havia ódio em relação aos pais, sendo preciso compensar uma úni-

ca ação demoníaca, a de quererem sentir-se separados de seu único Pai, o pecado original do separativismo.

Há uma diferença fundamental na constituição da alma do gigante e do humano: o gigante era composto de espírito moldando matéria inerte, ou forma, e precisava, por autodisciplina, sintetizar sua alma para salvar-se. O humano já tinha sua alma coletiva, a comunidade (*eclesia*, em grego, de onde derivou igreja), e para salvá-la era necessário apenas renunciar ao ego separado por meio de um ato de fé, da entrega e do amor. O humano: a devoção e a meditação. O titânico: a ação e o ritual.

Magia pode ser interpretada cabalisticamente como derivada do grego *mega*, ou "a ação do que é grande", a ação do gigante, portanto. Com a decadência e involução progressiva dos gigantes, o caminho de volta ao espírito ia se tornando mais difícil e fortalecia-se a influência dos demônios, da matéria grosseira do quaternário e da magia negra, que só serve às paixões egoístas e à separação de Deus. Assim, nem todos os gigantes estavam aptos a voltar ao espírito por terem seu ego demasiado condensado, e usarem a energia do espírito só para reforçar o ego. Para contrabalançar, originou-se uma casta sacerdotal e o ritual de iniciação significando depuração e morte do ego, para se poder renascer para a vida do espírito.

Parte integrante das crenças antigas era a metempsicose, ou reencarnação, cuja não-compreensão prejudica

enormemente a visão do passado e a assimilação de suas aquisições espirituais. Recorrendo sempre a nosso paradigma das quatro idades, para não nos perdermos no universo do raciocínio indutivo da intuição esotérica, na Idade de Ouro, paradisíaca, não havia morte (quiçá, nem anjos caídos, nem gigantes). Como o corpo era apenas *forma* da alma, este corpo psíquico só evoluía e se transformava. Porém, com o grau de separativismo crescendo em relação à natureza divina, as etapas de metamorfoses da alma iam se dando em degraus cada vez mais bruscos até que a alma se separava de um aspecto inerte, inferior e não-plástico, o *corpo*, para outro corpo a ser condensado pelo aspecto dual inferior da natureza divina: o homem e a mulher. Uma vez que a alma assimilasse todo o necessário para se tornar igual ao todo, cessariam as suas mudanças de forma, ou sucessão obrigatória e mecânica de vidas.

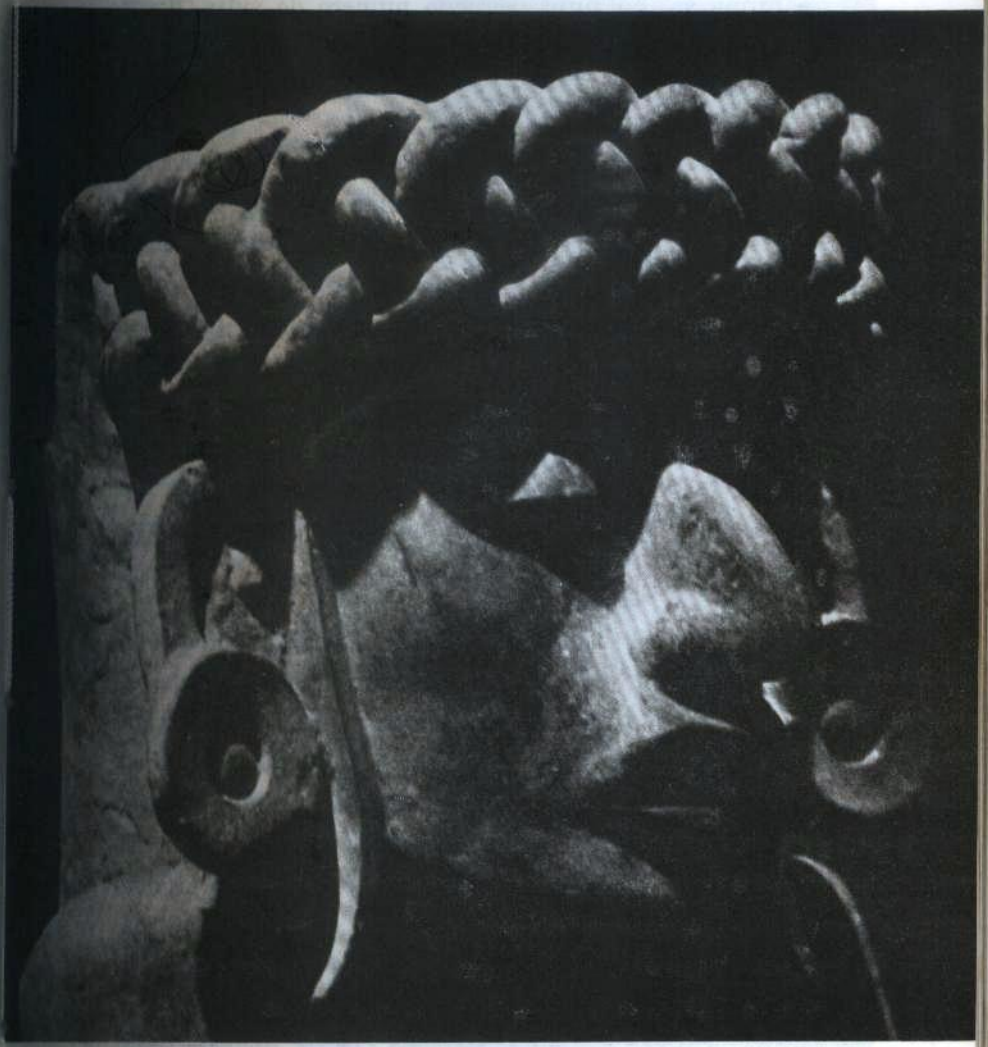
Por outro lado, nunca se deve esquecer que a morte é um *castigo* pela separação da presença de Deus, e o ciclo de reencarnações, as ações mecânicas compensatórias, individuais e coletivas, por este grande pecado original (da separação de Deus). Portanto, não só a morte é indesejável, como a reencarnação. O objetivo não é morrer e renascer para sempre, mas por este processo obter eventualmente a libertação espiritual.

Entre os gigantes, esta libertação os tornava deuses, ou anjos, e passavam a auxiliar, forçados pelo carma co-

letivo, a libertação dos que deixavam para trás. Os deuses menores eram exatamente os heróis-magos, cuja memória era cultuada: sua vida, a ser imitada ou meditada, era um caminho para fora do Samsara (termo sânscrito, para designar o nosso mundo ilusório, da dualidade morte/vida).

O herói era o santo de uma civilização de transição entre os gigantes e o simplesmente humano. Do mesmo modo, a igreja católica descreve o santo como o que exercitou heroicamente as virtudes cristãs tanto que, na Idade Média, cristã por excelência, o herói-mago passou a ser o santo-cavaleiro. Mesmo hoje, o caminho do santo e do herói é tido como equivalente.

Com o advento do cristianismo, o Ocidente abandonou a tese da reencarnação, rejeitada num dos primeiros Concílios Ecumênicos, especificamente enquanto tese de um número finito e predeterminado de almas, da preexistência da alma e de uma implícita predestinação, contrariando a liberdade absoluta inerente ao espírito. No entanto, todos os esoteristas medianamente informados sabem que a reencarnação ocorre sem que estas teses sejam verdadeiras. Essas teses pertenciam a uma das heresias cristãs da época, não fundadas em conhecimento iniciático de primeira mão. Por outro lado, reconheça-se o valor da crença numa só vida terrena: o religioso consciente torna-se muito mais perfeccionista ao julgar que só tem esta única chance de se redimir, libertando-

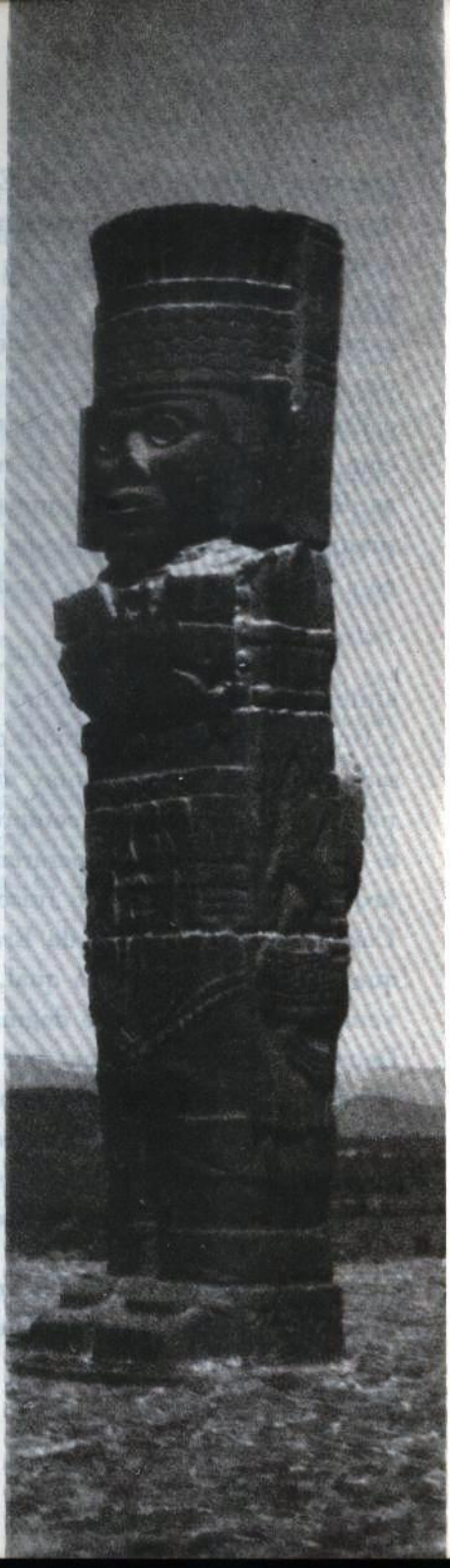


10 – Cabeça zapoteca em pedra, Monte Alban, México. A dispersão pós-Babel manifesta-se pela diversidade das raças que povoaram o México e a América Central na Antigüidade. Os rostos modelados durante a cultura Totonac exibem traços que variam desde o europeu até o almeca e negróide. Observe-se na figura acima a trança característica dos titãs.

se numa só, ou num pequeno número de vidas. Recordemos o conselho do budismo tibetano: "a reencarnação deve ser temida como um veneno violento".

As raízes remotas do descrédito moderno e ocidental em relação à reencarnação estão nas origens paradisíacas e hiperbóreas, uma insistente teimosia subconsciente em pensar que ainda estamos nos bons velhos tempos de Ouro, onde há uma só vida: a eterna. Isto é um mal da raça ariana, coletividade de almas dominante da civilização atual, pois a memória de vários corpos, várias vidas, é do Oriente, lemuriano, da Gonduana (lunar, como o Oriente), sendo este o povo originalmente responsável pela condensação inicial dos corpos de energia ao nível do ternário, já matéria densa.

Cumpre reorientar a opinião vigente atualmente da aparição recente da humanidade, em relação às datas da geologia e da astrofísica. A alma titânica é tão velha quanto as galáxias e a alma humana atinge datas de eras geológicas recuadas. Só o *homo sapiens* e sua civilização é que são recém-chegados, efêmeros mesmo. Nossa história é explicada pela precessão dos equinócios pelos doze signos do Zodíaco e seu simbolismo, mas estas constelações se formaram, pelo deslocamento relativo das estrelas e do sistema solar, há pouco tempo na escala da eclosão deste nosso universo material. Já foi bastante ventilado o simbolismo astrológico das eras históricas em diversas obras de divulgação e esoterismo. Fala-se num verdadeiro folclore moderno da Era de Aquário, por



11 – Gigantesca figura Toltec, em Tula, México. A cultura Toltec influenciou a maia antes da ascensão dos astecas, no sul do México.

exemplo. Estamos no fim da Era de Peixes, a era cristã, donde o simbolismo do cristianismo primitivo nos peixes e nos apóstolos-pescadores. Os heróis da Era de Peixes foram o santo e o cavaleiro. Ora, estamos no fim do subarquétipo de Peixes (o Zodíaco, o duodenário, é ele um só arquétipo fundamental: o arcano XII do Tarô, ou o Enforcado. Enquanto supliciado, o Enforcado é Cristo, com seus *doze* apóstolos). É nossa opinião que, quando as doze constelações se compuseram no nosso céu, a humanidade assumiu a tipologia psíquica básica do Zodíaco e do arcano XII, quiçá ainda em tempos da Lemúria.

Ao fim da Era de Peixes, seus subarquétipos se desintegram, e como encerramos também a Idade do Ferro, o fim do ciclo é caótico: todos os elementos de todo o passado voltam a se apresentar num caos aparente que, se não for compreendido, comprometerá irremediavelmente as almas que não superarem esta fase: aqui surge o arquétipo XX do Tarô, o Juízo Final (o do século XX). Configura-se já o herói da Era de Aquário: o cientista, que pela fé na ciência (a qual, como todo dom excelente vem de Deus) explica o dogma do passado e reencontra Deus e a natureza divina; por outro lado, o astronauta, o herói que se estriba na ciência e vai propagar a fé e o império da humanidade reconstruída à imagem e semelhança de Deus, crescendo e se multiplicando por seu novo ambiente e paraíso reconquistado: o espaço sideral.

Entrementes, neste interregno caótico entre a Idade do Ferro e a "nova" Idade da Pedra, ressurgem ar-

quétipos e ideais de outras eras. Depois da dissolução dos tipos do santo e do cavaleiro, veio o *übermensch* nietzscheano, visão já tinta de demoníaca do filósofo delirante, e cuja tentativa de realização pelo III Reich foi ainda mais loucamente delirante, e prenúncio do inferno e Apocalipse precipitado pelo Hitler-Apolion (v. Apocalipse, cap. IX, v. 11). Outra versão também ariana, mas mais benévola e infanto-juvenil é o *Superman* dos norte-americanos, a face mais pacífica do ariano hodierno e seu séquito de super-heróis. Lembremos que assim como o povo ariano germânico dizimou um povo de tradição oriental, os judeus, o povo ariano norte-americano dizimou outro povo oriental: os japoneses, não podendo escapar à sombra da antiga oposição hiperbórea-gonduana. Encontramos também recorrências de heróis antigos no gênero fantasia e ficção científica (assim como as historietas de *Conan, o Bárbaro*) aparecendo a partir do foco do arianismo de nossos dias: os Estados Unidos.

3. O Drama. Cenário. Personagens

O ritual religioso é um drama sagrado. É a representação, pelo sacerdote, do caminho de volta à divindade para que os fiéis o imitem: em pensamentos, palavras e obras. No mundo mágico da fé, a representação é uma extensão do campo de energia do que é representado. O símbolo *é* a coisa simbolizada. O "faz-de-conta" torna-se eficaz e mesmo uma realidade parcialmente supraconsciente.

O ritual do herói é a sua própria vida. Sua ação é a mímica do drama espiritual do arquétipo que ele vai representar e que vai absorvê-lo quando, gloriosamente, morrer. A epopéia heróica, o poema épico, repetido de início oralmente e, depois, por escrito será a repetição do ritual na imaginação dos pósteros. Isto atrairá os espíritos afins ao herói e os colocará no mesmo caminho. Ao apresentarmos este livro ou mesmo ao lermos e contando de novo a história entramos, voluntariamente ou não, em um encadeamento de repetições de uma vida heróico-religiosa, desde há milênios, para um futuro indeterminado, para que a chama da alma heróica coletivamente nunca falte à humanidade.

O que leremos e representaremos em nossa imaginação é a vida de um herói, um super-homem bem mais real que nós por ter tido uma vida bem mais intensa que a nossa. Vamos neste parágrafo nos estender mais sobre a psicologia, os fatos, os personagens e o estado da Terra quando tal drama se deu, para que o efeito espiritual desta história, sua verdadeira "moral", nos penetre mais.

A história de Guilgamech é uma vaga recordação, extremamente abreviada, de um dos grandes príncipes do mundo pós-diluviano. A própria história do dilúvio lhe é narrada por seu antepassado, Utnapichtim, que ele encontra em sua jornada espiritual. Esta é a mesma história repetida na Bíblia, onde Utnapichtim é conhecido pelo nome de Noé.

O dilúvio conhecido por nós especialmente através da narrativa bíblica ocorreu como conseqüência da última era glacial, há cerca de 40000 anos (glaciação de Wurm-IV). Este último grande desequilíbrio ecológico foi a conseqüência, por sua vez, do afundamento (queremos crer, por meios mágicos) da Atlântida. A grande civilização atlante, tema de Platão, que transmitiu a nossos dias esta parte da tradição mito-histórica, foi a última tentativa da antiga raça dos gigantes de construírem a sua Utopia. Mas, ai! O veneno da antiga serpente já estava difundido irremediavelmente no coração dos titãs. Uma civilização com ramificações por todo o planeta na-

quela época, mas, em meio a muitas boas construções e intenções, predominava a dominação, o império centralista, a escravidão (declarada, ou disfarçada de opressão).

O grande império teve sua metrópole engolida, retornou ao seio de seu pai Poseidon, no intervalo de uma noite e um dia terríveis, no dizer de Platão, coração titânico que também ainda doía com as remotas recordações e ressentimentos. Os reinos tributários, em riquezas e escravos, as colônias (como a dos Andes, do Inca, e a do Egito, então chamado terra de Quemis, do Faraó), viram-se subitamente sem uma cabeça. Cada rei, cada general, cada grão-sacerdote, cada tirano se lançou ao que sobrou do império, com boas ou más intenções. Os pais da antiga tradição druídica começaram a se espalhar pela Europa, sábios exilados pela guerra mágica que os deixou sem pátria, sem destino, um coração desfeito em lágrimas, pelo afundamento da última tentativa dos gigantes de reunir suas forças e construir a sua Utopia.

E Guilgamech era um desses príncipes, um guerreiro de uma das remanescentes linhagens titânicas de um império que há muito havia afundado; restos de uma cultura que já não se reconhecia a si mesma; restos do maior trauma que a humanidade conheceu nestes últimos tempos: o verdadeiro início da Idade do Ferro.

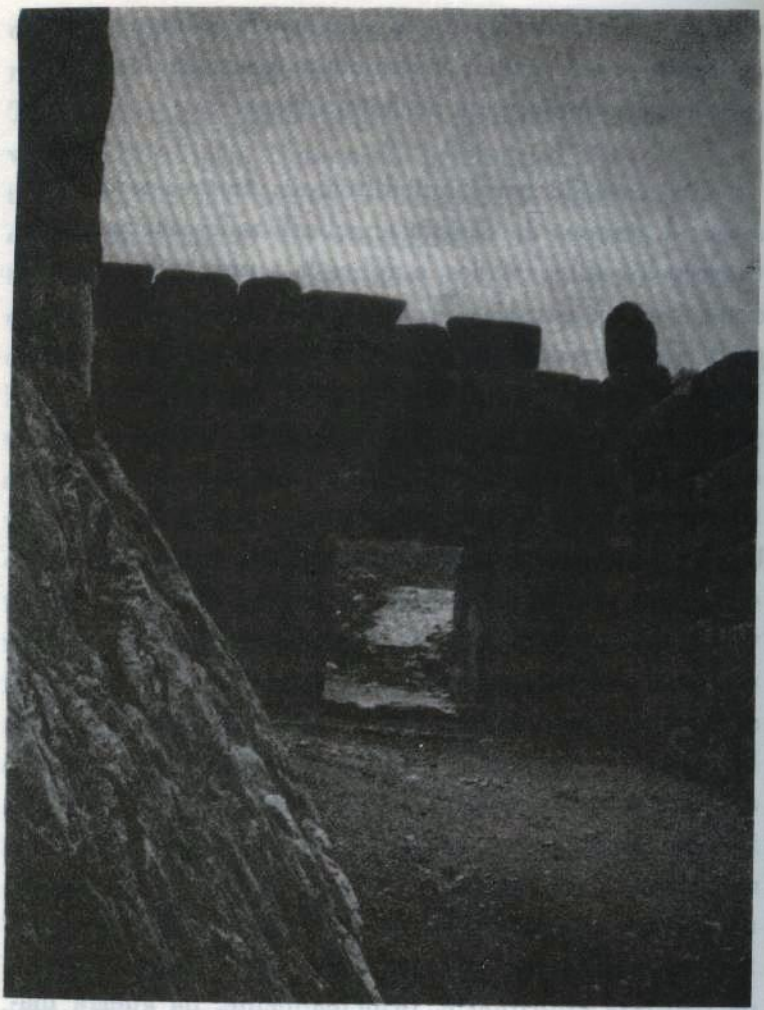
As memórias mais antigas dos povos da Mesopotâmia, de data desconhecida, dão a origem mesopotâmica

como sendo o mar, de onde chegaram e desembarcaram na foz do Tigre e do Eufrates, em pleno Golfo Pérsico. Tudo leva a crer, pelo estudo comparativo das lendas (a verdadeira história), que eram originários não da Atlântida, mas das últimas terras emersas da Lemúria, ainda contemporâneas de sua última filha, a Atlântida. Isto tornava os povos mesopotâmicos guardiães de uma tradição mais antiga, da própria terra-mãe da Atlântida, dando-lhes uma percepção mais sensível do mundo astral, hoje o mundo das sombras, ontem o mundo luminoso. O fato de serem de uma cepa anterior à atlante os fez sentir mais dolorosamente o fracasso de seus filhos. O pessimismo que nos restou em seus poemas religiosos era o ressentimento por perceberem, através do astral, a queda na materialidade cada vez mais grosseira, e o estabelecimento e encadeamento definitivo da humanidade no homem-macaco que somos hoje, e o único que a ciência reconhece e estuda. O extremo lirismo e religiosidade de outros poemas indica a superior sensibilidade e delicadeza de uma época mais heróica, mais gentil e mais nobre que vivia na memória deles, menos apagada que a dos atlantes.

Se falamos tanto na representação teatral da própria vida, é porque a vida do herói, em ressonância direta com o mundo arquetipal, paradigmático, deve servir de *exemplo*, possível caminho rumo à divindade. Tudo isto constitui o caminho do carma-ioga: a redenção pela ação, a dedicação de toda atividade exterior da

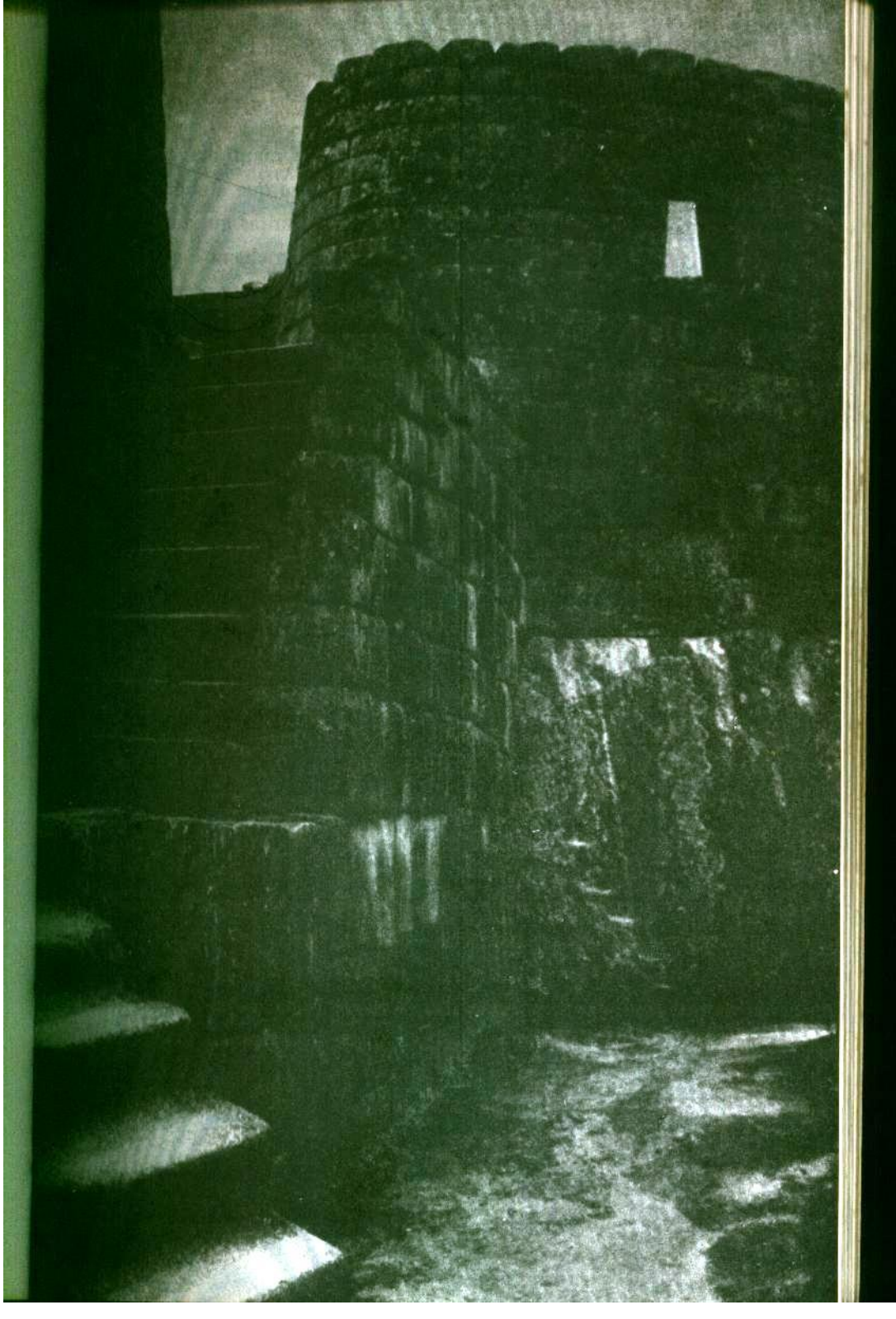
vida à perfeição dos outros, o auto-aperfeiçoamento visando tornar-se um melhor instrumento a serviço dos outros. A ação como a oferenda perfeita a Deus.

No caso do herói antediluviano, tratava-se de conservar a herança da ciência angelical, redescoberta e destilada pelos antepassados, e aplicá-la a uma vida de ações ousadas em construções, artes, na luta contra a magia negra e a penetração dos anjos caídos pela sutileza de sua língua bífica, dupla e "dialética". A construção de templos visava a saturação dos corpos dos titãs e cíclopes que ainda tinham energia suficiente para combater e transmutar a materialidade; a geometria mágica manipulava as energias sutis das construções, a arte era evocação e memorial dos anjos de Deus e dos heróis, um verdadeiro começo de arte sacra. Muitas vezes, e cada vez com mais freqüência, a representação artística foi sendo usada para a magia negra: origem de um trauma herdado pela civilização lemuriana e transmitido até nossos dias pela Bíblia, com a interdição da reprodução da imagem humana; a aversão pela idolatria é a aversão pela magia negra, a que a arte esteve fortemente associada, mesmo nos tempos históricos da Mesopotâmia. Nas construções "ciclópicas", nas artes, no ritual de regeneração da natureza espiritual e, principalmente, na guerra mágica contra a corrente involutiva que procurava destruir o mundo e lançá-lo aos infernos, ou mesmo manter o *status quo*, para que não evoluísse, destacavam-se os heróis, os gigantes, num estado de perpétua beligerância.



12 — Acima: Portal dos Leões, Micenas, Grécia. Mesmo em tempos históricos recentes as memórias permanecem, os arquétipos transmitidos impecavelmente de geração a geração de artistas. Estes muros são tão impressionantes que os gregos, depois do apogeu de Micenas, acreditavam tratar-se de obras de cíclopes.

13 — À direita: Machu Picchu, Peru. Muros ciclópicos representam o que restou da Hiperbórea e da Lemúria em nossa civilização do fim da Idade do Ferro.



Mas era esta sensação de luta que os mantinha vivos; sentiam que algo estava sendo feito para que a alma dos gigantes são se perdesse, e quanto às muitas guerras dos gigantes de que todas as mitologias estão cheias e que, a nosso ver, causaram as convulsões tectônicas de nosso planeta, foram resultado da mentalidade militar, uma certa deturpação da mentalidade angelical de que é preferível morrer do que viver sem honra.

> "O ar leve e puro, o perigo próximo e o espírito repleto de uma malícia alegre, tudo isso se harmoniza."
>
> . . . . . .
>
> "Valentes, despreocupados, zombeteiros, violentos: eis como nos quer a sabedoria. É mulher, e só lutadores podem amar."[1]

Na "época de Noé" (supomos iniciada há 900000 anos), a nova espécie começou a ser preparada e o herói tornou-se mais idealista, mais afeito à meditação e ao ritual, pois que para o espírito havia cada vez menos a fazer num mundo em que a energia cada vez mais se fixava em matéria. Dos melhores dentre estes, podemos incluir a classe sacerdotal lemuriana, continuada pela atlante. De fato, a autoridade espiritual da classe sacerdotal de cada era deste planeta nunca foi perdida, apenas ocultada; um dos sinais de que esta humanidade ainda tem alguma esperança.

---

1 — NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falava Zaratustra,* op. cit.

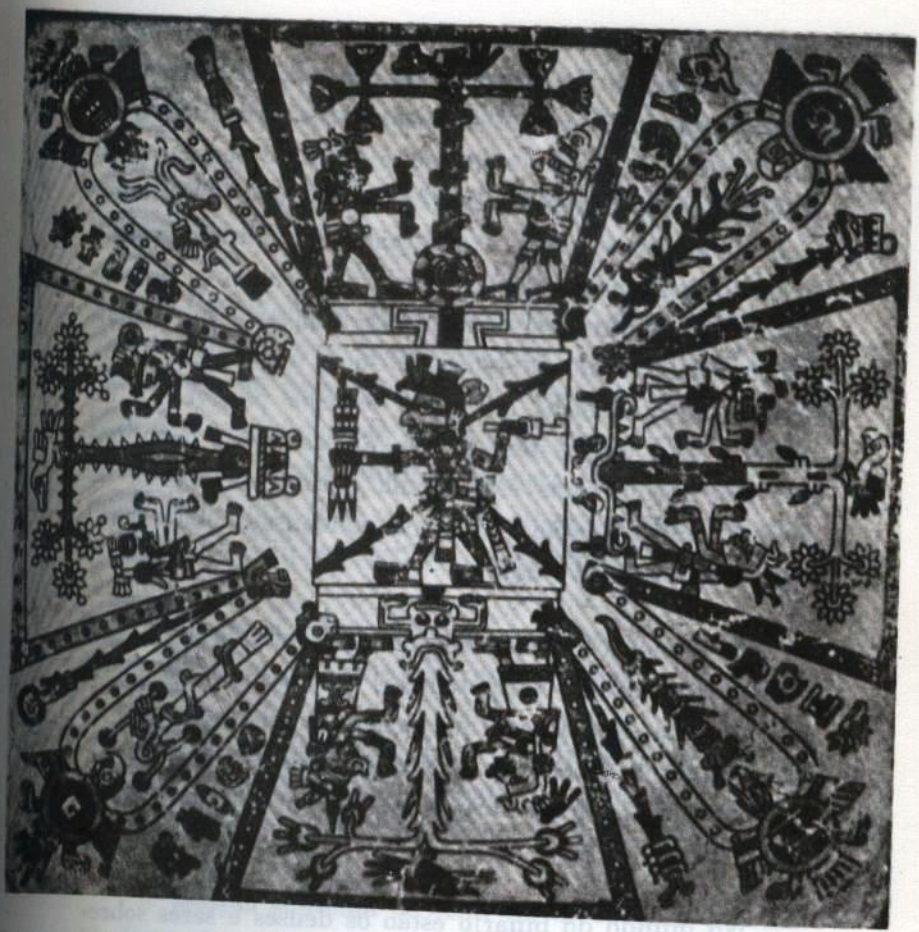
Pode-se dizer que, de fato, a causa atlante nasceu condenada, apesar do idealismo dos sacerdotes que queriam a utopia de um mundo unido: o povo vitorioso de Noé era o dos subjugados pelos gigantes imperialistas, últimos remanescentes não só da Lemúria, como de uma raça que, salvo deuses e heróis, minoria que definhava, estava há muito amaldiçoada por suas práticas involutivas e retrógradas, que hoje seriam chamadas de magia negra, atraída pelo abismo de seus pais sem alma. O heroísmo desta época diluviana deveu-se aos humanos e aos gigantes idealistas, fundadores da tradição que depois veio a chamar-se druídica ou xamanística, e aos heróis civilizadores dos tempos da reconstrução pós-diluviana.

Numa sociedade tradicional, isto é, que conserva de geração em geração (sem abismo entre elas) o conhecimento do mundo não-efêmero limitado ao espaço/tempo, o homem que parte rumo aos "deuses" visando a construção atrevida e original de pontes eficazes entre este mundo e a eternidade, tanto para si quanto para os outros é uma pessoa acima do normal: o herói. Quando se rompem os muros entre a realidade dual (matéria/espírito) e a realidade totalmente espiritual, o concreto e o abstrato dissolvem-se numa só realidade: não há mais palavras e ações, mas a ação é narrativa moral e a realidade espiritual só se dá em formas concretas. Toda a realidade concreta que nos cerca é uma idéia de Deus. Quando Deus teve a idéia do Universo, ele ocorreu integralmente,

tal como o testemunhamos e participamos dele agora: eis aqui um raciocínio que pode nos ajudar a escapar do mundo das formas, fenomênico, para o numênico, do ser reintegrado.

E a história de Guilgamech é a história de um homem real, de um tempo real, mas em que a realidade mágica e a material ainda diferiam muito pouco. E este homem buscou um nome imortal, buscou compartilhar da natureza dos deuses e de Utnapichtim, personagem representante da humanidade não-mutilada, que comungava diretamente com Deus.

O mundo dos deuses, rumo ao qual parte o herói, mesmo quando este mundo se superpõe ao nosso, é o do binário. É a este que Platão se refere quando fala do nosso mundo como uma espécie de poça d'água. A estrutura do Universo em nove patamares, tal como é nosso modelo nesta Introdução, deve ser vista de cima para baixo. O nível do Unitário, ou "Allvader" (ver figura 3, mitologia germânica) corresponde ao estágio de confusão de céu e terra, princípio de muitas cosmologias mitológicas (o caos dos sábios, segundo a nomenclatura alquímica). A distinção dualista entre forma e substância, criado e Criador, ou o mesmo e o outro, de Platão, não existe. Mas a visão não-dual, a vida na presença de Deus que existe no Unitário, só os que atigem a libertação espiritual conseguem.



14 – Folha do *Codex Fejervary-Mayer*, Museu Britânico. Uma interpretação maia das quatro eras do mundo, refletindo o arquétipo apocalíptico do Cristo pregado no centro da cruz (4 = terra) do mundo. No centro está Tepeyollotl, o Coração da Montanha e Senhor da Noite. Os quatro pontos cardeais (ou as quatro eras) são associados aos quatro filhos do deus-dual-acima-de-tudo, um deus com uma dualidade potencial como a mônada yin-yang chinesa. A alma de cada era é caracterizada de acordo com seu deus, a quem corresponde um dos quatro sóis que precederam nosso mundo, e que terminaram em catástrofe. A região central e quinta é o mundo presente, considerado de transição caótica, pós-Idade do Ferro. Tepeyollotl é também o deus dos terremotos.

No nível imediatamente inferior, aparece a primeira distinção entre o Criador e a criatura. Só duas energias bastam para descrever ou transformar o Universo: a bipolaridade Yin-Yang, onde céu e terra se separam, tal como nos foi conservada pela tradição chinesa. A diferença entre o estado puro e original de qualquer criação ou Deus e os ocupantes do binário é meramente convencional, e um e outro se separam por uma película formal, que lhes dá a *forma* de deuses, e que é uma folha de superfície equipotencial da única energia possível: a do espírito. Seus corpos têm forma, diversamente do unitário, sem forma, mas esta forma é uma membrana de energia minimamente fixada na condensação ou coagulação de linhas de força.

Os planetas ("pequenos planos") como mundos não-planos (superfícies equipotenciais encurvadas, até a forma esférica) só aparecem no ternário, onde também aparece a matéria, se bem que mais sutil que a nossa. Aqui, no ternário, o mundo dos deuses menores e dos arquétipos.

No mundo do binário estão os deuses e seres sobrenaturais que aparecem na lenda de Guilgamech.

As cidades da Mesopotâmia aceitavam todas o mesmo panteão, mas os deuses nem sempre eram conhecidos sob os mesmos nomes. Os semitas, ao invadirem a Mesopotâmia, herdaram a maioria dos deuses sumérios, mas alteraram seus nomes, seus relacionamentos e atributos.

Neste épico, os principais deuses são sumérios, o que só confirma a antigüidade da lenda. Marduc, que é um deus babilônio mais recente, por exemplo, não é mencionado.

Cada cidade tinha o seu deus padroeiro, com o templo em seu interior.

O Deus-Pai era chamado Anu, a origem dos deuses, tal como Urano (sumério: An). An foi o primogênito do oceano primordial sob a forma do céu estrelado (isto é, o espaço sideral, e não o ar atmosférico). Assim como o Urano grego, uniu-se à Terra (sumério: Ki) gerando Enlil, este sim, o ar, que ficou aprisionado entre o Céu, ainda sem estrelas, e a superfície da Terra.

Enlil gerou a Lua, Nanna (semítico: Sin), que viaja em seu barco pelo céu noturno, feito de lápis-lazúli.

Nanna gerou o Sol, Utu (semítico: Shamash), e Inanna (semítico: Ishtar), a deusa do amor e da guerra, ou mais primitivamente, o arcano XI do Tarô, a Força.

A posição suprema de Anu foi arrebatada por Enlil. Este, depois foi substituído por Marduc.

Enlil, deus tutelar da cidade de Nippur, era a tempestade e o vento, ou o sopro e a palavra de Anu. De um hino em seu louvor: "O espírito da palavra é Enlil, o espírito do coração de Anu". O Logos criador, ou o Ruah, dos hebreus. Enlil, a ação; Anu, o potencial. E ainda:

Enlil, "a palavra que acalmou o céu, nas alturas", e "o dilúvio avassalador que perturba as faces dos homens, uma torrente que destrói os contrafortes".

Neste épico, Enlil aparece sob seu aspecto terrível (os caldeus, como os lamas tibetanos, aceitam, segundo as mesmas origens remotas, deuses terríveis e pacíficos). Anu aparece como entidade remota, arcaica, vivendo longe, no firmamento estrelado, além dos pórticos do Céu.

Shamash, ou o deus sol do qual derivou o termo shams, para designar "sol", no árabe moderno, aparece como divindade pacífica, justo e caridoso, deus da vidência. De um hino de Nínive: "Toda a humanidade se rejubila em ti, ó Shamash, o mundo inteiro anseia por tua luz... numa voz surda o homem fraco te chama... quando sua família está longe e sua cidade distante, o pastorzinho temeroso do campo aberto vem perante ti, o pastor em confusão entre seus inimigos... a caravana que marcha no temor, o comerciante, o mercador, com seu saco de pesos".

4. História Exotérica

Continuemos nossa elaboração de um modelo possível da conciliação entre a visão indutiva e intuitiva do esoterismo e a dedutiva, da arqueologia e acadêmica. Assim como a elaboração científica do modelo dedutivo exige várias reelaborações com maior precisão a cada nova experiência e a cada geração de cientistas, a apresentação à humanidade desorientada no Samsara, o mundo das ilusões, de um panorama espiritual mais pormenorizado, exige aproximações sucessivas a partir de experiências supraconscientes isoladas, coligidas aqui e ali, da recensão das informações escritas, do dogma ser demonstrado, da fé evoluir para a visão direta.

Até aqui concentramo-nos, nesta Introdução, no passado remoto, harmonizando as recentes teorias científicas com as teses mais difundidas e aceitas do esoterismo. Sublinhamos principalmente a tradição dos gigantes da Gonduana, não só por sua antigüidade, como por ser a mais basilar para a compreensão das origens desta atual civilização humana e dos temas do épico de Guilgamech.

Temos a seguinte seqüência: da Gonduana às ilhas e continentes do Pacífico e Índico (Lemúria; Mu). Da

Lemúria, povos e civilizações subsidiários da mesma linhagem, à Atlântida e seu período de dominação mundial. O aparecimento da nova humanidade, misto do titânico e do humano no Paleolítico geológico, contemporânea da decadência lemuriana e da ascensão e queda da Atlântida. Com o dilúvio, desaparece o governo central atlante e sua dominação opressora, mas desaparece a união política, comercial e cultural, a magia se rompe, as raças se diferenciam regionalmente mais e mais, e as línguas (os antigos jargões de uma língua só) se diferenciam pela primeira vez.

Os babilônios falam, nas lendas sobre as origens de seu povo, que os primeiros ocupantes da Mesopotâmia vieram do mar, sendo impossível ao historiador moderno determinar exatamente de onde. De algum ponto do Oceano Índico, por certo, de algum remanescente da terra lemuriana foram forçados a emigrar num período recente da pré-história. Na primeira terra onde descobriram rios construíram sua primeira aldeia. Aqui um ponto de convergência com os maias, que, segundo recentes descobertas, irrigaram abundantemente o Iucatã, que deveria ser semi-árido originalmente. O mundo antediluviano provavelmente era mais seco, argumento que derivamos de o arco-íris ser tido como novidade absoluta na Bíblia, que só pode ocorrer numa atmosfera saturada de umidade. Sendo um mundo seco, os povos antediluvianos deviam ser hábeis construtores de canais de irrigação, como os

maias, egípcios (etnia hoje extinta, mas desconcertantemente semelhante à dos maias) e babilônios.

O termo "caldeu" significava "doutor", "erudito", assim como "lama", no Tibet. Acreditamos que os lamas e os khaldayin tenham sido continuadores da tradição antediluviana, sendo os dois nomes para os mesmos sacerdotes que escondidos do dilúvio na segurança do Himalaia depois desceram para ajudar aquele povo remanescente lemuriano, entre os quais receberam o nome de "khaldayin", ou "caldeus". Na Índia, por outro lado, temos a única síntese bem-sucedida: o meio-termo harmonioso e ideal entre a tradição Hiperbórea, solar, ariana, e a Gonduana, lunar.

Cumpre mencionar outra convergência entre a Mesopotâmia e a Índia: a lenda de Guilgamech no episódio da floresta e Humbaba coincide com a lenda hindu de Krishna, Arjana e o incêndio da floresta.

Unicamente como referência e especulação sobre o que possivelmente aconteceu com a humanidade no período pós-diluviano, estabelecendo a ponte entre o que a tradição mito-esotérica de todas as épocas nos diz e o que a arqueologia científica de nossos dias descobriu, vamos convencionar eras para este período até a pré-história conhecida.

Considerando o dilúvio coincidindo com a última grande glaciação (40000 a.C.), poderíamos supor um

período pré e pós-Babel (Babel aqui significando a divisão do mundo em raças e línguas) até 30000 a.C., com a desintegração psicofísica do império atlante. Um período de nova queda, desta vez para a matéria grosseira do quaternário, esquecimento e insulação de arquipélagos ainda civilizados com a comunicação cada vez mais rara e difícil, até 20000 a.C. (Egito, Himalaia, México, Andes, por exemplo). De 20000 a 15000 a.C., a superposição do que restou das civilizações arcaicas com os primeiros reinos do homem primata de corpo grosseiro.

De 30000 a 15000 a.C., certamente as castas sacerdotais de druidas ou lamas e heróis civilizadores por todo o mundo cumpriam sua tarefa hercúlea (aliás, período da instituição sacerdotal *dos* Hércules e seus trabalhos civilizadores e religiosos) de manter, tanto quanto possível, acesa a brasa da civilização enquanto unidade espiritual humana e memória das origens espirituais.

De 15000 a.C. em diante, a arqueologia já reconhece os primeiros esboços de civilização: Jericó, Mohendjo Daro, Creta, e outras cidades em vários locais do mundo.

Temos nos referido constantemente a termos gerais como Mesopotâmia ou povos mesopotâmicos. Muito embora essa região tenha sido ocupada sucessivamente por povos bem diversos em tempos históricos, cada um foi herdeiro das características do antecessor. Isto se deve ao fator unificante no qual sempre falamos: a alma do lugar remonta ao arquétipo da Gonduana. Esta associação da

alma de um povo ao lugar que habitou foi esmagadoramente forte nos tempos antediluvianos. A permanência de uma aura e atividade mágica intensa durante milhões de anos, com características invariáveis em regiões fixas, marca indelevelmente a geologia e as culturas deste planeta. Nós, fracos pós-diluvianos da Idade do Ferro, sofremos quase que passivamente todas essas influências, último lampejo de vida num planeta moribundo. Assim, cada povo pós diluviano tem estado sob a forte influência do povo antediluviano que ocupou seu país. A maior parte dos grandes movimentos históricos e conflitos de grande alcance são reverberações dos arquétipos e grandes energias que já povoaram este mundo.

As civilizações da Mesopotâmia legaram-nos, inicialmente, a luta antiga entre o continente do norte e o do sul, dos gigantes: a Hiperbórea e a Gonduana, refletida na luta alquímica da Rêmora e da Salamandra, no Solar e no Lunar, a Mulher e o Dragão, e no Apocalipse, drama cujo desfecho ainda não foi representado em nosso teatro histórico.

Outra tradição da Gonduana: a da construção de edifícios e do próprio corpo humano do arquétipo maçom. Tinham também um excelente conhecimento de astronomia e matemática, análogo aos bons conhecimentos nesta área exibidos pelos maias, a ponto de, na antiga Roma, "caldeu" ser tomado como sinônimo de "astrólogo". Portanto a Astrologia, dentre as ciências tradicio-

nais e mágicas, é basicamente legado da Mesopotâmia, além do seu sistema básico de medida sexagesimal para o círculo, que lhes impôs a numeração sexagesimal. A própria escrita cuneiforme é uma repetição infinita do triângulo, a partir do mais simples dos triângulos: o equilátero, com ângulos de 60°.

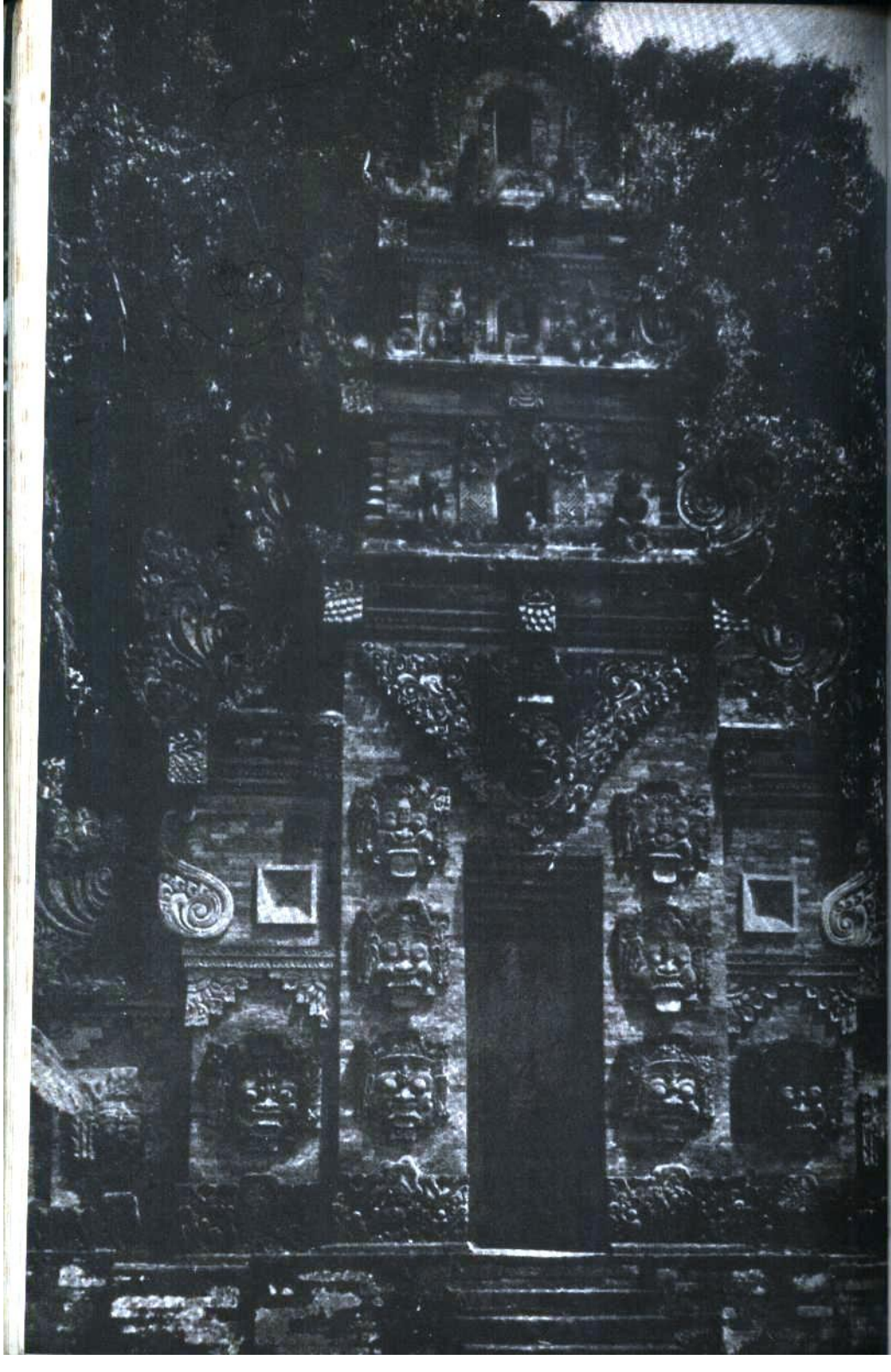
A poesia refinada dos sumérios e seus temas sacros, resultando na Bíblia e toda a tradição moderna judaico-cristã, a rica mitologia e excelente literatura datam de muito antes dos textos e temas bíblicos.

Também de influência Gonduana remontam o coletivismo e o sistema comunista (hoje encarnados na Rússia em oposição ao individualismo e "capitalismo selvagem" norte-americano, de inspiração hiperbórea). Outro aspecto da alma da Gonduana é a fixação pelas coisas concretas, o comércio, o impulso aquisitivo e a contabilidade. Assim vemos como características antiqüíssimas de povos e terras desaparecidos ainda ressoam no apagar das luzes da civilização neste mundo.

Em particular o épico de Guilgamech, rei de Uruc, vem de uma época que só foi descoberta pela arqueologia no século passado. Até então, tudo o que se sabia sobre o período entre Abraão e Noé estava na Bíblia, destacando-se Nimrod e a Torre de Babel. Porém, o conjunto das diferentes narrativas sobre Guilgamech nos remete ao meio daquele período.

15 – Enorme face em pedra em Angkor Thom, Camboja, exibindo a típica serenidade enigmática de um tipo lemuriano. A elaborada coroa sugere tratar-se de um rei.

16 – Página seguinte: Portal do Templo de Paroeman, Bali, Indonésia. Arquitetura rebuscada evidenciando a influência da antiga civilização gonduana.



Apesar de a lenda ter sido descoberta já em estado fragmentário e haver pouca probabilidade de se conseguir completá-la, em termos de literatura é considerado o melhor épico escrito antes da Ilíada. A maioria dos poemas sobre Guilgamech já estava registrada por escrito no começo do segundo milênio antes de Cristo, devendo ter existido como tradição oral por muitos séculos antes.

A recensão final, a mais completa, data exatamente da biblioteca de Assurbanípal (700 a.C.), colecionador de antigüidades e o último dos grandes reis assírios. General bem-sucedido, Assurbanípal saqueou o Egito e Susa; coletou também uma notável biblioteca com registros históricos de sua época, hinos, poemas, textos religiosos e científicos (toda a base da astrologia, por exemplo). Enviou seus emissários a coligir material dos arquivos dos antigos centros de ensinamento, em Babel, Uruc e Nippur, para que copiassem e traduzissem para o acádico semita os textos em antigo sumério, uma língua então morta e de uso e conhecimento exclusivo dos letrados. Dentre estes textos encontrava-se o poema de Guilgamech, "copiado de acordo com o original e colado no palácio de Assurbanípal, Rei do Mundo, Rei da Assíria".

Sua redescoberta no século XIX deveu-se em grande parte à curiosidade de dois ingleses e ao trabalho de eruditos de todo o mundo que reuniram, copiaram e traduziram os tabletes de argila. Especificamente quanto ao épico de Guilgamech, o trabalho continua até hoje mas o que foi determinado na transliteração, comentário e edi-

ção de Campbell Thompson, em 1928, praticamente só foi corroborado pelos novos achados. O trabalho do prof. Samuel Kramer, norte-americano colecionador e tradutor de textos sumérios, fez recuar a história escrita de Guilgamech até o terceiro milênio antes de Cristo.

O grande destaque da lenda de Guilgamech é ter mencionado o dilúvio de Noé anteriormente à Bíblia, e sido reconhecida pelos eruditos exotéricos. As recentes escavações em Elba, no Oriente Médio, mostraram outra fonte não bíblica do mesmo dilúvio mesopotâmico. A história do dilúvio era um poema sumério independente sobre Ziusudra (ou Noé), nome que significa "ele viu a vida". Há uma história babilônica sobre o dilúvio, da primeira metade do segundo milênio a.C., em que Noé recebe o nome de Atrahasis. Aqui, mais corretamente segundo a tradição esotérica, o dilúvio de Noé é apenas o último de uma longa lista de desastres enviados pelos deuses para castigar a humanidade. Também neste mesmo mito babilônico encontra-se um mito da criação da humanidade com estrutura análoga à do Gênese bíblico.

São mencionadas cinco cidades anteriores ao dilúvio, e a elas a "realeza foi concedida do céu" (governadas por "deuses"). Após a catástrofe, "a realeza desceu uma vez mais", mas as cidades-estado passaram a guerrear entre si. A Lista dos Reis Sumérios mostra Quich como a primeira cidade a atingir importância e, logo em seguida, Uruc, sua rival tradicional. Lugulbanda é o terceiro da lista de reis, citado pelo próprio Guilgamech co-

mo seu pai semidivino. Guilgamech seria o quinto rei da dinastia de Uruc, depois do dilúvio.

Devemos mencionar ainda que nestes tempos o rei-sacerdote e a teocracia eram regra. As primeiras cidades sumérias tinham cada qual um templo para seu deus tutelar e templos dos outros deuses. Eram prédios monolíticos, grandiosos, que falavam das grandezas destruídas pelo dilúvio. O indefectível zigurat era miniatura da montanha sagrada (Ararat?), ponto de encontro entre o humano e o divino.

O achado dos tabletes pertence aos tempos heróicos e românticos da arqueologia de meados do século passado, com seus métodos não muito escrupulosos e objetivos pouco científicos, suas dificuldades e perigos, e resultados de impacto, que alteraram em muito a visão histórica da época.

Em 1839, um jovem inglês, Austen Henry Layard, partiu com um amigo para uma viagem por terra até o Ceilão, mas na Mesopotâmia deteve-se para investigar alguns montículos funerários. Acabou ficando lá vários anos. Nínive e Nimrud foram escavadas; e destas escavações Layard trouxe para o Museu Britânico uma grande parte da sua coleção de esculturas assírias, e milhares de tabletes quebrados do palácio de Nínive.

Layard começou a escavar Nínive esperando encontrar inscrições, mas achou uma biblioteca inteira e toda

uma literatura perdida. O valor deste achado só foi avaliado após a decifração do cuneiforme mas mais de 25.000 tabletes quebrados chegaram ao Museu Britânico. Sua decifração foi iniciada por Henry Rawlinson, diplomata inglês em Bagdá. Antes de ir para Bagdá, Rawlinson, também oficial do exército a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, descobriu o Registro de Dario na rocha de Behistun, perto de Quermanchah, na Pérsia, em cuneiforme nas línguas persa arcaico, elamita e babilônica. O trabalho iniciado por Rawlinson em Bagdá, continuou no Museu Britânico, quando de sua volta à Inglaterra, em 1855. Pouco depois começou a publicar *Cuneiform Inscriptions of Western Asia.* Em 1866, George Smith reuniu-se a ele na qualidade de assistente.

Entrementes Ormuz Rassam, colaborador de Layard e seu sucessor em Nínive, escavou em 1853 a parte da biblioteca onde estava a versão assíria de *Guilgamech.* A importância da descoberta só foi percebida em dezembro de 1872, numa reunião da então recém-fundada Society of Biblical Archeology, quando George Smith anunciou ter descoberto, dentre os tabletes assírios do Museu Britânico, um relato do dilúvio. Tratava-se do undécimo tablete da recensão assíria. O interesse foi despertado pela publicação do *Chaldean Account of the Deluge*, mas como o tablete do dilúvio era incompleto, intensificaram-se as escavações. O *Daily Telegraph* contribuiu com 10.000 guinéus para as novas escavações em Nínive, que Smith deveria empreender em nome do Museu Britânico. Pouco depois de lá chegar, achou as linhas que faltavam na

17 — Tablete de argila em caracteres cuneiformes proveniente da biblioteca de Nínive, parte da Epopéia de Guilgamech sobre o Dilúvio Universal. Museu Britânico.

descrição do dilúvio, e que vieram a ser a parte mais bem preservada do épico.

A partir desta data, inumeráveis tabletes foram encontrados e Smith pôde esboçar em linhas gerais a versão assíria até sua morte em 1876, doente e mal-nutrido, perto de Aleppo, aos 36 anos.

Ao publicar o dilúvio assírio, Smith percebeu que era cópia de uma versão mais antiga, feita em Uruc (Erech, na Bíblia), a atual Warka. Alguns anos antes, entre 1849 e 1852, W. K. Loftus, membro da comissão de fronteiras turco-persa, passara duas curtas temporadas escavando em Warka, onde achara restos de mosaicos de parede do terceiro milênio a.C., e outros tabletes.

Depois destes acontecimentos, só nas décadas de 20 e 30 os alemães vieram a patrocinar maciças escavações em Warka, descobrindo uma longa série de edifícios, esculturas e tabletes. É principalmente devido a este trabalho que se deve o atual conhecimento da primitiva Uruc, seus templos e a vida de seus habitantes.

Já em 1888 a expedição norte-americana, da Universidade da Pennsylvania, liderada por John Punnet Peters, iniciou seus trabalhos pelo montículo de Niffar (a antiga Nippur), numa época em que as técnicas arqueológicas já haviam progredido muito, mas a expedição acabou sendo expulsa pelos beduínos. Os trabalhos foram reencetados no ano seguinte, descobrindo-se de trinta a

quarenta mil tabletes, que foram divididos entre a Filadélfia e Istambul. Incluem um pequeno grupo com as versões mais antigas do ciclo de Guilgamech em sumério.

Este é um trabalho que não tem fim. Foram publicados recentemente tabletes de Ur do Museu Britânico, e foram achados tabletes na região de Bagdá, alguns sobre eventos históricos, outros sobre a lenda de que tratamos. A distribuição dos tabletes por várias instituições do mundo dificulta a elaboração de uma decifração unificada.

A esmagadora maioria dos textos da Antigüidade é de informações comerciais e administrativas, arquivos de negócios, listas e inventários que, se profissionalmente interessantes para o historiador, não o são para o público. A recente decifração do B linear de Micenas e Creta da Idade do Bronze, não revelou nenhuma literatura. Uma grande biblioteca em Kültepe, na Anatólia Central, é totalmente comercial, quiçá um verdadeiro tabelião, e só há um texto solitário sobre uma praga.

A importância das escavações em Nippur, Nínive e outras cidades da Mesopotâmia é que trouxeram à luz toda uma literatura antiga e de alta qualidade.

O épico de Guilgamech deve ter sido amplamente difundido no segundo milênio a.C., pois foi achada uma versão até nos arquivos da capital hitita em Boghazkoi, na Anatólia, em semita acádico, tendo sido também traduzido no hitita indo-europeu e no hurrita. No sul da

Turquia, fragmentos foram achados em Sultantepe, e um fragmento pequeno, mas importante, em Meguido, na Palestina, apontando a existência de uma versão canaanita ou palestina recente, que é claro era conhecida dos primeiros autores bíblicos. Este fragmento fala da morte de Enkidu e é semelhante ao fragmento de Boghazkoi.

As escavações em Ras Shamra, a antiga Ugarit, no litoral sírio, evidenciaram uma literatura épica independente, cujas versões escritas datam principalmente do fim do segundo milênio a.C., também conhecida na capital hitita. Inclui um fragmento de uma narrativa do dilúvio, provavelmente derivada do de Guilgamech. Portanto, neste período houve uma considerável sobreposição e mistura de diversas tradições literárias, inclusive a hitita. Já se sugeriu a existência de uma tradução poética egéia miceniana análoga a Guilgamech, com alguns elementos sobrevivendo à assim chamada idade das trevas da Antigüidade, reaparecendo na poesia grega, de Homero em diante. Quanto à influência asiática no mito grego, o tema é ainda polêmico entre os eruditos.

Já neste período da Antigüidade mais recente, contemporânea de Homero, encontra-se o nome de Guilgamech popular em piadas e imitações em tabletes até o século VIII a.C., prováveis cópias de tabletes mais antigos. Na literatura suméria restam cinco poemas relacionados a Guilgamech. Dois deles foram fundidos com material posterior, na composição desta versão que o leitor tem em mãos: "Guilgamech e a Terra dos Vivos" e " A

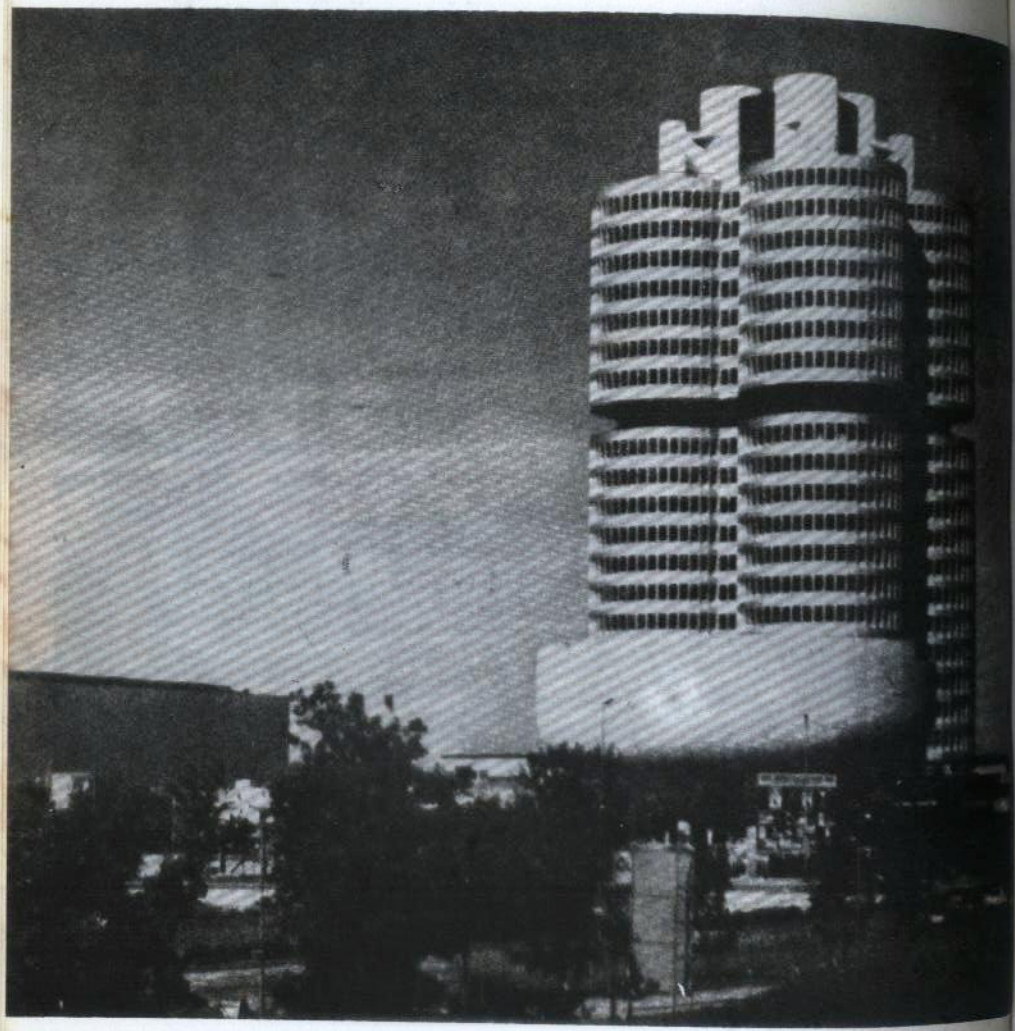
18 – Zigurate de E-anna em Uruk, a Erech bíblica e atual Warka, no centro da Mesopotâmia, atual Iraque.

19 – Zigurate da deusa lunar Nanna, construído pelo rei Urnammu, de Ur, Mesopotâmia, bastante restaurado.

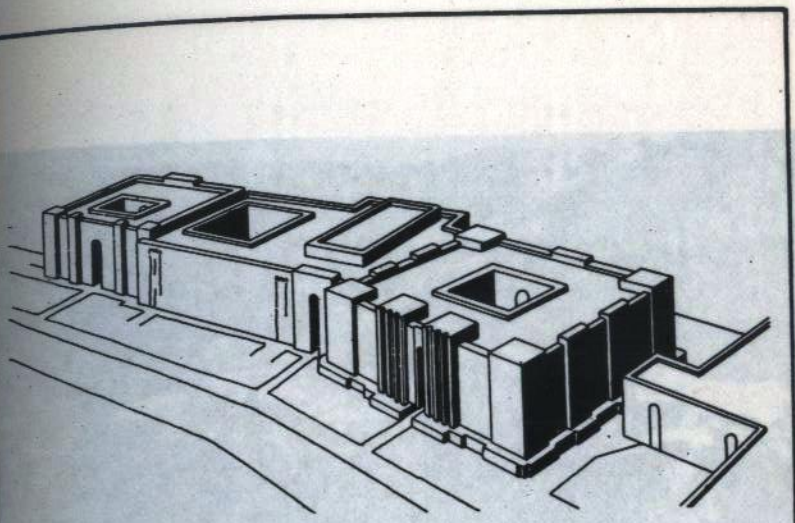
Morte de Guilgamech", que seriam parte de um texto muito maior, de 450 linhas. A linguagem é análoga à de um lamento por Ur-Nammu, governador de Ur, cerca de 2100 a.C. que menciona Guilgamech apenas de passagem. Outro poema: "Guilgamech e o Touro do Céu", também foi fundido num texto homogêneo assim como "Guilgamech, Enkidu, e o Mundo Infernal", poema sumério.

Há uma tradução recente da totalidade das histórias de Guilgamech, isto é, do corpo principal de sua lenda de autoria do dr. Oliver Gurney. Esta tradução para o português se baseia na tradução para o inglês (1960) da professora N. K. Sandars, da Universidade de Oxford, *fellow* da Society of Antiquaries, de Londres, e membro correspondente do Instituto Alemão de Arqueologia. Foi aluna do prof. Gordon Childe, logo após a Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Londres. Por sua vez, esta tradução da profa. Sandars baseou-se principalmente em *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels*, de Alexander Heidel, da Universidade de Chicago, 1949; na tradução de E. A. Speiser, em *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 1955, e comparações com outros artigos e publicações especializadas.

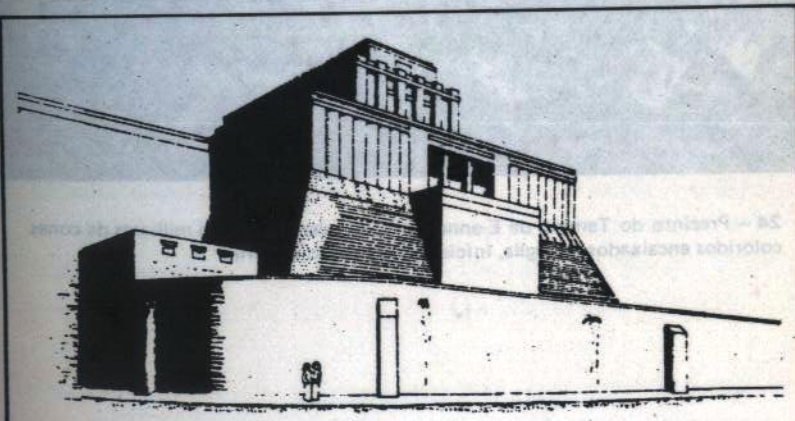
20 – Casa da Cultura de Grenoble, França. A arquitetura de nossos dias mostra uma recorrência do espírito titânico, uma dimensão que supera e esmaga tudo o que for simplesmente humano. Compare-se com exemplos da arquitetura babilônica: há uma notável semelhança entre suas linhas monolíticas, sem o rebuscamento da tradição greco-romana.



21 — Torre BMW, Munique, Alemanha. Outra característica de nossa era é o coletivismo intrínseco à sua arquitetura e sua monumentalidade voltada para as grandes corporações. O coletivismo, a ponto da perda do sentimento de individualidade, é também característico dos gigantes da Gonduana.



22 – Templo de Chu-Sin e palácio de Echnunna, Mesopotâmia.



23 – Reconstrução do templo 1 de Eridu, Mesopotâmia.

24 – Precinto do Templo de E-anna, em Uruk, decorado com milhares de cones coloridos encaixados na argila, início da civilização suméria.

EPOPÉIA DE GUILGAMECH

Prólogo

Guilgamech, Rei de Uruc

Proclamarei ao mundo os feitos de Guilgamech. Este foi o homem para quem todas as coisas eram conhecidas; foi o rei que conhecia as regiões do mundo. Era sábio, viu mistérios e sabia coisas secretas, e trouxe-nos uma lenda dos dias de antes do dilúvio. Ele partiu numa longa jornada, cansou-se, exauriu-se com seus trabalhos e retornando, descansou e entalhou numa pedra toda a história.

Quando os deuses criaram Guilgamech, deram-lhe um corpo perfeito. Chamach, o Sol glorioso, dotou-o de beleza; Adad, o deus da tempestade, dotou-o de coragem; os grandes deuses aperfeiçoaram sua beleza, superando todas as outras, terrífica como um grande touro selvagem. Dois terços o fizeram deus e um terço, homem.

Em Uruc ele erigiu muralhas, um grande fosso e o templo abençoado de Eanna para o deus do firmamento, Anu, e para Ichtar, a deusa do amor. Contemplai-o ainda hoje: o muro exterior onde a cornija corre reluz com o brilho do cobre; e o muro interior não tem igual.

Tocai os umbrais; são antiqüíssimos. Aproximai-vos de Eanna, a morada de Ichtar, nossa senhora do amor e da guerra, à semelhança da qual nenhum dos últimos reis e nenhum homem vivo pode se igualar. Subi à muralha de Uruc; observai o terraço das fundações, examinai a alvenaria: não é de bom tijolo queimado? Os sete sábios deitaram suas fundações.

1. Surge Enkidu

Guilgamech percorreu o mundo, mas não encontrou quem pudesse resistir a suas armas até chegar a Uruc. Mas os homens de Uruc murmuravam em suas casas: "— Guilgamech toca o sino de alarme para sua diversão; sua arrogância não tem limites, dia ou noite. Filho nenhum é deixado com seu pai, pois Guilgamech arrebata-os todos, até as crianças; mas o rei deveria ser um pastor para seu povo. Sua luxúria não deixa virgem com o amado, nem mesmo a filha do guerreiro ou a esposa do nobre; não obstante, tal é o pastor da cidade: sábio, gracioso e resoluto".

Os deuses ouviram seu lamento, os deuses do céu clamaram ao senhor de Uruc, a Anu, o deus de Uruc: "— Uma deusa o fez, forte como um touro selvagem, ninguém pode resistir a suas armas. Nenhum filho é deixado com seu pai, pois Guilgamech leva-os todos; e é esse o rei, o pastor de seu povo? Sua luxúria não deixa virgem com o amado, nem mesmo a filha do guerreiro ou a esposa do nobre". Quando Anu ouviu sua lamentação, os deuses clamaram a Aruru, a deusa da criação: "— Tu o fizeste, ó Aruru, agora cria seu igual; que seja

como ele, como seu próprio reflexo, seu segundo eu, coração tempestuoso para coração tempestuoso. Que lutem entre si e deixem Uruc em paz".

Assim a deusa concebeu uma imagem em sua mente, e era da substância de Anu, do firmamento. Mergulhou suas mãos n'água, apanhou um pedaço de argila, deixou cair no deserto, e o nobre Enkidu foi criado. Havia a virtude nele do deus da guerra, do próprio Ninurta. Seu corpo era rude, seu cabelo era comprido, como o de mulher; ondulava como o cabelo de Nisaba, a deusa do trigo. Seu corpo era coberto de cabelo emaranhado como o de Samuçã, deus do gado. Desconhecia a humanidade; nada sabia de cultivar a terra.

Enkidu comia a grama das colinas com a gazela e espreitava com as bestas selvagens nos olhos-d'água; brincava na água com as manadas de animais selvagens. Mas havia um armadilheiro que um dia o encontrou face a face no olho-d'água, pois os animais selvagens tinham invadido suas terras. Por três dias o encontrou face a face, e o caçador ficou paralisado de medo. Voltou para casa com a caça que tinha apanhado, mudo, transido de terror. Seu rosto estava alterado como o de alguém que fizera uma longa jornada. Com assombro em seu coração, falou a seu pai: "— Pai, há um homem, diferente de qualquer outro, que vem das colinas. É o mais forte do mundo, é como um imortal do céu. Vaga pelos morros com as bestas selvagens e come capim; atravessa tuas terras e desce até as cisternas. Tenho medo, e não me

atrevo a me aproximar dele. Ele enche as covas que abro e quebra minhas armadilhas colocadas para a caça; ajuda os animais a fugir e agora eles escorregam por entre meus dedos".

Seu pai abriu a boca e falou ao caçador: "— Meu filho, em Uruc vive Guilgamech; ninguém jamais prevaleceu contra ele; é forte como um astro do céu. Vai a Uruc, acha Guilgamech, exalta a força desse homem selvagem. Pede a ele que te dê uma meretriz, uma prostituta do templo do amor; retorna com ela, e deixa que seu poder feminino sobrepuje esse homem. Quando de novo ele descer para beber nos poços ela estará lá, desnuda; e quando ele perceber seus convites, ele a abraçará, e então os animais selvagens o rejeitarão".

Assim o caçador empreendeu sua jornada para Uruc e dirigiu-se a Guilgamech, dizendo: "— Um homem diverso de qualquer outro está errando pelas pastagens; é forte como um astro do céu e tenho medo de aproximar-me dele. Ele ajuda a caça a escapar; enche minhas covas e desmonta minhas armadilhas". E Guilgamech disse: "— Caçador, volta, leva contigo uma prostituta, uma filha do prazer. Junto ao olho-d'água ela se despirá, e quando perceber seus convites, ele a abraçará e a caça do deserto por certo o rejeitará".

Então o caçador voltou, levando a meretriz consigo. Após três dias de jornada chegaram à nascente e ali se sentaram; a meretriz e o caçador se sentaram frente a

frente e esperaram que os animais viessem. Pelo primeiro dia e pelo segundo dia os dois sentaram-se esperando, mas no terceiro dia as manadas vieram; vieram para beber, e Enkidu estava com elas. As pequenas criaturas selvagens das planícies se satisfaziam com a água, e Enkidu estava com elas, aquele que comia a grama com as gazelas e nascera nas colinas; e ela o viu, o homem selvagem, vindo de longe, dos morros. O caçador falou-lhe: "— Ali está ele. Agora, mulher, descobre os seios, não te acanhes, não tergiversa, mas aceita o amor dele. Deixa que te veja nua, deixa que possua teu corpo. Quando ele se aproximar, descobre-te, e deita com ele; ensina-lhe, ao homem selvagem, tuas artes de mulher, pois quando ele murmurar amor para ti, as bestas selvagens que partilharam da sua vida nas colinas o rejeitarão".

Ela não teve vergonha de tomá-lo; pôs-se nua e acolheu sua avidez; enquanto se deitava sobre ela murmurando amor, ela lhe ensinou as artes de mulher. Por seis dias e sete noites deitaram-se juntos, porque Enkidu tinha esquecido sua morada nas colinas; mas quando ficou satisfeito, voltou para os animais selvagens. Então, quando as gazelas o viram, saltaram para longe; quando as criaturas selvagens o viram, fugiram para longe. Enkidu quisera segui-los, mas seu corpo estava amarrado como que por uma corda, seus joelhos cederam quando começou a correr, sua agilidade tinha-se ido. E agora as criaturas selvagens todas tinham fugido; Enkidu estava enfraquecido, pois a sabedoria estava nele e os pensamen-

tos de um homem estavam em seu coração. Então ele retornou e sentou-se aos pés da mulher, e escutou atentamente ao que ela lhe disse: "És sábio, Enkidu, e agora te tornaste como um deus. Por que queres tornar-te bravio entre os animais das colinas? Vem comigo. Vou levar-te para Uruc, dos fortes muros, ao abençoado templo de Ichtar e de Anu, do amor e do céu: ali vive Guilgamech, que é muito forte, e como um touro selvagem senhoreia sobre os homens".

Quando ela terminou de falar Enkidu alegrou-se; ansiava por um camarada que pudesse entender seu coração. "— Vamos, mulher, e leva-me àquele templo sagrado, à casa de Anu e de Ichtar, e o lugar onde Guilgamech senhoreia sobre o povo. Desafiá-lo-ei ousadamente, gritarei alto em Uruc: '— Sou o mais forte aqui; eu que nasci nas colinas, eu é que sou o mais forte de todos' ".

E ela disse: "— Vamos, e que ele veja teu rosto. Sei muito bem onde está Guilgamech na grande Uruc. Ó Enkidu, lá todo o povo enverga suntuosas vestes, todo o dia é dia de festa, os moços e as moças são belos de se ver. Quão suave é seu perfume! Todos os grandes ficam arrebatados. Ó Enkidu, tu que amas a vida, mostrar-te-ei Guilgamech, homem de muitas paixões; poderás observá-lo em sua radiosa virilidade. Seu corpo é perfeito em força e maturidade; ele nunca descansa, de noite ou de dia. Ele é mais forte que tu, deixa de gabar-te! Chamach, o glorioso Sol, favoreceu Guilgamech, e Anu dos céus, e

Enlil e Ea, o sábio, deu-lhe uma profunda compreensão. Digo-te, mesmo antes de deixares o deserto, Guilgamech saberá em seus sonhos que estarás a caminho".

Ora, Guilgamech levantou-se para contar seu sonho a sua mãe. Ninsun, uma entre os deuses sábios: "— Mãe, na noite passada tive um sonho. Eu estava cheio de alegria, os jovens heróis estavam à minha volta e eu andava pela noite, sob os astros do firmamento e um meteoro da substância de Anu caiu do céu. Tentei levantá-lo mas se mostrou muito pesado. Todo o povo de Uruc chegou em volta para vê-lo, o povo comum se acotovelava e os nobres se atropelavam para lhe beijar os pés; e para mim sua atração era como o amor da mulher. Eles me ajudaram, ergui-o com correias passadas pela testa e trouxe-o para ti, e tu mesma o declaraste meu irmão".

Então Ninsun, a bem-amada e sábia, disse a Guilgamech: "— Esse astro que desceu como um meteoro do céu, que tentaste levantar mas achaste muito pesado, quando tentaste movê-lo nem se comoveu, e assim o trouxeste a meus pés; eu o fiz para ti êmulo e estímulo, e foste atraído como que por uma mulher. Esse é o forte camarada, o que traz ajuda a seu amigo na necessidade. É a mais forte das criaturas selvagens, a substância de Anu; nascido nas pradarias e criado pelas colinas selvagens; quando vires, ficarás contente; ama-lo-ás como a uma mulher e ele nunca te faltará. Este é o significado do sonho".

E Guilgamech disse: "— Mãe, sonhei um segundo sonho. Nas ruas de Uruc dos fortes muros, jazia um machado; seu formato era estranho e o povo se ajuntava à sua volta. Eu o vi e alegrei-me. Abaixei-me, profundamente atraído para ele; ameio-o como a uma mulher e o prendi ao meu flanco". E Ninsun respondeu: "— Aquele machado que viste e que te atraiu tão poderosamente como o amor de uma mulher, esse é o camarada que te dou, e ele virá em sua força como um da hoste do céu. Ele é o bravo companheiro que resgata seu amigo na necessidade". E Guilgamech disse à sua mãe: "— Um amigo, um conselheiro veio a mim de Enlil, e agora serei seu amigo e conselheiro". Assim Guilgamech contou seus sonhos, e a prostituta os contou de novo a Enkidu.

E agora ela dizia a Enkidu: " — Quando olho para ti, te tornas como um deus. Por que desejas correr de novo com os animais pelas colinas? Ergue-te do chão, que é a cama do pastor". Ele escutava as palavras dela com cuidado. Era bom conselho, o que ela dava. Ela dividiu sua veste em duas, com uma metade cobriu-o e com a outra a si mesma; e segurando a mão dele levou-o como a uma criança até os currais dos pastores e às tendas deles. Ali todos os pastores acorreram para vê-lo, depuseram pão à sua frente, mas Enkidu só sabia sugar o leite dos animais selvagens. Ele ficou admirando e revirando, sem saber como comer o pão ou beber o forte vinho. Então a mulher disse: "— Enkidu, come o pão, é o sustento da vida; bebe o vinho, é o costume da terra". E assim ele comeu até estar farto e bebeu vinho forte, sete

copos. Ficou alegre, seu coração exultava e seu rosto brilhava. Raspou o pêlo emaranhado de seu corpo e ungiu-se com óleo. Enkidu tornara-se um homem; mas quando pôs a roupa de um homem, ficou parecido com um noivo. Tomou as armas para a caça do leão, para que os pastores pudessem descansar à noite. Apanhou lobos e leões e os pastores repousavam em paz; pois Enkidu era seu vigia, aquele homem forte que não tinha rival.

Estava contente, vivendo com os pastores, até que um dia, ao erguer o olhar, viu um homem se aproximando. Disse à meretriz: "— Mulher, traz aquele homem aqui. Por que ele veio? Quero saber seu nome". Ela foi e chamou o homem, dizendo: "— Senhor, para onde vai nesta cansativa jornada?" E o homem respondeu, dizendo para Enkidu: "— Guilgamech foi para a casa nupcial e não deixa o povo entrar. Faz coisas estranhas em Uruc, a cidade das grandes ruas. Ao rufo do tambor começa o trabalho para os homens e para as mulheres. Guilgamech, o rei, está para celebrar o casamento com a Rainha do Amor, e ainda exige ser o primeiro com a noiva, o rei a ser o primeiro e o marido a seguir, pois isso foi ordenado pelos deuses desde seu nascimento, desde o tempo em que o cordão umbilical foi cortado. Mas agora os tambores rufam para a escolha da noiva e a cidade geme". A estas palavras Enkidu ficou com o rosto lívido: "— Irei ao lugar onde Guilgamech senhoreia sobre o povo, vou desafiá-lo ousadamente e gritarei bem alto em Uruc: '— Vim mudar a velha ordem, pois eu sou o mais forte aqui' ".

Ora, Enkidu marchava na frente e a mulher seguia atrás. Entrou em Uruc, aquele grande mercado, e todo o povo aglomerou-se à volta dele na rua, na Uruc dos fortes muros. O povo se empurrava e falando dele, diziam: "— É Guilgamech escarrado". "— É mais baixo". "— É de ossatura maior". "— Este é aquele que foi nutrido com o leite dos animais selvagens. Sua é a maior força". Os homens se rejubilavam: "— Agora Guilgamech encontrou seu igual! Este gigante, este herói cuja beleza é como a de um deus, é par mesmo para Guilgamech!"

Em Uruc o leito nupcial estava pronto, digno da deusa do amor. A noiva esperava pelo noivo, mas em meio à noite, Guilgamech levantou-se e foi para a casa. Então Enkidu deu um passo à frente, parou na rua e bloqueou o caminho. O poderoso Guilgamech avançou e Enkidu encontrou-o no portão. Esticou o pé e impediu Guilgamech de entrar na casa, de modo que se atracaram, um segurando ao outro como touros. Quebraram as ombreiras da porta e as paredes tremeram. Guilgamech dobrou o joelho, com o pé plantado no chão, e com um volteio derrubou Enkidu. Então imediatamente sua fúria morreu. Quando Enkidu foi derrubado, disse a Guilgamech: "— Não há outro como tu no mundo. Ninsun, que é forte como um boi selvagem no estábulo, ela foi a mãe que te gerou, e agora estás exaltado acima de todos os homens, e Enlil deu-te a realeza, pois tua força ultrapassa a força dos homens". Assim Enkidu e Guilgamech abraçaram-se e sua amizade foi selada.

25 – Impressão de selo acádico do fim do terceiro milênio antes de Cristo, representando uma das explorações de Guilgamech e Enkidu, gabinete Real de Medalhas, Haia.

2. A Jornada da Floresta

Enlil da montanha, o pai dos deuses, decretara o destino de Guilgamech. Então Guilgamech sonhou, e Enkidu disse: "— O significado do sonho é este. O pai dos deuses te deu a realeza; esse é teu destino, a vida eterna não é teu destino. Por causa disto não estejas triste no teu coração, não estejas aflito ou oprimido. Ele deu-te poder de atar e soltar, ser a treva e a luz da humanidade. Ele deu-te supremacia sem par sobre o povo, vitória na batalha da qual nenhum fugitivo retorna, em incursões e assaltos dos quais não há como voltar. Mas não abusa deste poder, trata justamente teus servos no palácio, sê justo perante Chamach".

Os olhos de Enkidu estavam cheios de lágrimas e seu coração angustiado. Ele suspirou amargamente e Guilgamech encontrou o seu olhar e disse: "— Meu amigo, por que suspiras tão amargamente?" Mas Enkidu abriu a boca e disse: "— Estou fraco, meus braços perderam sua força, um grito de tristeza está preso em minha garganta; estou oprimido pela ociosidade". Foi então que o senhor Guilgamech voltou seu pensar para a

Terra dos Vivos; sobre a Terra dos Cedros o senhor Guilgamech refletiu. Disse a seu servo Enkidu: "— Não estabeleci meu nome estampado em tijolos como decretou meu destino; portanto, irei ao país onde o cedro é abatido. Estabelecerei meu nome onde os nomes de homens famosos estão escritos e onde o nome de nenhum homem ainda está escrito erguerei um monumento aos deuses. Por causa do mal que está naquela terra, iremos à floresta e destruiremos o mal; pois na floresta vive Humbaba, cujo nome é 'Enormidade', um gigante feroz". Mas Enkidu suspirou amargurado e disse: "— Quando eu ia com as bestas selvagens pelos desertos descobri a floresta; seu comprimento é de dez mil léguas em cada direção. Enlil designou Humbaba para guardá-la e armou-o com sétuplos terrores; terrível para toda carne é Humbaba. Quando ele ruge, é como a torrente da tempestade, seu alento é como o fogo e suas mandíbulas são a própria morte. Guarda os cedros tão bem que quando a novilha brava se mexe na floresta, mesmo que esteja a sessenta léguas de distância, ele a ouve. Que homem voluntariamente penetraria naquele país e exploraria suas profundezas? Digo-te que a fraqueza sobrepuja quem quer que se aproxime dele: não é uma luta igual quando se luta com Humbaba; é um grande guerreiro, um aríete. Ó Guilgamech, o vigia da floresta nunca dorme!"

Guilgamech replicou: "— Onde está o homem que pode escalar o céu? Apenas os deuses vivem para sempre com o glorioso Chamach, mas quanto a nós homens,

nossos dias estão numerados, nossas ocupações são um sopro do vento. Como, e já estás com medo? Irei primeiro, muito embora seja teu senhor, e poderás seguramente gritar: '— Avante, nada há a temer'! Então se eu cair, deixarei atrás de mim um nome duradouro; os homens falarão de mim: '— Guilgamech caiu na luta com o feroz Humbaba'. Muito depois que um filho nasça na minha casa, dirão isto, e se lembrarão". Enkidu dirigiu-se de novo a Guilgamech: "— Ó meu senhor, se jamais entraste naquela terra, vai primeiro ter com o herói Chamach, avisa o deus Sol, pois a terra é dele. O país onde o cedro é cortado pertence a Chamach".

Guilgamech tomou um cabrito branco sem mácula e um castanho, consigo; segurou-os contra o peito e carregou-os à presença do Sol. Levou em sua mão seu cetro de prata e disse ao glorioso Chamach: "— Estou indo para aquela terra, ó Chamach, estou indo; minhas mãos suplicam, assim favorece minha alma e traz-me de volta às ruas de Uruc. Concede, rogo-te, tua proteção e que o presságio seja bom". O glorioso Chamach respondeu: "— Guilgamech, és forte, mas o que é a Terra dos Vivos para ti?"

"— Ó Chamach, ouve-me; ouve-me Chamach, que minha voz seja ouvida. Aqui na cidade o homem morre oprimido no coração, o homem perece com desespero em seu coração. Olhei por sobre a muralha e vi os corpos flutuando no rio, e esse será o meu fim também. De fa-

to sei; pois o mais alto dos homens não pode atingir os céus, e o maior não pode abarcar a terra. Por isso queria entrar naquela terra: porque ainda não estabeleci meu nome estampado no tijolo como meu destino decretou, e irei ao país onde se abate o cedro. Estabelecerei o meu nome onde os nomes de homens famosos estão escritos; e onde o nome de homem nenhum está escrito, erguerei um monumento aos deuses". As lágrimas rolaram pelo seu rosto, e falou: "— Ai! É uma longa jornada que preciso fazer até a Terra de Humbaba. Se esta empresa não é para ser cumprida, por que moveste-me, Chamach, com o implacável desejo de executá-la? Como posso ter sucesso se não me socorres? Se eu morrer naquela terra, morro sem rancor, mas se eu retornar, farei uma gloriosa oferenda de presentes e louvores a Chamach".

E assim Chamach aceitou o sacrifício de suas lágrimas; como o homem compadecido, demonstrou-lhe mercê. Apontou fortes aliados para Guilgamech, filhos de uma só mãe, e alojou-os nas cavernas das montanhas. Os grandes ventos, ele assinalou: o vento norte, o torvelinho, a tempestade e o vento gelado, a tempestade e o vento escorchante. Como víboras, como dragões, como um fogo abrasador, como serpente que gela o coração, um dilúvio destruidor e o forcado do relâmpago, assim eles eram, e Guilgamech regozijou-se.

Foi à forja e disse: "— Darei ordens aos armeiros; fundirão para nós armas, enquanto os assistimos". E en-

26 – Acima: Gênios fertilizando a Árvore da Vida, flanqueados por versões estilizadas da árvore. Marfim fenício de Nimrud (séc. VIII-VII a.C.), Museu Britânico.

27 – Ao lado: Estela de Urnammu, de Ur (2022-2004 a.C.) regando a Árvore da Vida perante Chamach, o Sol, no topo do relevo, Museu da Universidade da Pennsylvania.

tão deu as ordens aos armeiros e os artífices sentaram-se em conferência. Foram aos bosques da planície e cortaram salgueiros e buxos; fundiram para eles machados de nove libras e grandes espadas com lâminas de seis libras, com botões e empunhaduras de trinta libras. Fundiram para Guilgamech o machado "Poder dos Heróis" e o arco de Anchan; e Guilgamech foi armado, e Enkidu; e o peso das armas que eles carregavam era de trinta libras.

O povo e os conselheiros reuniram-se nas ruas e na praça do mercado de Uruc; vieram pelo portão dos sete ferrolhos e Guilgamech falou-lhes na praça do mercado: "— Eu, Guilgamech, irei ver aquela criatura de quem se falam tantas coisas, o rumor de cujo nome enche o mundo. Vou conquistá-lo em seu bosque de cedros e mostrarei a força dos filhos de Uruc; todo o mundo saberá dela. Estou empenhado nesta empresa: subir a montanha, abater o cedro, e deixar atrás de mim um nome duradouro". Os conselheiros de Uruc, esse grande mercado, responderam-lhe: "— Guilgamech, és jovem, tua coragem te arrebata muito longe, não podes saber o que esta empresa significa, e que planejas. Ouvimos que Humbaba não é como os homens, que morrem; suas armas são tais que nenhuma pode se contrapor a elas; a floresta se estende por dez mil léguas em cada direção; quem voluntariamente iria explorar suas profundezas? Quanto a Humbaba, quando ele ruge, é como a torrente da tempestade, seu alento é como fogo e suas mandíbulas são

a própria morte. Por que anseias tanto fazer isto, Guilgamech? Não é uma luta igual, quando alguém luta com Humbaba, o aríete".

Ao escutar estas palavras dos conselheiros, Guilgamech olhou para seu amigo e riu: "— Como devo responder-lhes? Devo dizer que estou com medo de Humbaba, que ficarei sentado em casa todo o resto de meus dias?" Então Guilgamech abriu sua boca de novo e disse a Enkidu: "— Meu amigo, vamos ao Grande Palácio, a Egalmah, e apresentemo-nos perante Ninsun, a rainha. Ninsun é sábia, com um conhecimento profundo, ela nos dará conselho sobre o caminho que deveremos trilhar". Tomaram a mão um do outro enquanto iam para Egalmah, e foram ter com Ninsun, a grande rainha. Guilgamech aproximou-se, entrou no palácio e falou com Ninsun: "— Ninsun, ouve-me; tenho uma longa jornada a percorrer, à Terra de Humbaba, devo viajar por um caminho desconhecido e lutar uma estranha batalha. Do dia em que eu partir e até eu voltar, até eu atingir a floresta de cedros e destruir o mal que Chamach abomina, reza por mim a Chamach".

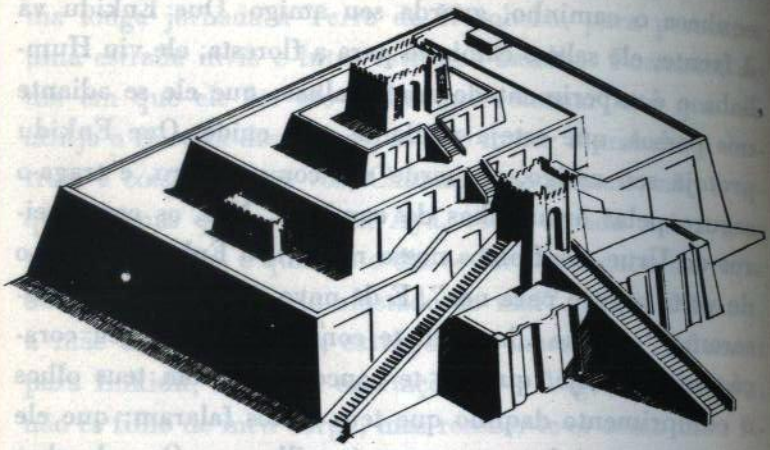
Ninsun foi para seu quarto, vestiu uma roupa que adornava seu corpo, colocou jóias que tornavam lindo seu peito, e uma tiara na cabeça e suas saias tocavam o chão. Então subiu ao altar do Sol, que ficava no teto do palácio; queimou incenso e ergueu os braços para Chamach, enquanto a fumaça subia: "— Ó Chamach, por que destes este coração incansável a Guilgamech, meu

filho; por que o destes? Moveste-o, e agora ele parte numa longa jornada à Terra de Humbaba, para percorrer uma estrada ínvia e lutar estranha batalha. Portanto, do dia em que ele for até o dia que retornar, até que ele atinja a floresta dos cedros, até ele matar Humbaba e destruir a coisa má que vós, Chamach, abominais, não o esquecei, mas que a aurora, Aya, vossa amada noiva, vos recorde sempre, e quando o dia se for, entregai-o ao vigia da noite para mantê-lo afastado do mal". Então Ninsun, a mãe de Guilgamech, extinguiu o incenso, e exclamou para Enkidu, com esta exortação: "— Vigoroso Enkidu, não és filho de meu corpo, mas receber-te-ei como meu filho adotivo; és meu outro filho, como os enjeitados que levam ao templo. Serve Guilgamech como um enjeitado serve ao templo e à sacerdotisa que o criou. Na presença de minhas mulheres, meus adeptos e hierofantes, eu o declaro". Então colocou o amuleto votivo em torno do pescoço dele, dizendo: "— Confio-te meu filho; trazei-o de volta em segurança".

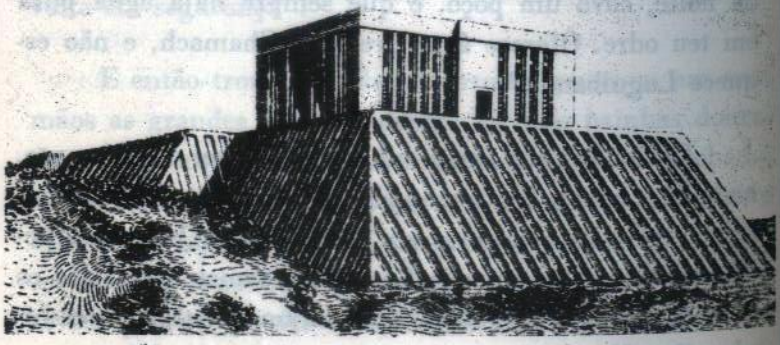
E então trouxeram-lhes as armas, puseram em suas mãos as grandes espadas, dentro de suas bainhas douradas, e o arco, e o carcás. Guilgamech pegou o machado, dependurou o carcás no ombro, e o arco de Anchan, e afivelou a espada em seu cinturão; e assim estavam armados e prontos para a jornada. Aí todo o povo veio e se comprimiu à volta deles, dizendo: "— Quando voltarás à cidade?" Os conselheiros abençoaram Guilgamech e o advertiram: "— Não confia demasiado em tua força, sê vigilante, restringe teus golpes de início. O que

vai na frente protege seu companheiro; o bom guia que conhece o caminho, guarda seu amigo. Que Enkidu vá à frente, ele sabe o caminho para a floresta, ele viu Humbaba e é experimentado em batalhas; que ele se adiante nos passos, que esteja vigilante e se cuide. Que Enkidu proteja seu amigo, e guarde seu companheiro, e traga-o seguro pelas armadilhas do caminho. Nós, os conselheiros de Uruc, confiamos nosso rei a ti, ó Enkidu; trazei-o de volta seguro para nós". E de novo, a Guilgamech, disseram: "— Que Chamach te conceda o que o teu coração mais deseja, que ele te conceda ver com teus olhos o cumprimento daquilo que teus lábios falaram; que ele abra um caminho para teus pés trilharem. Que ele abra as montanhas para as cruzares, e que o período da noite te conceda as bênçãos da noite, e Lugulbanda, teu deus guardião, fique a teu lado pela vitória. Possas ter vitória na batalha como se lutasses contra uma criança. Lava teus pés no rio de Humbaba, para o qual viajas; ao cair da noite, cava um poço, e que sempre haja água pura em teu odre. Oferece água fresca a Chamach, e não esquece Lugulbanda".

Então Enkidu abriu sua boca e disse: "— Avante, nada há a temer. Segui-me, pois eu sei o lugar onde Humbaba vive e os caminhos por onde anda. Que os conselheiros recuem. Aqui não há nada a temer". Quando os conselheiros ouviram isto, apressaram o herói no caminho: "— Vá, Guilgamech, que teu deus guardião te proteja no caminho e te traga de volta em segurança às ruas de Uruc".



28 – Reconstrução do zigurate de Urnammu, em Ur, Mesopotâmia.



29 – Reconstrução do Templo Branco, em Eridu, Mesopotâmia.

Após vinte léguas, comeram um desjejum; após mais trinta léguas, pararam para a noite. Cinqüenta léguas caminhavam em um dia; em três dias tinham caminhado tanto quanto a jornada de um mês e duas semanas. Cruzaram sete montanhas antes de chegarem aos portais da floresta. Então Enkidu exclamou para Guilgamech: "— Não entra na floresta; quando abri o portão, minha mão perdeu sua força". E Guilgamech respondeu-lhe: "— Caro amigo, não fales como um covarde. Não levamos a melhor em tantos perigos e viajamos tão longe, para afinal voltarmos as costas? Tu, provado em guerras e lutas, fica junto a mim agora e não sentirás medo da morte; fica a meu lado e tua fraqueza passará, o tremor deixará tua mão. Meu amigo ficaria para trás? Não, iremos juntos até o coração da floresta! Que tua coragem seja excitada pela batalha que está para vir; esquece a morte e segue-me, homem resoluto na ação, mas que não é temerário. Quando dois vão juntos, cada um protegerá a si e escudará seu companheiro, e se caírem, deixarão um nome duradouro".

E juntos foram pela floresta e chegaram à montanha verde. Ali pararam, aparvalhados; parados contemplavam a floresta. Viram a altura do cedro, viram o caminho pela floresta e a trilha que Humbaba estava acostumado a trilhar. O caminho era amplo e fácil de percorrer. Observaram a montanha dos cedros, a morada dos deuses e o trono de Ichtar. A enormidade do cedro erguia-se à frente da montanha, sua sombra era belíssima, cheia

de conforto; montanha e clareira verdejavam com arbustos.

Ali Guilgamech cavou um poço antes do pôr-do-sol. Subiu a montanha e espalhou farinha fina sobre o chão e disse: "— Ó montanha, morada dos deuses, trazei-me um sonho favorável". Entrelaçaram suas mãos e deitaram-se para dormir; e o sono, que flui da noite, banhou-os. Guilgamech sonhou e à meia-noite o sono deixou-o, e ele contou seu sonho ao amigo. "— Enkidu, o que me acordou, se não foste tu a me acordar? Meu amigo, sonhei uma visão. Ergue-te, olha para o precipício da montanha. O sono que os deuses me enviaram está rompido. Ah, meu amigo, que sonho eu tive! Terror e confusão! Agarrei um touro selvagem no deserto. Ele mugia e golpeava a poeira até todo o céu escurecer, meu braço estava paralisado e minha língua amarrada. Recuei, caindo de joelhos; então, alguém refrescou-me com a água de seu odre".

E Enkidu disse: "— Caro amigo, o deus rumo a quem estamos viajando não é nenhum touro selvagem, muito embora sua forma seja misteriosa. Aquele touro selvagem que viste é Chamach, o Protetor; em nosso momento de perigo ele tomará nossas mãos. Aquele que deu água de seu odre, aquele é teu próprio deus que zela pelo teu bom nome, seu Lugulbanda. Unidos a ele, juntos cumpriremos uma obra cuja fama nunca morrerá".

E Guilgamech disse: "— Sonhei de novo. Estávamos numa profunda garganta da montanha, e além disto, nós dois éramos como a menor das moscas do pântano; e subitamente a montanha caiu, atingiu-me, e puxou meus pés. Então veio uma intolerável luz cegante, e nela estava aquele cuja graça e beleza eram maiores que a beleza deste mundo. Ele me puxou de baixo da montanha, e deu-me água para beber e meu coração foi confortado, e estabeleceu meus pés no chão".

Então Enkidu, filho das planícies, disse: "— Vamos descer da montanha e discutir tudo isto de novo". E ele disse a Guilgamech, o jovem deus: "— Teu sonho é bom, teu sonho é excelente, a montanha que viste é Humbaba. Ora, certamente o agarraremos e o mataremos, e precipitaremos seu corpo como a montanha caiu na planície".

No dia seguinte, após vinte léguas saciaram a fome, e depois de mais trinta pararam, para a noite. Cavaram um poço antes de o Sol se pôr e Guilgamech subiu a montanha. Aspergiu farinha fina sobre o chão e disse: "— Ó montanha, morada dos deuses, envia um sonho a Enkidu, faz para ele um sonho auspicioso". A montanha compôs um sonho para Enkidu; veio, um sonho ominoso; uma chuva fria passou sobre ele, que o fez encolher-se como a cevada dos montes sob uma chuva tempestuosa. Mas Guilgamech sentou com o queixo nos joelhos até que o sono que flui sobre toda humanidade banhou-o. Então, à meia-noite, o sono deixou-o; ergueu-se e disse ao amigo:

"— Chamaste-me, ou por que acordei? Tocaste-me, ou por que estou terrificado? Será que algum deus passou, pois meus membros estão entorpecidos com o temor? Meu amigo, vi um terceiro sonho e este sonho era inteiramente assustador. Os céus rugiam e a terra também rugia; a luz do dia faltava, e as trevas caíram; raios relampejavam, o fogo abrasava; as nuvens baixavam, e choviam a morte. Então o relâmpago partiu, o fogo desapareceu, e tudo caía como cinzas à nossa volta. Desçamos da montanha e discutamos sobre isto, e consideremos o que fazer".

Quando desceram da montanha, Guilgamech agarrou o machado em sua mão: abateu o cedro. Quando Humbaba ouviu o ruído à distância, enfureceu-se, e gritou: "— Quem é esse que violou meu bosque e cortou meu cedro?" Mas o glorioso Chamach chamou-os do céu: "— Vão em frente, não temam". Mas agora, Guilgamech estava vencido pela fraqueza, pois o sono o tomara de súbito, um profundo sono o segurava; jazia no chão, estendido, emudecido, como num sonho. Quando Enkidu tocou-o ele não se levantou; quando lhe falou, não respondeu: "— Ó Guilgamech, senhor da planície de Kullab, o mundo escurece, as sombras se esparramaram sobre ele, eis o luzir do crepúsculo. Chamach partiu, sua brilhante cabeça está mergulhada no seio de sua mãe Ningal. Ó Guilgamech, quanto vais jazer assim, adormecido? Não faças a mãe que te gerou ser forçada a se lamentar na praça da cidade".

Guilgamech acabou ouvindo-o; envergou seu peitoral, "Voz dos Heróis", pesando trinta sheckels; vestiu-o como se fosse uma roupa leve que carregasse, e cobriu-se inteiramente. Postou-se sobre a terra como um touro que bufa contra o solo, e seus dentes estavam cerrados: "— Pela vida de minha mãe Ninsun que me gerou, e pela vida de meu pai, o divino Lugulbanda, até que tenhamos combatido este homem, se homem ele é, este deus, se deus ele é, que o caminho que tomei para a Terra dos Vivos não leve de volta à cidade".

Então Enkidu, o fiel companheiro, replicou, respondendo-lhe: "— Ó meu senhor, não conheceis esse monstro e essa é a razão pela qual não tendes medo. Eu, que o conheço, estou aterrorizado. Seus dedos são garras de dragão, seu semblante é como o de um leão, sua carga é o ímpeto da inundação, com seu olhar esmaga indiferentemente as árvores da floresta e os caniços do pântano. Ó meu senhor, podeis avançar, se assim o quiserdes, por esta terra, mas eu voltarei à cidade. Contarei à senhora sua mãe todos os vossos feitos gloriosos até que ela grite de alegria: e então narrarei a morte que se seguiu, até que ela chore com a amargura". Mas Guilgamech disse: "— Imolação e sacrifício ainda não são para mim, o barco dos mortos não partirá, nem o pano das três espessuras será cortado para minha mortalha. Nem tampouco meu povo ficará desolado, nem a pira será incendiada em minha casa e minha habitação queimada no fogo. Hoje, dá-me teu auxílio e terás o meu: o que

então estará perdido entre nós? Todas as criaturas vivas nascidas da carne sentar-se-ão por fim no barco do oeste, e quando ele afundar, quando o barco de Maguilum afundar, estarão desaparecidos; mas continuaremos, e fixaremos nossos olhos nesse monstro. Se teu coração está temeroso, lança o temor para longe; se há nele o terror, lança o terror para longe. Pega o machado em tua mão e ataca. Aquele que deixa a luta inacabada não pode ficar em paz".

Humbaba saiu de sua forte casa de cedro. Então Enkidu exclamou: "— Ó Guilgamech, recorda agora tuas bravatas em Uruc. Avante, ataca, filho de Uruc. Não há nada a temer!" Ao ouvir estas palavras, sua coragem reavivou-se; ele respondeu: "— Depressa, aproxima-te, se o vigilante estiver ali não o deixa escapar para o mato, onde desaparecerá. Ele revestiu-se do primeiro dos seus sete esplendores, mas não ainda dos outros seis, vamos apanhá-lo antes que esteja armado". Como um touro selvagem enfurecido, resfolegou contra o solo; o vigilante da floresta ficou ameaçador, e gritou. Humbaba veio de sua forte casa de cedro. Acenou e abanou a cabeça, ameaçando Guilgamech; e nele fixou o olho, o olho da morte. Então Guilgamech chamou Chamach, e suas lágrimas corriam: "— Ó glorioso Chamach, segui o caminho que me ordenaste, mas agora, se não me envias socorro, como escaparei?" O glorioso Chamach ouviu sua oração e convocou o grande vento, o vento norte, o torvelinho, a tempestade e o vento gelado, a tempestade e o vento abra-

sador; vieram como dragões, como um fogo abrasador como uma serpente que congela o coração, um dilúvio destruidor e o forcado do relâmpago. Os oito ventos ergueram-se contra Humbaba, chocaram-se contra seus olhos; foi agarrado, incapaz de ir para a frente ou para trás. E Guilgamech gritou: "— Pela vida de Ninsun, minha mãe, e pelo divino Lugulbanda, meu pai, na Terra dos Vivos; nesta terra descobri tua morada; meus frágeis braços e minhas pequenas armas trouxe a esta terra contra ti, e agora penetrarei em tua casa".

E assim ele abateu o primeiro cedro e eles cortaram os ramos e os depuseram ao pé da montanha. Ao primeiro golpe, Humbaba abrasou-se, mas ainda assim eles avançavam. Abateram sete cedros e cortaram e amarraram os ramos e os depuseram ao pé da montanha, e sete vezes Humbaba desencadeou a sua glória sobre eles. Ao apagar-se da sétima chama, eles atingiram seu covil. Ele golpeou sua coxa, em desapontamento. Aproximou-se como um nobre touro selvagem amarrado na montanha, um guerreiro cujos cotovelos estão ligados. As lágrimas despontaram em seus olhos e ele estava pálido: "— Guilgamech, deixai-me falar. Nunca conheci mãe, não, nem um pai que me criasse. Nasci da montanha, ela me criou, e Enlil fez-me guardião desta floresta. Deixai-me livre, Guilgamech, e serei teu servo, e serás meu senhor; todas as árvores da floresta de que eu cuidei serão tuas. Cortá-las-ei e te construirei um palácio". Tomou-o pela mão e o levou à sua casa, de modo que o coração de Guilgamech foi movido pela compaixão. Ele ju-

rou pela vida celestial, pela vida terrenal, pelo próprio inferno: "— Ó Enkidu, o pássaro aprisionado não deveria retornar a seu ninho, e o homem cativo, não deveria retornar aos braços de sua mãe?" E Enkidu respondeu: "— O mais forte dos homens sucumbirá à fatalidade, se não tiver discernimento. Namtar, o mau destino, que não conhece distinção entre os homens, o devorará. Se o pássaro aprisionado voltar a seu ninho, se o homem cativo retornar aos braços de sua mãe, então tu, meu amigo, nunca retornarás à cidade onde a mãe que te deu nascimento está esperando. Ele barrará a estrada da montanha contra ti, e tornará os caminhos impassáveis".

Humbaba falou: "— Enkidu, o que falaste é o mal: tu, um empregado, dependente para teu pão! Com inveja e temendo um rival falaste palavras maldosas". E disse Enkidu: "— Não escuta, Guilgamech: este Humbaba deve morrer. Mata Humbaba primeiro e seus servidores depois". Mas Guilgamech disse: "— Se o tocarmos, o fulgor e a glória de luz serão extintos em confusão, a glória e o encanto desaparecerão, seus raios serão extintos". Enkidu disse a Guilgamech: "— Não é assim, meu amigo. Primeiro apanhe o pássaro, e para onde os filhotes correrão? Depois poderemos procurar pela glória e pelo encanto, quando os filhotes estiverem correndo desorientados pelo mato".

Guilgamech escutou a palavra de seu companheiro, tomou o machado em sua mão, tirou a espada de seu

30 – Máscara babilônia em terracota de Humbaba (ou Huwawa) de cerca de 2000 a.C., Museu Britânico. Curioso notar que a representação do demônio recorreu a um labirinto em linhas de confusão e entropia.

cinturão, e atingiu Humbaba com uma investida contra o pescoço, e Enkidu seu camarada acertou o segundo golpe. Ao terceiro golpe, Humbaba caiu. Então, seguiu-se a confusão, pois este era o guardião da floresta, que tinham abatido ao chão. Até a duas léguas de distância os cedros tremeram quando Enkidu abateu o vigilante da floresta, aquele a cuja voz o Hermon e o Líbano costumavam tremer. Agora as montanhas comoviam-se, e todas as colinas, pois o guardião da floresta fora morto. Atacaram os cedros, os sete esplendores de Humbaba foram extintos. Assim avançaram pela floresta adentro levando a espada de oito talentos. Descobriram as moradas sagradas dos Anunnaki e enquanto Guilgamech abatia a primeira das árvores da floresta, Enkidu arrancava suas raízes até as margens do Eufrates. E levaram Humbaba perante os deuses, perante Enlil; beijaram o chão e deixaram cair o véu e puseram a cabeça diante dele. Quando ele viu a cabeça de Humbaba, Enlil enfureceu-se com eles: "— Por que fizestes tal coisa? Doravante, que o fogo esteja em vossas faces, que ele coma o pão que comerdes, que beba o que beberdes". Então Enlil tomou de novo a chama e os sete esplendores que tinham sido os de Humbaba: deu o primeiro ao rio, e deu ao leão, à pedra da execração, à montanha e à temível filha da Rainha do Inferno.

Ó Guilgamech, rei e conquistador da terrível chama; touro selvagem que despojas a montanha, que cruzas o mar, glória a ele, e dentre os bravos a maior glória é a de Enki!

3. Ichtar e Guilgamech, e a Morte de Enkidu

Guilgamech lavou suas longas madeixas e limpou suas armas; lançou para trás os cabelos que estavam em seus ombros; jogou fora suas roupas manchadas e trocou-as por novas. Vestiu seus trajes reais e os amarrou. Quando Guilgamech colocou a coroa, a gloriosa Ichtar ergueu os olhos, vendo a beleza de Guilgamech. E ela disse: "— Vem para mim, Guilgamech, e sê meu noivo; concede-me a semente de teu corpo, deixai-me ser tua noiva e serás meu marido. Atrelarei para ti um carro de lápis-lazúli e ouro, com rodas de ouro e cornos de cobre; e terás poderosos demônios da tempestade como animais de tração. Quando entrares em nossa casa, na fragrância do cedro, umbral e trono beijarão teus pés. Reis, governantes e príncipes se curvarão ante ti; apresentarão os tributos da montanha e da planície. Tuas ovelhas parirão gêmeos e tuas cabras, trigêmeos; teu jumento correrá mais que as mulas; teus bois não terão rivais e teus cavalos de tiro terão dilatada fama por sua celeridade".

Guilgamech abriu sua boca e respondeu à gloriosa Ichtar: "— Se eu te tomar em casamento, que presentes posso dar em troca? Que ungüentos e roupas para teu

corpo? De bom grado te daria pão e toda sorte de alimento adequado a uma divindade. Dar-te-ia vinho digno de uma rainha. Despejaria cevada para encher teu celeiro; mas quanto a fazer-te minha esposa — isso eu não farei. O que seria de mim? Teus amantes te acharam um braseiro que arde no frio; uma porta dos fundos que não protege contra a lufada do vento nem da tempestade; um castelo que esmaga sua guarnição; o pez que enegrece o portador; um odre que esfola o carregador; uma pedra que cai do parapeito; um aríete que ricocheteia o inimigo; uma sandália que faz tropeçar. Qual de teus amantes jamais amaste para sempre? Qual de teus pastores te agradou todo o tempo? Escutai-me enquanto conto a história de teus amantes. Houve Tammuz, o amante de tua juventude, por ele decretaste luto, ano após ano. Amaste o pombo multicor; mesmo assim golpeaste e quebraste a asa dele; e agora lá está ele no bosque, e grita: 'capí, capí, minha asa! minha asa!' Amaste o leão, tremendo em sua força: sete covas cavaste para ele, e mais sete. Amaste o corcel, magnífico na batalha, e a ele destinaste o chicote, e a espora, e a correia, e a galopar sete léguas à força e a enlamear a água antes de beber; e à sua mãe Silili, lamentações. Amaste o pastor do rebanho; ele preparou bolos de farinha para ti, dia após dia matou cabritos por ti. Atacaste, e o transformaste num lobo; agora, seus próprios aprendizes o caçam, seus próprios cães o açulam pelos flancos. E não amaste Ichullanu, o jardineiro do bosque de palmeiras de teu pai? Ele te trouxe cestas cheias de tâmaras, sem cessar; todos os dias ele

carregava tua mesa. Então voltaste os olhos para ele e disseste: '—Caríssimo Ichullanu, vem para mim, desfrutemos de tua virilidade, adianta-te e toma-me, sou tua'. E Ichullanu respondeu: '—O que me pedes? Minha mãe assou e eu comi; por que viria eu a alguém como tu pôr comida alterada e podre? Pois quando uma touceira de juncos já foi proteção suficiente contra a geada?' Mas quando ouviste sua resposta, o golpeaste. Foi transformado numa cega toupeira no fundo da terra, cujo desejo está sempre além de seu alcance. E se tu e eu fossemos amantes, eu não seria servido da mesma forma que todos aqueles que amaste uma vez?"

Quando Ichtar ouviu, caiu numa fúria amarga e subiu para o alto dos céus. Suas lágrimas choveram perante seu pai Anu e Antum, sua mãe. E ela disse: "— Meu pai, Guilgamech amontoou insultos sobre mim, falou de todo meu comportamento abominável, meus atos sórdidos e repugnantes". Anu abriu sua boca e disse: "— És porventura pai dos deuses? Brigaste com Guilgamech o rei, de modo que então ele relatou teu comportamento abominável, teus atos sórdidos e repugnantes".

Ichtar abriu a boca e disse de novo: "— Meu pai, dá-me o Touro do Céu para destruir Guilgamech. Enche Guilgamech, peço-te, com arrogância até a sua destruição; mas se recusares a dar-me o Touro do Céu, quebrarei as portas do inferno e esmagarei seus ferrolhos; haverá confusão entre os povos, os de cima com os das regiões

inferiores. Trarei os mortos para comer a comida como os vivos; e as hostes dos mortos serão mais numerosas que as dos vivos". E Anu disse a Ichtar, a grande: "— Se fizeres o que desejas, haverá sete anos de seca em toda Uruc, e o trigo será casca sem semente. Armazenaste grão suficiente para o povo e feno para o gado?" E Ichtar replicou: "— Armazenei grão para o povo, feno para o gado; para sete anos de cascas sem semente haverá grão, e há feno suficiente".

Quando Anu ouviu o que Ichtar dissera, deu-lhe o Touro do Céu para levar pelo cabresto até Uruc. Quando atingiram os portões de Uruc o touro foi ao rio; com seu primeiro bufido, rachas abriram-se na terra e cem homens jovens caíram mortos. Com seu segundo bufido, rachas se abriram e duzentos caíram mortos. Com seu terceiro bufido, rachas se abriram, Enkidu se dobrou, mas no mesmo instante se recuperou, desviou-se, saltou sobre o touro e agarrou-o pelos chifres. O Touro do Céu espumava em seu rosto, golpeou-o com sua cauda. Enkidu gritou para Guilgamech: "— Meu amigo, nos gabamos de que deixaríamos nomes duradouros atrás de nós. Agora, enfia tua espada entre a cerviz e os córnos". E assim, Guilgamech seguiu o touro, agarrou-o pela cauda, enfiou a espada entre a cerviz e os cornos, e matou-o. Quando mataram o Touro do Céu, cortaram fora seu coração e deram-no a Chamach, e os irmãos repousaram.

Mas Ichtar ergueu-se e subiu à grande muralha de Uruc, saltou sobre a torre e pronunciou uma maldição:

"— Desgraça sobre Guilgamech, pois escarneceu de mim matando o Touro do Céu!" Quando Enkidu ouviu estas palavras, arrancou o quarto traseiro direito do Touro do Céu e lançou-o à sua face, dizendo: "— Se eu pudesse lançar as mãos sobre ti, isto é o que te faria, e lançaria as entranhas ao teu lado". Então Ichtar conclamou o seu povo, as dançarinas e as cantoras, as prostitutas do templo, as cortesãs. Sobre a perna do Touro do Céu deu início à lamentação.

Mas Guilgamech chamou os artífices e armeiros, todos juntos. Admiraram a imensidade dos chifres. Eram revestidos de lápis-lazúli de dois dedos de espessura. Tinham trinta libras de peso cada um, e sua capacidade em óleo era de seis medidas, que ele deu a seu deus guardião, Lugulbanda. Mas ele carregou os chifres ao palácio e pendurou-os na parede. Então lavaram as mãos no Eufrates, abraçaram-se e foram embora. Caminharam pelas ruas de Uruc, onde os heróis estavam reunidos para vê-los, e Guilgamech exclamou para as cantoras: "— Quem é o mais glorioso dos heróis, quem é o mais eminente dentre os homens?" "— Guilgamech é o mais glorioso dos heróis, Guilgamech é o mais eminente dentre os homens!" E houve festa, celebrações e alegria no palácio, até que os heróis se reclinaram, dizendo: "— Agora, descansaremos o resto da noite".

Quando veio a luz do dia, Enkidu levantou-se e exclamou para Guilgamech: "— Ó meu irmão, que sonho tive esta noite! Anu, Enlil, Ea e o celeste Chamach reu-

niam-se em concelho, e Anu disse a Enlil: '— Porque eles mataram o Touro do Céu, e porque mataram Humbaba, que guardava a Montanha do Cedro, um dos dois deve morrer'. Então o glorioso Chamach respondeu ao herói Enlil: '—Foi por tua ordem que mataram o Touro do Céu e Humbaba, e Enkidu deve morrer, muito embora inocente?" Enlil voltou-se enfurecido para o glorioso Chamach: '— Atreves-te a dizer isso, tu que ias com eles todo dia, como um deles!' "

E assim Enkidu prostrou-se ante Guilgamech, suas lágrimas escorrendo como correntes, e ele disse a Guilgamech: "— Ó meu irmão, por mais caro que me sejas, irmão, ainda assim eles me tirarão de ti". E de novo ele disse: "— Devo assentar-me junto ao umbral dos mortos e nunca deverei ver novamente meu caro irmão com meus olhos".

E enquanto Enkidu jazia só em sua doença, amaldiçoava o portão como se este fosse carne viva: "— Tu aí, madeira do portão, embotada e insensível, inanimada, procurei por ti mais de vinte léguas, até que vi o sobranceiro cedro. Não há madeira como tu em nossa terra. Setenta e dois cúbitos de altura e vinte e quatro de largura, a charneira, o ferrolho e os batentes são perfeitos. Um mestre artífice de Nippur te fez; mas ó, se eu soubesse do fim! Se eu soubesse que este seria todo o bem que viria disso, teria erguido o machado e te estilhaçaria e trançaria um portão de vime, ao invés! Ou se apenas

algum rei futuro te trouxesse aqui, ou algum deus te conformasse. Que oblitere meu nome e escreva o seu próprio, e que a maldição recaia sobre ele, ao invés de Enkidu!"

Com a primeira luz da aurora, Enkidu ergueu a cabeça e chorou perante o deus Sol; ao brilho da luz do Sol suas lágrimas escorriam: "— Deus Sol, rogo-te, sobre aquele vil caçador, aquele caçador de coisa alguma, por causa de quem eu apanharia menos que meu camarada; que ele cace menos, faz rarear sua caça, torna-o fraco, tomando o menor de toda partilha, que sua presa fuja das redes".

Quando acabou de amaldiçoar o caçador até saciar seu coração, voltou-se contra a prostituta. Foi levado a amaldiçoá-la também: "— Quanto a ti, mulher, com uma grande praga te amaldiçôo! Prometo-te um destino por toda a eternidade. Minha praga virá sobre ti logo de súbito. Ficarás sem um teto para teu comércio, pois não conservarás a casa com outras moças na taverna, mas farás teus negócios em lugares imundos pelo vômito do bêbado. Teu preço será a terra do oleiro, teu furto será atirado numa choupana, sentar-te-ás nas encruzilhadas na poeira do oleiro, farás tua cama na estrumeira à noite, e de dia tomarás teu lugar à sombra da muralha. Sarças e espinhos cortarão teus pés, o ébrio e o sóbrio te baterão no rosto e tua boca arderá. Que sejas despida de tua púrpura, pois eu também no deserto com minha esposa tive todo o tesouro que desejei".

Quando Chamach escutou as palavras de Enkidu, chamou-o do céu: "— Enkidu, por que estás amaldiçoando a mulher, a amante que te ensinou a comer o pão digno dos deuses e beber o vinho digno dos reis? Ela que te pôs uma veste magnífica, não te deu o glorioso Guilgamech por companheiro, e Guilgamech, teu próprio irmão, não te fez descansar numa cama real e reclinar num divã à sua esquerda? Ele fez os príncipes da terra beijarem teus pés, e agora todo o povo de Uruc lamenta e geme sobre ti. Quando morreres, ele deixará o cabelo crescer em tua memória, vestirá uma pele de leão e vagará pelo deserto".

Quando Enkidu escutou o glorioso Chamach, seu coração enraivecido tranqüilizou-se, retirou a maldição e disse: "— Mulher, prometo-te outro destino. A boca que te amaldiçoou te abençoará! Reis, príncipes e nobres te adorarão. Por tua causa um homem, mesmo a doze milhas, baterá com a mão em sua coxa e seu cabelo se eriçará. Por ti ele desamarrará o cinto e abrirá seu tesouro, e terás o que desejas: lápis-lazúli, ouro e cornalina do monte de riquezas. Um anel para tua mão e uma túnica serão teus. O sacerdote te levará à presença dos deuses. Por tua causa uma esposa, mãe de sete, será preterida".

Enquanto Enkidu dormia só em sua doença, no amargor de seu espírito verteu seu coração para seu amigo: "— Fui eu que abati o cedro, eu que nivelei a floresta, eu que chacinei Humbaba, e agora vê o que res-

tou de mim. Ouve, meu amigo, este é o sonho que sonhei na última noite. Os céus rugiam, e a terra ribombava em resposta; entre eles estava eu, perante um ser horrível, o homem-pássaro de face sombria; ele dirigia sobre mim sua atenção. Seu rosto era o de um vampiro, seu pé era o de um leão, sua mão era a garra de uma águia. Caiu sobre mim e suas garras estavam em meus cabelos, segurou-me firme e eu sufocava; então ele me transformou de modo que meus braços se tornaram asas cobertas de penas. Voltou seu olhar para mim e levou-me para o distante palácio de Irkalla, Rainha das Trevas, a casa de onde ninguém que entra jamais retorna pela estrada de onde não há caminho de volta".

"— É casa cuja gente senta-se nas trevas; o pó é sua comida e argila sua carne. São vestidos como pássaros, com asas para se cobrirem, não vêem luz; sentam-se nas trevas. Entrei na casa do pó e vi os reis da terra, suas coroas afastadas para sempre; governantes e príncipes, todos os que uma vez envergaram coroas reais e governaram o mundo nos velhos tempos. Os que estiveram no lugar de deuses como Anu e Enlil, agora estavam como servos que vão servir as carnes assadas na casa do pó, que carregam a carne preparada e a água fria nos odres. Na casa da poeira, onde entrei, estavam sumos sacerdotes e acólitos, sacerdotes da encarnação e do êxtase; havia servidores do templo, e havia Etana, aquele rei de Quich que a águia arrebatou ao céu nos velhos dias. Vi também Samucã, deus do gado, e havia Erechquigal a Rainha do Mundo Inferior; e Belit-Cheri de cócoras

à frente dela, a escriba dos deuses, que mantém o livro da morte. Segurava um tablete de onde lia. Ergueu a cabeça, viu-me e falou: '— Quem trouxe este aqui?' Então acordei como um homem exangue que vagueia só entre os caniços; como quem foi preso pelo esbirro, e seu coração lateja de pavor".

Guilgamech arrancara suas roupas, ouvia essas palavras e prontamente verteu lágrimas; Guilgamech escutava enquanto suas lágrimas corriam. Abriu a boca e falou a Enkidu: "— Quem, na Uruc dos fortes muros, tem sabedoria como esta? Estranhas coisas foram ditas; por que teu coração fala estranhamente? O sonho foi maravilhoso, mas o terror também foi grande; precisamos entesourar este sonho, não importa o terror; pois o sonho mostrou que a miséria vem por fim para o homem saudável, e o fim da vida é a dor". E Guilgamech lamentou: "— Agora, rezarei para os grandes deuses, pois meu amigo teve um sonho ominoso".

O dia em que Enkidu sonhou chegara ao fim e ele jazia atingido pela moléstia. Por todo o dia ficou em seu leito e seu sofrimento aumentou. Disse à Guilgamech, o amigo por cuja causa deixara o deserto: "— Uma vez acorri a ti, pela água da vida, e agora nada tenho". Um segundo dia ficou na cama e Guilgamech velava por ele, mas a doença piorou. Um terceiro dia ficou na cama, e chamou Guilgamech, erguendo-se. Agora ele estava fraco e seus olhos estavam cegos pelas lágrimas. Por dez dias jazeu e seu sofrimento aumentava, onze e doze dias per-

maneceu em seu leito de dor. Então chamou Guilgamech: "— Meu amigo, a grande deusa me amaldiçoou e devo morrer em desgraça. Não morrerei como um que cai em combate; eu receava cair, mas feliz é o homem que cai em batalha, pois devo morrer em desonra". E Guilgamech chorou sobre Enkidu. Com o primeiro luzir da aurora, ergueu sua voz e disse aos conselheiros de Uruc:

"— Ouvi-me, grandes de Uruc,
Choro por Enkidu, meu amigo,
Amargamente me lamentando, como mulher enlutada
Choro por meu irmão.
Ó Enkidu, meu irmão,
Foste o machado a meu lado,
A força de minha mão, a espada em meu cinturão,
O escudo à minha frente,
Veste gloriosa, meu mais belo ornamento,
Um destino maligno roubou-mo.
O jumento selvagem e a gazela
Que foram teu pai e mãe,
Todas as criaturas de caudas longas que te nutriram,
Choram por ti,
Todas as criaturas selvagens da planície e dos pastos;
Os caminhos que amavas na floresta de cedros,
Noite e dia murmuram.

Que os grandes de Uruc, dos fortes muros,
Chorem por ti,
Que o dedo da bênção
Esteja esticado em lamentação;
Enkidu, jovem irmão!
Ouvi! Um eco por todo o país,
Como o de mãe em lamentação.
Choram todos os caminhos por onde passamos;
E os animais que caçamos, o urso e a hiena,
Tigre e pantera, leopardo e leão,
Cervo e íbex, touro e corça.
O rio ao longo do qual passeávamos;
Ele chora por ti,
Ula de Elam e o caro Eufrates
De onde tirávamos água para nossos odres.
A montanha que subimos e onde matamos
o Vigilante;
Ela chora por ti.
Os guerreiros de Uruc, dos fortes muros
Onde o Touro do Céu foi morto;
Eles choram por ti.
Todo o povo de Eridu
Chora por ti, ó Enkidu.
Os que trouxeram grão para comeres,
Agora te lamentam;
Que esfregaram óleo em teu dorso
Agora te lamentam;
Que verteram cerveja para beberes,

Agora te lamentam.
A cortesã que te ungiu com fragrâncias
Lamenta por ti agora;
As mulheres do palácio, que te trouxeram
uma esposa,
Uma grinalda seleta de bons conselhos,
Lamentam por ti agora.
E os moços, teus irmãos,
como se fossem mulheres
Vão, cabelos longos, chorando.
O que é esse sono que te possui agora?
Estás perdido no escuro, e não podes
ouvir-me".

Tocou seu coração, mas este não batia; nem tampouco ergueu os olhos de novo. Quando Guilgamech tocou seu coração, ele não batia. Assim, Guilgamech estendeu um véu, como faz com a noiva, sobre seu amigo. Começou a enfurecer-se como um leão, como uma leoa cujos filhotes lhe foram roubados. Para cá e para lá ele andou à volta do leito, arrancou seu cabelo e o espalhou por toda a parte. Arrancou as suas esplêndidas vestes e arremessou-as como se fossem abominações.

À primeira luz da aurora, Guilgamech gritou: "— Fiz com que repousasses num leito real, reclinasses num divã à minha esquerda, os príncipes da terra beijassem teus pés. Farei todo o povo de Uruc chorar por ti e levantar o canto fúnebre. As pessoas alegres se abate-

rão de dor; e quando fores para a terra, deixarei meu cabelo crescer em tua memória; vagarei pelos desertos na pele de um leão". No dia seguinte também, à primeira luz, Guilgamech lamentou; sete dias e sete noites ele chorou por Enkidu, até que o verme se alimentou dele. Só então entregou-o à terra, pois os Anunnaki, os juízes, tinham se apoderado dele.

Então Guilgamech lançou uma proclamação por toda a terra, conclamou a todos os artífices: do cobre, do ouro e da pedra, e ordenou-lhes: "— Fazei uma estátua de meu amigo". A estátua foi elaborada a partir de um grande bloco de lápis-lazúli para o busto, e de ouro para o corpo. Foi trazida uma mesa de madeira-de-lei e sobre ela uma tigela de cornalina com mel e outra de lápis-lazúli com manteiga. Foram expostas e oferecidas ao Sol; e chorando, afastou-se...

4. A Busca da Vida Eterna

Amargamente Guilgamech chorou por seu amigo Enkidu; vagava pelo deserto como caçador, errava pelas planícies; em seu amargor exclamava: "— Como posso repousar, como posso estar em paz? O desespero está em meu coração. O que meu irmão é agora, é o que serei quando estiver morto. Porque tenho medo da morte irei como melhor puder à procura de Utnapichtim que chamam o Distante, pois ele entrou para a assembléia dos deuses". Assim Guilgamech viajava pelo deserto, vagava pela pradaria, uma longa jornada em busca de Utnapichtim, que os deuses arrebataram depois do dilúvio; e puseram-no a viver na terra de Dilmun, no jardim do Sol; e só a ele, de todos os homens, deram-lhe a vida eterna".

À noite, quando chegou aos passos da montanha, Guilgamech orou: "— Nestes passos da montanha, há muito, vi leões, tive medo e ergui meus olhos para a Lua; rezei, e minhas orações subiram aos deuses; de modo que agora, ó deus da Lua, Sin, protegei-me". Depois de rezar, deitou-se para dormir, até que foi acordado por um

sonho. Viu os leões à sua volta em gloriosa vida; então tomou o machado em sua mão, tirou a espada de seu cinturão e caiu sobre eles como uma flecha saindo do arco, e golpeou e destruiu, e dispersou-os.

Guilgamech acabou chegando a Machu, as grandes montanhas sobre as quais ouvira muitas coisas, que guardam o Sol nascente e o Sol poente. Seus picos duplos são tão altos quanto os muros do céu e suas faldas chegam ao inferno. Em seu portão, os escorpiões estavam de guarda, meio homens, meio dragões; sua glória é terrificante, seu olhar lança a morte dentro dos homens, seu reluzente halo varre as montanhas que guardam o Sol nascente. Quando Guilgamech os viu, protegeu os olhos pela extensão de um momento, apenas; então, tomou coragem e aproximou-se. Quando eles o viram tão inabalável, o homem-escorpião falou para seu par: "— Este que vem a nós agora é carne dos deuses". E o companheiro do homem-escorpião respondeu: "— Dois terços é deus, mas um terço é homem".

Então ele exclamou para Guilgamech, o homem, o filho dos deuses: "— Por que fizeste tamanha jornada; para que viajaste tão longe, cruzando as perigosas águas; conta-me a razão de tua vinda". E Guilgamech respondeu: "— Por Enkidu, eu o amei muitíssimo; juntos suportamos todo tipo de dificuldade; é por sua causa que vim, pois a sorte comum de todo homem lhe coube. Chorei por ele dia e noite, não queria entregar o corpo dele para enterrar, pensava que meu amigo voltaria por causa

de minha lamentação. Desde que ele se foi, minha vida é nada; por isso viajei até aqui em busca de Utnapichtim meu pai; pois os homens dizem que ele entrou para a assembléia dos deuses, e encontrou a vida eterna. Tenho o desejo de interrogá-lo quanto a vida e a morte". O homem-escorpião abriu sua boca e disse, dirigindo-se a Guilgamech: "— Nenhum homem nascido de mulher já fez o que pediste, nenhum mortal já foi à montanha; sua extensão é de doze léguas de trevas; não há luz, mas o coração fica oprimido com a treva. Do nascer ao pôr-do-sol, não há luz". Guilgamech disse: "— Mesmo que eu deva ir com mágoa e dor, com suspiro e lamentação, ainda assim devo ir. Abri o portão da montanha!" E o homem-escorpião disse: "— Vá, Guilgamech, permito que passes pela montanha de Machu e pela cordilheira; que teus pés te levem seguramente para casa. O portão da montanha está aberto!"

Quando Guilgamech ouviu isto, fez como o homem-escordião mandara, seguiu a estrada do Sol nascente, pela montanha. Quando tinha andado uma légua, a escuridão se tornou espessa à sua volta, pois não havia luz, e nada podia ver, nada à frente e nada atrás. Depois de duas léguas, a escuridão era espessa e não havia luz, nada podia ver à frente e nada atrás. Depois de três léguas, a escuridão era espessa e não havia luz, nada podia ver à frente e nada atrás. Depois de quatro léguas, a escuridão era espessa e não havia luz, nada podia ver à frente e nada atrás. Após cinco léguas, a escuridão era espessa e não havia luz, nada podia ver à frente e nada atrás.

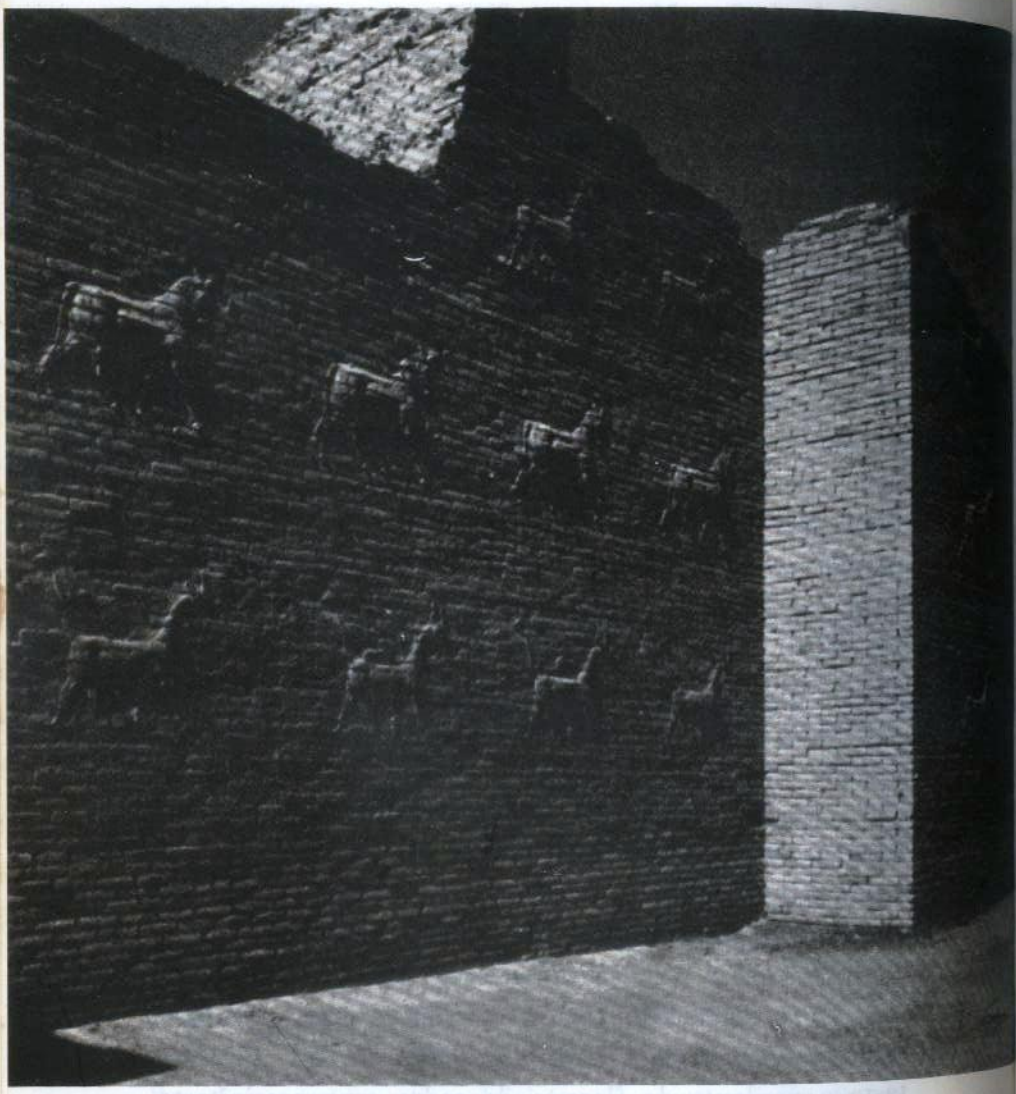
Após seis léguas, a escuridão era espessa e não havia luz, nada podia ver à frente e nada atrás. Quando tinha andado sete léguas, a escuridão era espessa e não podia ver nada à frente e nada atrás. Ao fim de oito léguas, Guilgamech deu um grande grito, pois a treva era densa e ele nada podia ver à frente e nada atrás. Após nove léguas, ele sentiu o vento norte em sua face, mas a escuridão era espessa e não havia luz, nada podia ver à frente e nada atrás. Após dez léguas, o fim estava próximo. Após onze léguas, a luz da aurora apareceu. E ao fim de doze léguas, o Sol irradiou sua luz.

E ali estava o jardim dos deuses; e a toda volta havia arbustos que davam gemas. Vendo isto, imediatamente prostrou-se, pois havia fruto de cornalina, com a sua vinha pendente, belíssima de se olhar; folhas de lápis-lazúli pendendo com cachos de frutos, doces de se ver. Como espinhos e cardos havia hematitas e pedras raras, ágata e pérolas do mar. Enquanto Guilgamech caminhava pelo jardim à beira-mar, Chamach o viu, e o viu vestido com as peles dos animais, cuja carne comia. Isto muito o desagradou e falou: "— Nenhum homem mortal passou por este caminho antes, nem o fará enquanto os ventos soprarem sobre o mar". E para Guilgamech ele disse: "— Nunca encontrarás a vida pela qual procuras". E Guilgamech disse ao glorioso Chamach: "— Agora que tanto pelejei e me aventurei tão longe pelo deserto, devo dormir e deixar a terra cobrir minha cabeça para sempre? Deixai meus olhos contemplarem o

Sol até cegarem. Mesmo que eu não seja melhor que um homem morto, ainda assim deixai-me ver a luz do Sol".

E é junto ao mar que ela vive, a mulher da vinha, que faz o vinho; Siduri está sentada no jardim à beira-mar, com a tigela e os tonéis de ouro que os deuses lhe deram. Ela está coberta com um véu; e lá sentada, via Guilgamech aproximando-se dela, vestindo peles; a carne dos deuses em seu corpo, mas o desespero em seu coração, e sua face como a face de alguém que fez uma longa jornada. Ela olhou, e enquanto avaliava à distância, dizia consigo, no coração: "— Por certo que é algum malfeitor; para onde estará indo?" E ela barrou seu portão contra ele com o ferrolho, e fechou-o bem. Mas Guilgamech, ouvindo o ruído do ferrolho, ergueu a cabeça de modo altaneiro e colocou seu pé na soleira do portão, e gritou para ela: "— Moça, fazedora de vinho, por que aferrolhas tua porta, o que viste para barrar teu portão? Arrombarei tua porta e arrebentarei teu portão, pois eu sou Guilgamech, que agarrou e matou o Touro do Céu, matei o vigilante da floresta do cedro, precipitei Humbaba que vivia na floresta, e matei os leões nos passos da montanha".

Então Siduri lhe disse: "— Se és aquele Guilgamech que agarraste e mataste o Touro do Céu, que mataste o vigilante da floresta do cedro, que precipitaste Humbaba, que vivia na floresta, e mataste os leões nos passos da montanha, por que tuas faces estão tão famin-



31 — Portal de Ichtar, entrada cerimonial da Babilônia, ladeada por paredes de tijolos decorados com relevos de touros e dragões, século VII a.C.

tas, por que tua face está tão encovada? Por que o desespero em teu coração e tua face como a face de alguém que fez uma longa jornada? Sim, tua face está queimada pelo calor e pelo frio, e por que vens aqui vagando pelas pastagens, em busca do vento?".

E Guilgamech respondeu-lhe: "— E por que minhas faces não deveriam estar esfomeadas, e encovadas? O desespero está em meu coração, e minha face é a de alguém que fez uma longa jornada, foi queimada com o calor e com o frio. Por que não vagaria pelas pastagens em busca do vento? Meu amigo, meu jovem irmão, o que caçava o jumento selvagem nos desertos e a pantera das planícies; meu amigo, meu irmão mais jovem que agarrou e matou o Touro do Céu e precipitou Humbaba, na floresta do cedro; meu amigo que me era caríssimo e que suportou perigos a meu lado; Enkidu meu irmão, a quem amei, o fim da mortalidade o alcançou. Chorei por ele sete dias e noites até que o verme se banqueteou com ele. Por causa de meu irmão estou com medo da morte, por causa de meu irmão vago pelos desertos e não posso descansar. Mas agora, moça fazedora de vinho, como vi tua face, não me deixa ver a face da morte, que tanto temo".

E ela respondeu: "Guilgamech, para onde te precipitas? Nunca acharás aquela vida que estás procurando. Quando os deuses criaram o homem destinaram-no à morte, mas a vida, retiveram-na consigo. Quanto a ti, Guilgamech, enche teu ventre de coisas boas; dia e noite,

noite e dia, dança e alegra-te, festeja e rejubila-te. Que tuas roupas sejam frescas, banha-te na água, acaricia a criancinha que segura tua mão e faz tua mulher feliz em teu abraço; pois esta também é a sorte do homem".

Mas Guilgamech disse à jovem Siduri: "— Como posso calar, como posso repousar, quando Enkidu, que amo, é poeira, e eu também deverei morrer e ser depositado na terra? Vives junto ao mar e contemplas as profundezas; moça, dizei-me agora, qual é o caminho para Utnapichtim, o filho de Ubara-Tutu? Qual a direção para a passagem? Dá-me, ó, dá-me a direção! Cruzarei o oceano, se possível; se não, vagarei ainda mais pelos desertos". E a vinhateira disse-lhe: "— Guilgamech, não há como cruzar o Oceano; quem quer que tenha vindo, desde os velhos dias, nunca foi capaz de passar pelo mar. O Sol em sua glória cruza o Oceano, mas quem além de Chamach jamais o cruzou? O lugar e a passagem são difíceis, e as águas da morte que fluem pelo meio são profundas. Guilgamech, como cruzarás o Oceano? Quando chegares às águas da morte, o que farás? Mas Guilgamech, lá nos bosques acharás Urchanabi, o balseiro de Utnapichtim; com ele estão as coisas sagradas; as coisas de pedra. Ele está elaborando a serpente, figura de proa do barco. Fixa-o bem com o olhar, e se for possível, talvez cruzarás as águas com ele; mas se não for possível, então deves voltar".

Quando Guilgamech ouviu isto, foi tomado de fúria. Tomou o machado em sua mão e a adaga de seu cin-

turão. Deslizou para a frente e caiu sobre eles como um dardo. Então foi para a floresta e sentou-se. Urchanabi viu o brilho da adaga e ouviu o machado, e levou as mãos à cabeça, golpeando-a, pois Guilgamech arrebentara o cordame do barco em sua raiva. E Urchanabi lhe disse: "— Dizei-me, qual é teu nome? Sou Urchanabi, o balseiro de Utnapichtim, o Distante". E replicou-lhe: "— Guilgamech é meu nome, sou de Uruc, da casa de Anu". Então Urchanabi disse-lhe: "— Por que tuas faces estão esfomeadas e teu rosto encovado? Por que o desespero está em teu coração e tua face como a face de quem fez uma longa jornada? Sim, por que tua face está queimada com o calor e com o frio, e por que vens aqui vagando pelas pastagens, em busca do vento?"

E Guilgamech disse-lhe: "— Por que minhas faces não estariam esfaimadas e meu rosto encovado? O desespero está em meu coração e minha face é a face de quem fez uma longa jornada. Fui queimado com o calor e com o frio. Por que eu não deveria vagar pelas pastagens? Meu amigo, meu irmão mais moço, que agarrou e matou o Touro do Céu e precipitou Humbaba na floresta do cedro; meu amigo que me era muito caro, e que suportou perigos a meu lado; Enkidu meu irmão, que amei, o destino da mortalidade o arrebatou. Chorei por ele sete dias e noites até que o verme se pegou nele. Por causa de meu irmão vago pelo deserto. Seu destino pesa sobre mim. Como posso calar-me? Como posso repousar? Ele é pó e eu também deverei morrer e ser depositado na terra para sempre. Tenho medo da morte, e portanto, ó Urchanabi,

dizei-me o caminho para Utnapichtim! Se possível, cruzarei as águas da morte; se não, vagarei ainda mais longe pelos desertos".

E Urchanabi disse-lhe: "— Guilgamech, tuas próprias mãos te impediram de cruzar o Oceano; quando destruiste o cordame do barco, destruiste sua segurança". Então os dois conversaram e Guilgamech disse-lhe: "— Por que estás tão irado comigo, Urchanabi, pois tu mesmo cruzas o mar de dia e de noite; em todas as estações o cruzas".

"— Guilgamech, essas coisas que destruiste têm a propriedade de carregar-me pela água para evitar que as águas da morte me toquem. Foi por esta razão que as preservava, mas as destruiste e as serpentes *urnu* com elas. Mas agora, vai pela floresta, Guilgamech; com teu machado corta mastros, cento e vinte; corta-os com sessenta côvados de comprimento, pinta-os com betume, ferra-os e trazei-os a mim."

Ao ouvir isto, Guilgamech entrou na floresta, cortou mastros: cento e vinte; cortou-os com sessenta côvados de comprimento; pintou-os com betume; ferrou-os e levou-os a Urchanabi. Então subiram a bordo do barco, Guilgamech e Urchanabi juntos, lançando-o nas águas do Oceano. Em três dias fizeram a jornada de um mês e quinze dias, e por fim Urchanabi trouxe o barco às águas da morte. Então Urchanabi disse a Guilgamech: "— Apressa-te, toma da vara e empurra, mas não deixa

32 – Alabastro gessoso de 4,70 m de altura, Khorsabad, Mesopotâmia, representando Guilgamech dominando um leão com um só braço. Aqui vemos o herói deste épico em sua dimensão titânica, deixando transparecer a força física e moral de sua história, e recordando-nos o leão do Arcano XI do Tarô ("A Força"), que também é uma representação de Ichtar, deusa da mesma época e âmbito simbólico de Guilgamech.

tuas mãos tocarem as águas. Guilgamech, toma uma segunda vara, toma uma terceira, toma uma quarta vara. Agora, Guilgamech, toma uma quinta, toma uma sexta e sétima vara. Guilgamech, toma uma oitava, e uma nona, e uma décima vara. Guilgamech, toma uma undécima, toma uma duodécima vara". Após empurrar cento e vinte vezes, Guilgamech tinha usado a última vara. Então despiu-se, ergueu seus braços à guisa de mastro, e suas vestes como vela. Assim Urchanabi, o balseiro, levou Guilgamech a Utnapichtim, que chamam o Distante, que vive em Dilmun, no local do trânsito do Sol, a leste da montanha. Só a ele, dentre os homens, os deuses deram a vida eterna.

Ora, Utnapichtim, onde repousava, olhava ao longe e disse em seu coração, cismando consigo mesmo: "— Por que o barco navega para cá sem cordame nem mastro; por que as pedras sagradas estão destruídas, e por que o mestre não governa o barco? Aquele homem que se aproxima não é nenhum dos meus; onde vejo, vejo um homem cujo corpo está coberto com peles de animais. Quem é este que sobe pela praia atrás de Urchanabi, pois por certo não é dos meus homens?" Assim, Utnapichtim olhou para ele e disse: "— Qual é teu nome, tu que vens aqui vestindo as peles de animais, com tuas faces esfaimadas e teu rosto encovado? Para onde vais, pressuroso? Por que razão fizeste esta grande jornada, cruzando os mares, cuja passagem é difícil? Contai-me a razão de tua vinda".

E ele replicou: "— Guilgamech é meu nome. Sou de Uruc, da casa de Anu". E então Utnapichtim disse-lhe: "— Se és Guilgamech, por que tuas faces estão tão esfaimadas e teu rosto encovado? Por que o desespero está em teu coração e tua face como a face de quem fez uma longa jornada? Sim, por que tua face está queimada com o calor e o frio; e por que vens aqui, vagando pelo deserto à busca do vento?"

E Guilgamech disse-lhe: "— Por que minhas faces não deveriam estar esfaimadas e meu rosto encovado? O desespero está em meu coração e minha face é a face de quem fez uma longa jornada. Foi queimada com o calor e o frio. Por que eu não deveria vagar pelas pastagens? Meu amigo, e meu irmão mais jovem que agarrou e matou o Touro do Céu e precipitou Humbaba na floresta do cedro; meu amigo que me era caríssimo e suportou perigos a meu lado; Enkidu, meu irmão a quem amei, o destino da mortalidade o abateu. Chorei por ele sete dias e noites, até que o verme se pegou a ele. Por causa de meu irmão estou com medo da morte; por causa de meu irmão vago pela desolação. Seu destino pesa sobre mim. Como posso calar-me, como posso repousar? Ele é pó, e eu também deverei morrer e ser depositado na terra para sempre". E de novo Guilgamech disse, falando para Utnapichtim: "— É para ver Utnapichtim, a quem chamamos o Distante, que vim para esta jornada. Por isso vaguei pelo mundo, cruzei muitas cordilheiras difíceis, cruzei os mares, exauri-me com a viagem; minhas juntas estão doendo, e não conheço mais o sono,

que é doce. Minhas roupas ficaram rotas antes que eu chegasse à casa de Siduri. Matei o urso e a hiena, o leão e a pantera, o tigre, o veado e o íbex, toda espécie de caça silvestre e as pequenas criaturas da pradaria. Comi sua carne e vesti suas peles; e foi assim que cheguei ao portão daquela jovem, a fazedora de vinho, que barrou seu portão de piche e betume contra mim. Mas com ela obtive novas para a jornada; então cheguei a Urchanabi, o balseiro, e com ele cruzei sobre as águas da morte. Ó pai Utnapichtim, tu que entraste para a assembléia dos deuses, desejo interrogar-te quanto a vida e a morte, como encontrarei a vida pela qual estou procurando?"

E disse Utnapichtim: "— Não há permanência. Construímos uma casa para durar para sempre, selamos um contrato para valer para todos os séculos? Os irmãos dividem uma herança para conservá-la para sempre? O tempo da cheia dos rios dura para sempre? É apenas a ninfa da libélula que rompe sua larva, que vê o Sol em sua glória. Desde os dias de antigamente, não há permanência. Os adormecidos e os mortos, como são semelhantes! São como uma pintura da morte. O que há entre senhor e servo, quando ambos cumpriram seu destino? Quando os Anunnaki, os juízes, se reúnem, e Mammetun, a mãe dos destinos, juntos eles decretam os fados dos homens. Vida e morte distribuem, mas o dia da morte, não desvelam".

E então Guilgamech disse a Utnapichtim, o Distante: "— Contemplo-te agora, Utnapichtim, e tua aparência

não é diferente da minha; não há nada estranho em tuas feições. Pensei que te encontraria como um herói preparado para a batalha, mas aí estás reclinado, descansando. Dizei-me, em verdade, como vieste à companhia dos deuses e a possuir a vida eterna?" E Utnapichtim disse a Guilgamech: "— Revelar-te-ei um mistério, contar-te-ei um segredo dos deuses".

5. A Narrativa do Dilúvio

"— Conheces a cidade de Churrupak, que fica às margens do Eufrates? Aquela cidade envelheceu e os deuses que nela habitavam eram velhos. Havia Anu, senhor do firmamento, pai deles, e o guerreiro Enlil, conselheiro deles; Ninurta, o ajudante, e Ennugi, o vigilante dos canais; e com eles estava também Ea. Naqueles dias o mundo pululava, o povo se multiplicava, o mundo bramia como um touro selvagem, e o grande deus foi despertado pelo clamor. Enlil ouviu o clamor e disse aos deuses, em concelho: '— A balbúrdia da humanidade é intolerável, e o sono não é mais possível, em virtude da babel'. Assim os deuses concordaram em exterminar a humanidade. Enlil assim o fez, mas Ea, por causa de seu juramento, avisou-me num sonho. Sussurrou suas palavras para minha casa de juncos: '—Casa de juncos! Ó casa de juncos! Parede, ó parede! Alerta, casa de juncos! Parede, reflete! Ó homem de Churrupak, filho de Ubara-Tutu; desmancha tua casa e constrói um barco, abandona teus haveres e cuida de tua vida, despreza os bens mundanos e salva a vida de tua alma! Desmancha tua casa, repito, e faz uma barca. E estas são as medidas da barca,

tal como deves construí-la: que seu vau seja igual ao seu comprimento, que seu convés tenha um teto, como a abóbada que cobre o abismo; então leva no barco a semente de toda criatura viva'.

"— E quando entendi, disse a meu senhor: '— Eis que o que ordenastes honrarei e executarei, mas como deverei responder ao povo, à cidade, aos anciãos?' Então Ea abriu sua boca e disse a mim, seu servo: '—Dizei o seguinte: soube que Enlil enfureceu-se contra mim, não ouso mais andar por sua terra, nem viver em sua cidade; irei ao Golfo para habitar com Ea, meu senhor. Mas sobre vós ele choverá em abundância, peixes raros e ariscas aves silvestres, uma rica colheita de maré. Ao anoitecer, o cavaleiro da tempestade vos trará trigo na forma de torrentes'.

"— À primeira luz da alvorada todos os meus familiares se reuniram à minha volta, as crianças trouxeram piche e os homens tudo o que era necessário. No quinto dia armei a quilha e o arcabouço, e logo fixei as pranchas. O espaço no solo era de um acre, cada lado do convés media cento e vinte côvados, fazendo um quadrado. Construí para baixo mais seis conveses, sete ao todo, e os dividi em nove seções com anteparos no meio. Coloquei cunhas onde necessário, abri buracos para as canas e carreguei os suprimentos. Os carregadores trouxeram cestas com óleo, derramei piche no forno, e asfalto, e óleo; mais óleo foi consumido na calafetação, e mais ainda o mestre do barco levou para armazenar. Abati bois

para o povo, e todos os dias matei carneiros. Dei aos armadores vinho para beber, como se fosse água do rio, vinho verde e vinho tinto, e óleo, e vinho branco. Festejava-se como se faz no tempo do festival do Ano Novo; eu mesmo ungi minha cabeça. No sétimo dia, o barco estava completo.

"— Então houve o lançamento, cheio de dificuldades; houve deslocamento de lastro acima e abaixo até que dois terços estavam submersos. Carreguei no barco tudo o que tinha de ouro e coisas vivas, minha família, meus parentes, o melhor dos campos, domesticado e silvestre, e todos os artífices. Mandei-os a bordo, pois o tempo que Chamach ordenara já estava cumprido, quando ele disse: '—Ao anoitecer, quando o cavaleiro da tempestade enviar a chuva destruidora, entra no barco e fecha-o bem'. Tudo agora estava completo, fechado e calafetado; assim passei a cana do leme a Puzur-Amurri, o timoneiro, com a navegação e o cuidado de todo o barco.

" Com a primeira luz da aurora, uma nuvem negra veio do horizonte; trovejava dentro dela, onde Adad, senhor da tempestade, cavalgava. À frente, sobre a montanha e planície, Chullat e Hanich, arautos da tempestade, o precediam. Então os deuses do abismo se ergueram; Nergal levantou as represas das águas inferiores, Ninurta, o condestável, derrubou os diques, e os sete juízes do inferno, os Anunnaki, ergueram suas tochas, iluminando a terra com sua chama lívida. Um estupor de desespero subiu ao céu quando o deus da tempestade

transformou a luz do dia em treva, quando esmagou a terra como a uma taça. Por um dia inteiro excitou-se a tempestade, acumulando fúria ao progredir, precipitando-se sobre o povo como as marés da batalha; um homem não podia ver seu irmão nem o povo podia ser visto do céu. Mesmo os deuses ficaram terrificados com o dilúvio, fugiram para o mais alto dos céus, o firmamento de Anu; encolheram-se contra as paredes, dobrando-se como cachorrinhos. Então Ichtar, a Rainha do Céu, de voz suave, gritou como mulher parturiente: '—Ai! Os dias de antanho foram transformados em pó, porque ordenei o mal; por que ordenei este mal no concelho dos deuses? Ordenei guerras para destruir o povo, mas eles não são meu povo, eu que os gerei? Agora, como as ovas de peixe, flutuam no oceano'. E os grandes deuses do céu e do inferno choravam, cobriam suas bocas.

—"Por seis dias e seis noites os ventos sopraram; torrente e tempestade e inundação engolfaram o mundo; tempestade e dilúvio enfureceram-se como hostes em combate. Quando nasceu o sétimo dia a tempestade do sul amainou, o dilúvio foi detido; olhei para a face do mundo e havia o silêncio, toda a humanidade tinha retornado à argila. A superfície do mar estendia-se, plana como um teto; abri uma portinhola e a luz caiu sobre minha face. Então me abaixei, sentei-me e chorei, as lágrimas escorrendo por minha face, pois para todos os lados havia uma desolação de água. Procurei pela terra, em vão, mas a catorze léguas de distância apareceu uma monta-

33 – Impressão de selo acádico em argila, representando a jornada de Guilgamech para além dos portais nos limites da terra, e os guardiães do umbral, 2340-2180 a.C., Museu Britânico. No centro, Utnapichtim, o sobrevivente do dilúvio (Noé) a quem os deuses conferiram a imortalidade, residindo na fonte de todas as águas (a "fonte da vida"). Nitidamente, uma alusão a uma jornada iniciática (quer no mundo objetivo, quer no subjetivo) do homem que procura superar a si mesmo, e portanto à morte, "iniciando" uma nova e verdadeira vida, no mundo do Unitário ou do Espírito. Os guardiães das portas do mundo astral, ou mercurial, nos remetem ao Arcano XV do Tarô "O Diabo" ("diabo" = ser duplo, "di") representando a dualidade, o maniqueísmo, ou a dialética, que precisam ser vencidas ou nos destruirão. O ancestral Utnapichtim é o guru, o "anjo da guarda", ou, no sentido mais elevado, uma personificação da própria realidade última do Espírito, a guiar a consciência limitada que busca voltar para Ele.

nha, e ali a barca aportou fixando-se na montanha de Nisir; fixou-se e não se moveu. Por um dia lá ficou, e por um segundo dia na montanha de Nisir ela ficou encalhada e não se moveu. Um terceiro dia e um quarto dia, ficou encalhada na montanha e não se moveu; um quinto dia e um sexto dia ela ficou na montanha. No alvorecer do sétimo dia soltei uma pomba, e deixei-a ir. Ela afastou-se, mas não encontrando lugar para repousar, retornou. Então soltei uma andorinha e ela voou para longe, mas não achando local para repousar, voltou. Soltei um corvo, ele viu que as águas se retiravam, comeu, voou à volta, crocitou, e nunca mais voltou. Então soltei tudo aos quatro ventos, fiz um sacrifício e derramei uma libação no topo da montanha. Sete, e de novo mais sete caldeirões coloquei em seus suportes, amontoei madeira, e canas, e cedro e murta. Quando os deuses sentiram aquele doce aroma, reuniram-se como moscas sobre o sacrifício. Então, por fim, Ichtar também veio, ergueu seu colar com as jóias do céu que uma vez Anu fez para agradá-la: '—Ó deuses aqui presentes: pelo lápis-lazúli em torno de meu pescoço, recordarei estes dias assim como recordo das jóias em meu pescoço; destes últimos dias não esquecerei. Que todos os deuses se reúnam em torno do sacrifício, exceto Enlil. Ele não se aproximará desta oferenda, pois sem refletir ele desencadeou o dilúvio; ele consignou meu povo à destruição'.

"— E quando Enlil veio, quando viu a barca, ficou irado e cheio de cólera contra os deuses, a hoste celestial:

'—Algum desses mortais escapou? Nenhum deveria ter sobrevivido à destruição'. Então o deus dos poços e canais, Ninurta, abriu sua boca e disse ao guerreiro Enlil: '—Quem dentre os deuses pode decidir sem Ea? Apenas Ea sabe todas as coisas'. Então Ea abriu a boca e falou ao guerreiro Enlil: '— Ó mais sábio dos deuses, ó herói Enlil, como pudestes tão insensatamente desencadear o dilúvio?

Caia sobre o pecador seu pecado,
Caia sobre o transgressor sua transgressão,
Puni-o um pouco quando se desvia,
Não solicitá-lo muito severamente, ou perecerá;
Quisera que um leão devastasse a humanidade
Ao invés do dilúvio,
Quisera que um lobo devastasse a humanidade
Ao invés do dilúvio,
Quisera que a fome devastasse a humanidade
Ao invés do dilúvio
Quisera que a peste devastasse a humanidade
Ao invés do dilúvio.

Não fui eu quem revelou o segredo dos deuses; o sábio apreendeu-o em sonho. Agora tomai conselho quanto ao que fazer com ele'.

"— Então Enlil subiu na barca, tomou-me pela mão, e à minha esposa, e fez-nos entrar e ajoe-

lharmos a seu lado, ele ficando entre nós. Tocou nossas testas para abençoar-nos, e disse: '—No tempo passado, Utnapichtim foi um homem mortal; doravante, ele e sua mulher viverão na distância, na desembocadura dos rios'., E foi assim que os deuses me tomaram e me colocaram aqui para viver na distância, na desembocadura dos rios."

6. O Retorno

E disse Utnapichtim: "— E quanto a ti, Guilgamech, quem reunirá os deuses por ti, para que possas encontrar aquela vida pela qual buscas? Mas se assim o quiseres, faz um teste: apenas prevalece contra o sono por seis dias e sete noites". Mas enquanto Guilgamech ficava ali sentado de cócoras, uma névoa de sono, como lã macia arrancada do velo, deslizou sobre ele, e Utnapichtim disse à sua mulher: "— Olha para ele agora, o homem forte que teria a vida eterna, mesmo assim, as névoas do sono deslizam sobre ele". E sua mulher replicou: "— Toca o homem para acordá-lo, para que ele possa voltar à sua própria terra em paz, voltando pelo portão pelo qual veio". E Utnapichtim disse à sua mulher: "— Todo homem é falacioso, mesmo a ti ele tentará enganar; assa filões de pão, cada dia um filão, e coloca ao lado da cabeça dele; e faz uma marca na parede para enumerar os dias que ele dormiu".

Assim ela assou filões de pão, cada dia um filão, e colocava ao lado da cabeça dele, e ela marcava na parede os dias que ele dormiu; e veio um dia quando o primeiro filão já estava duro, e o segundo filão estava como couro,

o terceiro estava encharcado, a crosta do quarto estava mofada, o quinto estava embolorado, o sexto estava fresco, e o sétimo ainda estava nas brasas. Então Utnapichtim tocou-o e ele acordou. E Guilgamech disse a Utnapichtim, o Distante: "— Mal acabei de adormecer quando me tocaste e me acordaste". Mas Utnapichtim disse: "— Contai esses pães e saberás quantos dias dormiste; pois o primeiro está duro, o segundo, como couro, o terceiro encharcado, a crosta do quarto está mofada, o quinto embolorado, o sexto está fresco, e o sétimo ainda estava sobre as brasas acesas quando toquei-te para te acordar". E Guilgamech disse: "— O que deverei fazer, ó Utnapichtim, onde devo ir? Já o ladrão, no meio da noite segura meus membros; a morte habita em meu quarto; onde quer que se apóie meu pé, ali encontro a morte".

Então Utnapichtim falou para Urchanabi, o balseiro: "— Ai de ti, Urchanabi, agora e para sempre te tornaste odioso para esta enseada; ela não é para ti, nem é para ti cruzar este oceano. Vai, agora, banido do litoral. Mas este homem perante quem caminhaste, trazendo-o aqui, cujo corpo está coberto de impureza, e a graça de cujos membros foi conspurcada por peles de animais, leva-o ao local da purificação. Ali ele deverá lavar seu longo cabelo, como a neve na água, lançará fora suas peles e deixará que o mar as carregue, e a beleza de seu corpo deverá ser exposta, a fita em sua cabeça será renovada, e deverá receber roupas para cobrir sua nudez. Até que ele chegue à sua própria cidade e sua jornada seja cumprida, estas roupas não mostrarão sinal de envelhe-

cimento, e o vestirão como se fossem novas". Assim Urchanabi levou Guilgamech e mostrou-lhe o lugar da purificação, lavou seu longo cabelo até ficar como neve na água, atirou fora suas peles, que o mar levou para longe, e mostrou a beleza de seu corpo. Renovou a fita em sua testa, e para cobrir sua nudez deu-lhe roupas que não mostrariam sinal de envelhecimento, mas se mostrariam como novas até que chegasse à sua cidade e sua jornada estivesse cumprida.

Então Guilgamech e Urchanabi lançaram o barco à água e subiram a bordo, e aprestaram-se para velejar; mas a mulher de Utnapichtim, o Distante, disse ao marido: "— Guilgamech chegou aqui cansado, está exaurido; o que lhe darás para levar de volta à sua terra?" E Utnapichtim falou, e Guilgamech tomou uma cana e trouxe o barco para perto da praia: "— Guilgamech, chegaste aqui como um homem cansado, te exauriste; o que deverei dar-te para levares de volta a teu país? Guilgamech, vou desvelar-te uma coisa secreta, é um mistério dos deuses que estou te contando. Há uma planta que cresce debaixo d'água, tem um espinho, como o de uma rosa; ferirá tuas mãos, mas se tiveres sucesso em apanhá-la, então tuas mãos segurarão aquilo que restaura a um homem sua juventude perdida".

Quando ouviu isto, Guilgamech abriu as comportas para que a correnteza de água doce o levasse ao canal mais profundo; amarrou pedras pesadas a seus pés, que o arrastaram até o fundo das águas. Ali viu a planta cres-

cendo; muito embora o ferisse, tomou-a nas mãos; então cortou as pesadas pedras de seus pés, e o mar o carregou e lançou-o na praia. E Guilgamech disse a Urchanabi, o balseiro: "— Vem, e vê esta planta maravilhosa. Por sua virtude, um homem pode recobrar toda sua antiga força. Vou levá-la a Uruc, dos fortes muros, ali poderei dá-la aos anciãos para comerem dela. Seu nome será 'Os Velhos Rejuvenescem'; e por fim, comerei eu mesmo dela e terei de volta toda minha juventude perdida". Assim Guilgamech retornou pelo portão pelo qual viera, Guilgamech e Urchanabi foram-se juntos. Viajaram vinte léguas, e então quebraram o jejum; depois de trinta léguas, pararam para passar a noite.

Guilgamech viu um tanque de água fresca, ao qual desceu e banhou-se; mas no fundo da piscina estava uma serpente, e a serpente percebeu a suavidade da flor. Ergueu-se entre as águas e roubou-a; imediatamente soltou sua pele e voltou ao tanque. Então Guilgamech sentou-se e chorou, as lágrimas descendo por sua face, e tomou a mão de Urchanabi: "— Ó Urchanabi, foi por isto que pelejei com minhas mãos; foi por isto que arranquei o sangue de meu coração? Para mim mesmo, nada ganhei; não eu, mas a besta da terra a desfruta agora. Já a correnteza carregou-a vinte léguas para trás, no canal onde a encontrei. Encontrei um sinal, e agora o perdi. Deixemos o barco na margem e vamos".

Após vinte léguas, quebraram o jejum e após trinta léguas, pararam para passar a noite; em três dias tinham

andado tanto quanto uma jornada de um mês e quinze dias. Quando a jornada foi cumprida, chegaram a Uruc, a cidade dos fortes muros. Guilgamech falou para ele, Urchanabi, o balseiro: "— Urchanabi, sobe as muralhas de Uruc, inspeciona seus alicerces e a alvenaria; vê se não é de tijolos queimados; e se não foram os sete sábios que deitaram suas fundações? Um terço do todo é cidade, um terço é jardim, e um terço é campo, com o recinto da deusa Ichtar. Estas partes e o templo são toda Uruc".

Isto também foi a obra de Guilgamech, o rei, que conheceu os países do mundo. Ele era sábio, viu mistérios e conheceu coisas secretas, e trouxe-nos uma lenda dos dias de antes do dilúvio. Fez uma longa jornada, exauriu-se, esgotou-se de tanto labutar, e, ao retornar, gravou numa pedra toda a história.

7. A Morte de Guilgamech

O destino foi cumprido quando o pai dos deuses, Enlil da montanha, decretou para Guilgamech: "— Na terra inferior, a treva lhe mostrará a luz: de toda a humanidade conhecida, nenhuma deixará um monumento para as gerações vindouras que venha a se comparar com este. Os heróis, os sábios, tal como a Lua, têm seu crescente e seu minguante. E os homens dirão: '— Quem jamais governou com a força e o poder, como ele?' Como no mês escuro, o mês das sombras, assim, sem ele, não há luz. Ó Guilgamech, este foi o significado de teu sonho. Foi-te concedida a realeza, tal foi o teu destino, a vida sempiterna não era teu destino. Por causa disto, não estejas triste em teu coração, não fica magoado, ou oprimido; ele te deu o poder de atar e desatar, ser a treva e a luz da humanidade. Ele te deu supremacia sem par sobre o povo, vitória na batalha da qual nenhum fugitivo retorna, em incursões e assaltos de onde não há volta. Mas não abusa deste poder, trata justamente com teu servo no palácio, trata justamente perante a face do Sol".

O rei reclinou-se, e não mais se erguerá,
O Senhor de Kullab não se erguerá de novo;
Sobrepujou o mal, não mais voltará;
Não obstante seu braço forte, não mais se erguerá;
Tinha sabedoria e rosto agradável, não voltará;
Foi para a montanha; não voltará;
No leito fatal ele jaz, nunca se erguerá de novo,
Do divã de muitas cores nunca mais voltará.

O povo da cidade, grandes e humildes, não está silente; erguem um lamento, todos os homens de carne e sangue erguem um lamento. O destino falou; como um peixe fisgado ele jaz no leito, como uma gazela apanhada num laço. O desumano Namtar pesa sobre ele, Namtar que não tem mão nem pé, que não bebe água e não come carne.

Para Guilgamech, filho de Ninsun, pesavam suas oferendas; sua cara esposa, seu filho, sua concubina, seus músicos, seu bobo, e toda sua casa; seus servos, seus mordomos, todos os que viviam no palácio pesaram suas ofertas para Guilgamech o filho de Ninsun, o coração de Uruc. Pesaram suas oferendas a Erechkigal, a Rainha da Morte, e a todos os deuses dos mortos. A Namtar, que é o fado, pesaram a oferenda. Pão para Neti, o Guardião da Porta, pão para Ningizzida, o deus serpente, senhor da Árvore da Vida, para Dumuzi também, o jovem pastor, para Enki e Ninki, para Endukugga e Nindukugga, para Enmul e Nimul, todos os deuses ancestrais, ante-

passados de Enlil. Um banquete para Chulpae, o deus dos banquetes. Para Samucã, deus dos rebanhos, para a mãe Ninhursag, e os deuses da criação no lugar da criação, para a hoste do céu, sacerdotes e sacerdotisas pesaram a oferenda dos mortos.

Guilgamech, o filho de Ninsun, jaz na tumba. No lugar das oferendas, ele pesou a oferenda do pão; no lugar da libação ele verteu o vinho. Naqueles dias o senhor Guilgamech partiu, o filho de Ninsun, o rei, sem rival, sem par dentre os homens, que não negligenciou Enlil, seu senhor. — Ó Guilgamech, senhor de Kullab, grande é tua glória!

Impressão e Acabamento
GRÁFICA E EDITORA FCA
AV. HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, 3972 - TEL.: 419-0200
SAO BERNARDO DO CAMPO - CEP 09700 - SP

ENIGMAS E MISTÉRIOS DO UNIVERSO

Miraculosamente preservado em tabletes de argila, escrito em caracteres cuneiformes nas línguas suméria, hitita e babilônia, a *Epopéia de Guilgamech* é anterior em pelo menos 1.500 anos a Homero e uma das poucas histórias conhecidas a passar-se nos tempos quase míticos do Dilúvio, tendo possivelmente fornecido as bases para a narrativa bíblica de Noé.

Lenda secular sobre a busca da imortalidade por um herói humano, *Guilgamech* põe o leitor de hoje em contato com uma civilização mesopotâmica já em seu apogeu 3.000 anos antes de Cristo, constituindo talvez o primeiro dos épicos heróicos conforme os conhecemos.

Acompanhando esta edição da lenda há uma Introdução sobre os aspectos esotéricos que ela evoca e grande número de ilustrações sobre descobertas arqueológicas relacionadas.

Ilustração da capa: Rei-guerreiro chefiando uma caçada, relevo assírio proveniente da Biblioteca de Nínive, agora no Museu Britânico

hemus